

A Graça e o Dever de Ser  
Espiritual

Por John Owen

Traduzido, resumido e  
adaptado por Silvio Dutra

Os pensamentos deste trabalho eram originalmente meditações privadas para o meu próprio uso, e numa época em que eu era de todo modo incapaz de fazer qualquer coisa para a edificação de outros. Recebendo, como eu pensei, algum benefício e satisfação no exercício de minhas próprias meditações nisto, quando agradou a Deus restabelecer um pouco de força em mim, eu apliquei este assunto na instrução de uma congregação. Dar a outros essas verdades das quais eu mesmo tive alguma medida de uma real experiência, faz parte do trabalho de ensinar outros; porque como em geral, no trabalho do ministério deve ser declarado todo o conselho de Deus relativo à salvação da igreja por Jesus Cristo, e neste particular nós não devemos lutar de forma hesitante e duvidosa, como homens que batem no ar, nem atirarmos nossas flechas, sem uma certa extensão e propósito, ao acaso.

O conhecimento do rebanho sobre o qual fomos constituídos como pastores, requer uma consideração devida dos desejos deles, das suas graças, das tentações, da luz, da força e fraqueza deles, nisto. E quando, em prosseguimento àquele propósito, a preparação da palavra a ser dispensada procede de zelo para a glória de Deus e compaixão pelas almas dos homens, quando é entregue com a demonstração de uma reverência devida a Deus cuja palavra é de autoridade para aqueles aos quais é dispensada, com um senso profundo daquela grande conta que ambos, tanto

o que prega a palavra quanto aqueles que a ouvem, terão que prestar no tribunal de Cristo, pode haver uma expectativa confortável e santificada de todo o trabalho. Mas meu propósito presente é apenas o de declarar as razões em particular por que eu julguei a pregação e a publicação deste pequeno e claro discurso relativo à Graça e o Dever de ser Espiritual, para não ser completamente anacrônico neste momento das circunstâncias presentes da maioria dos cristãos. E a primeira coisa que eu observaria para este fim é, a importunidade presente do mundo em se impor nas mentes dos homens, e os vários modos de insinuação por meio dos quais isto é apresentado a eles. Se pode encher as mentes, os pensamentos, e afetos dos homens, consigo mesmos, vai fortalecer em alguns a alma contra a fé e a obediência, e em outros debilitar toda a graça, e trazer riscos de ruína eterna. Porque "se nós amarmos o mundo, o amor do Pai não está em nós" e quando o mundo abastecer os nossos pensamentos, isto emaranhará nossos afetos. E, como continuamente os pensamentos de muitos são para o mundo, e isto permeia a conversação deles, porque o mundo está com pressa no momento, e em muitos lugares têm sido rejeitados todos os fundamentos de firmeza da Palavra, e isto torna as mentes dos homens vertiginosas com suas revoluções, ou desordenando as suas expectativas.

Pensamentos sobre estas coisas são permissíveis e inevitáveis, se eles não levam a mente a sair de

seu próprio domínio pela multiplicidade deles, veemência, e urgência, até que são considerados como coisas espirituais.

Conseqüentemente os homens caminham e falam como se o mundo fosse tudo, quando comparativamente não é nada.

E quando os homens vêm com os seus afetos ardorosos, enquanto cheirando com os pensamentos destas coisas, é muito difícil para eles, se não impossível, incitar alguma graça a um exercício devido e vigoroso.

Nem podemos qualquer um de nós estar livre desta armadilha, nesta época, sem estar alertas, manter e preservar nossas mentes na contemplação constante das coisas espirituais e divinas, dando a elas o nosso afeto.

Novamente; há tão grandes e graves evidências da prevalência de uma armação terrena, mundana de espírito em muitos que fazem profissão da religião. E isto se manifesta nos hábitos deles, na sua forma de se vestir, na conversação habitual deles e nas formas de entretenimento liberais, que chegam às bordas do excesso, e várias outras coisas de uma igual natureza, que há dentro de muitos numa tal conformidade com o mundo (uma coisa severamente proibida por Deus) que é difícil de fazer uma distinção entre eles. E estas coisas se manifestam com uma tal predominância de afetos carnis nas mentes dos homens que elas são totalmente incompatíveis com paz espiritual. Livrar os homens desta condição má de coração e

descobrir o pecado e perigo disto, para dirigi-los aos modos e meios por meio dos quais possam ser providos os pensamentos e afetos deles com objetos melhores, descobrir e apontar quais exercícios são requeridos indispensavelmente de todos os crentes para que eles tenham vida e paz, é alguma parte deste presente trabalho. Há um forte apelo para se experimentar simplesmente emoções em muitas formas ditas de adoração a Deus, e de determinados exercícios também ditos espirituais, mas uma verdadeira adoração e exercícios espirituais efetivos trabalham com nossas afeições, pensamentos e ações, e não têm por fim único e último produzir em nós sentimentos, impressões e emoções. Deus requer obediência à Sua vontade revelada na Palavra, e não mero louvor e adoração de lábios, onde tal obediência não esteja presente, não como mero cumprimento de dever, mas com todo o nosso ser, afeto, amor e pensamentos. Temos que ter um exercício mais vigoroso do ministério da palavra, com outros meios designados para o mesmo fim, para lembrar especialmente aos líderes da igreja aquela necessidade de mortificação da carne e da renovação da mente pelo Espírito com as coisas espirituais do evangelho. Afinal, para que Jesus se esforçou tanto para nos conduzir a uma visão espiritual em Seu ministério terreno ? Para nenhum propósito prático ? Para ser algo em vão ? Para ser apenas filosoficamente considerado e não para ser efetivamente praticado na vida ? Por que os apóstolos lançaram o fundamento sobre o qual devemos construir, dando-nos tantas instruções

pelo Espírito de Cristo que neles estava, especialmente no que tange a nos guardarmos incontaminados do mundo ? Se isto não é de fato um fator impeditivo no nosso modo de viver agradavelmente a Deus, haveria necessidade de tantas alertas e exortações na Palavra neste sentido ?

Nestes e muitos outros aspectos, se os crentes comprovam ser estranhas a ele uma verdadeira espiritualidade através de uma vida que siga efetivamente o pendor do Espírito, e a menos que sejam achadas nestas coisas alguma boa medida, nenhuma graça prosperará ou florescerá em nós, nenhum dever será executado devidamente por nós, nenhuma condição santificada será encontrada em nós, nem estaremos sendo preparados de uma maneira devida para entrar na herança dos santos na luz.

## A GRAÇA E O DEVER DE SER ESPIRITUAL

“O pendor do Espírito dá para vida e paz” (Rom 8.6)

## INTRODUÇÃO

Certamente a conquista dos nossos afetos ocupam o centro da atenção de Deus porque Ele tem demonstrado abundantemente a profundidade dos Seus próprios afetos por nós. Todas as coisas preciosas que temos recebido de Deus são assim de imenso valor para nós, especialmente porque são marcadas pelo Seu amor. Ele nos deu o Seu Filho unigênito por amor, como prova da maior demonstração de que tudo de bom que dEle recebemos vem com a marca do Seu amor. "Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo" (II Cor 5.19). E ele está em nós. É esta presença abençoada em amor que dá o verdadeiro valor a todos os seus dons. Se o nosso coração não está naquilo que damos ou fazemos, isto não será de qualquer valor para Deus, porque o valor das coisas que damos e recebemos está em que o nosso coração esteja junto com elas em amor. Nós temos que estar em tudo o que damos e fazemos porque é assim que Deus é em Sua própria natureza, porque Deus é amor. A preciosidade de um presente não está no seu valor, no quanto seja caro para suprir nossos interesses egoístas, mas sim no quanto de amor afetuoso o acompanha tanto da parte daquele que o dá, quanto daquele que o recebe. O céu é de grande importância para o crente nem tanto pela preciosidade das coisas que serão herdadas, mas porque é a habitação dAquele que conquistou todo o nosso amor. Sem Deus e o Seu amor o céu não teria qualquer valor. Por isso as coisas que são desprezíveis para o mundo são de grande valor para Deus, quando elas têm a marca do Seu amor. É para este principal propósito que o Espírito

Santo nos é outorgado e habita em nós, para recuperar os nossos afetos para Deus e imprimir o Seu amor em nós. É nisto que reside o significado das palavras inspiradas de Paulo relativas ao amor em I Cor 13.

Deus é amor, e Deus é espírito. Não podemos portanto ter comunhão com Deus sem amor e sem sermos espirituais. Temos recebido o Espírito Santo para poder participar deste amor.

Por isso se diz em Romanos 8.5,6 "Porque os que se inclinam para a carne cogitam das coisas da carne; mas os que se inclinam para o Espírito, das coisas do Espírito. Porque o pendor da carne dá para a morte, mas o do Espírito para a vida e paz."

Em todo o verso 6, onde se diz "Porque o pendor da carne dá para a morte, mas o do Espírito para a vida e paz.", há duas proposições completas contendo uma antítese dupla, e esta oposição se refere a bem-aventurança eterna e ruína eterna.

Os assuntos opostos são o "pendor da carne" e o "pendor do Espírito", ou o ser "carnal" ou ser "espiritual". E estes dois constituem dois estados do gênero humano. Estas condições expressadas por "a carne" e "o Espírito", podem estar misturadas ao mesmo tempo nas mesmas pessoas – naqueles que foram regenerados, isto é, nascidos do Espírito; porque neles há "a luta da carne contra o Espírito, e do Espírito contra a carne, e estes são contrários" (Gl 5.17). Assim ações diferentes, contrárias no mesmo assunto não constituem estados distintos; mas onde



qualquer um deles é predominante ou tem um governo prevalecte na alma, produz na mesma um estado diferente. Esta distinção de estados que é expressada pelo apóstolo em Rom 8:9: "Vós porém, não estais na carne, mas no Espírito, se, de fato, o Espírito de Deus habita em vós. E, se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele.". "Aqueles que estão na carne não podem agradar a Deus" diz o verso 8. Porque buscam a carne (verso 5); porque eles vivem segundo a carne (verso 13). Isto é um estado. Outros estão "no Espírito" (verso 9); "buscam o Espírito" (verso 5); "são guiados pelo Espírito" (verso 14). Este é o outro estado. A um destes pertencem todos os homens; ele está debaixo da ação governante da carne ou do Espírito; não há nenhum estado mediano, entretanto há graus diferentes em cada um destes. Os que não têm o Espírito estão somente na carne. E os que têm o Espírito estão em ambos, sendo que num maior ou menor grau em um deles.

A diferença entre estes dois estados é grande, e a distância até certo ponto é infinita, porque uma eternidade em bem-aventurança ou de miséria depende disto; e isto é comprovado no momento pelos frutos diferentes e efeitos dos princípios e das operações deles que constituem estes estados diferentes que são expressados na oposição que está entre os predicados das proposições: "o pendor da carne dá para a morte, mas o do Espírito para a vida e paz."

Ser inclinado carnalmente é morte. Morte, é absolutamente penal, é espiritual ou eterna. O primeiro destes que é formalmente, o outro meritoriamente. É morte formalmente espiritual: porque aqueles que se inclinam para a carne estão "mortos em transgressões e pecados" (Ef 2:1); porque aqueles que "cumprem os desejos da carne e da mente são por natureza filhos da ira" (verso 3), e estão penalmente debaixo do poder da morte espiritual. Eles estão "mortos em pecados na incircuncisão da carne" (Col 2:13). E é meritoriamente morte eterna: "Porque os que vivem segundo a carne caminham para a morte" (Rom 8.13); como "o salário do pecado é a morte" (Rom 6:23).

A razão por que o apóstolo denuncia uma destruição assim tão terrível da mente carnal, está declarada nos dois próximos versos de Rom 8.6: "Por isso, o pendor da carne é inimizade contra Deus, pois não está sujeito à lei de Deus, nem mesmo pode estar. Portanto, os que estão na carne não podem agradar a Deus." (8.7,8). Se é assim com a mente carnal, então não é nenhuma maravilha que ser carnal é morte. Isto não tem nada a ver com o fato de termos um corpo físico, mas sim de não termos uma mentalidade espiritual divina, porque foi para isto que fomos criados. E aquilo que é inimizade contra Deus está debaixo da maldição de Deus.

Em oposição é afirmado que ser inclinado espiritualmente, ou a inclinação do Espírito, "é vida e paz". E são estas coisas que nós devemos

indagar particularmente indagar, isto é, o que significa ter a inclinação do Espírito que dá para vida e paz:

1. O " Espírito" neste contexto é evidentemente usado em um sentido duplo, como é habitual onde ambos, o Espírito Santo e o Seu trabalho nas almas dos homens estão relacionados.

(1) A pessoa do Espírito do próprio Deus, ou o Espírito Santo, é planejada para isto: Romanos 8:9 ("o Espírito de Deus habita em vós."). E também no verso 11: "O Espírito daquele que ressuscitou a Jesus dentre os mortos". Ele está falando aqui da principal causa eficiente de todas as misericórdias e benefícios espirituais.

(2) É usado como princípio de vida espiritual forjada em tudo aquilo que é regenerado pelo Espírito Santo; porque "o que nasce do Espírito é espírito" (Jo 3:6). Portanto é o Espírito o princípio santo, vital de nova obediência, forjada nas almas dos crentes, permitindo-lhes a viver para Deus.

Quanto à "carne" Paulo se refere aqui àquele princípio corrupto inerente à natureza depravada da qual procedem as más ações. A oposição entre a carne e o Espírito é mencionada pelo apóstolo em Gálatas 5:17.

2. O Espírito é o poder atuante principal da mente. É sua luz, sabedoria, prudência, conhecimento, compreensão, e discricção. Isto não é especulação mas um poder prático. É sua faculdade também operar em nossos afetos, permitindo que avaliemos a nossa real condição

espiritual. Conseqüentemente às vezes isto é traduzido por "pensar" - quer dizer, avaliar e julgar (Rom 12:3); às vezes "fixar o afeto" (Col 3:2) tendo uma apreensão das coisas para as quais devem ser dirigidos os nossos afetos; e às vezes "prestar atenção às coisas terrenas" (Fp 3.19), que inclui a apreciação e sabor que a mente acha nas coisas em que ela está fixada. Em nenhuma parte projeta somente uma concepção de noção das coisas, mas principalmente o compromisso dos afetos com as coisas com as quais a mente se ocupa.

Portanto, o "pendor do Espírito" é o exercício atual da mente estando renovada pelo Espírito Santo, e fornecendo um princípio de vida e iluminação espiritual, em sua concepção de coisas espirituais e a colocação de seus afetos nelas, achando aquele prazer e sabor que trazem satisfação consigo.

É algo que nós ainda temos que observar mais além, e dar luz a esta descrição do "pendor do Espírito", como é falada aqui:

1. Não é dito absolutamente como isto está em si mesmo, numa condição conquistada em sua forma final, mas com respeito ao seu poder e prevalência em nós, que nos torna espirituais, quer dizer, ter a mente mudada e renovada por um princípio de vida e iluminação espiritual, para ser influenciado continuamente e ter pensamentos e meditações de coisas espirituais, que produzem ação da mesma natureza, e gerando afetos que partem deles com alegria e satisfação. O contrário ocorre quando os homens

"prestam atenção nas coisas terrenas". De um princípio de amor por elas, surgindo da cobiça destas coisas terrenas que geram afetos corrompidos, egoístas, maus, insensatos, vãos, os seus pensamentos, meditações e desejos que estão continuamente comprometidos com eles. Podem portanto:

2. Ser distinguidas três coisas no grande dever de ter o pendor do Espírito, ou seja, de ser espiritual:

(1) O exercício atual da mente, em seus pensamentos, meditações, e desejos, sobre coisas espirituais e divinas. Assim é expressado em Rom 8.5: "Porque os que se inclinam para a carne cogitam das coisas da carne"; isto é, eles pensam nelas, nestas coisas da carne, nas idéias deles sobre elas, e os desejos deles que são forçados depois delas; "mas os que se inclinam para o Espírito, das coisas do Espírito"; isto é, eles prestam atenção a elas fixando nelas os seus pensamentos e meditações.

(2) A inclinação, disposição, e estrutura da mente, em todos os seus afetos, por meio dos quais adere e se dirige para as coisas espirituais. Este pendor do Espírito habitualmente reside nos afetos. Portanto, o pendor do Espírito, ou a mente renovada que opera por um princípio espiritual de luz e vida, é o exercício de seus pensamentos, meditações, e desejos, em coisas espirituais, procedendo do amor e delícia de seus afetos neles e compromisso com eles.

(3) Um desvanecimento de mente, daquele prazer e sabor que acha em coisas espirituais, da doçura delas em sua constituição, inclinações, e desejos. Há um sal em coisas espirituais, por meio do qual elas são temperadas e se fazem saborosas a uma mente renovada; embora para outros elas sejam como a clara de um ovo, que não tem qualquer gosto ou sabor. Nisto se baseia o prazer e a doçura e satisfação da vida espiritual. Noções especulativas sobre coisas espirituais, quando elas estiverem sós, é algo seco, sem sabor e estéril. Neste pendor do Espírito nós provamos por experiência que Deus é cortês, e que o amor de Cristo é melhor que o vinho, ou tudo o mais que produza prazer. Este é o próprio fundamento daquela "alegria que é indizível e cheia de glória" (I Pe 1.8).

Ser espiritual é o grande caráter distintivo dos verdadeiros crentes de todas as pessoas não regeneradas (incrédulos). Como tal é isto aqui afirmado pelo apóstolo. Todos aqueles que estão na carne, que não são nascidos de novo do Espírito, não podem agradar a Deus, nem podem fazê-lo e estão destinados a perecer. Mas aqueles que têm o pendor do Espírito, que são espirituais, que são nascidos de novo, são nascidos de Deus e vivem para ele, e podem agradá-lo. Os que são espirituais têm vida e paz.

Não será então nenhuma pequena vantagem sempre trazermos nossas almas e consciências em sujeição devida ao poder desta verdade - isto é, que ser espiritual é vida e paz; de onde se seguirá,

que tudo aquilo que nós possamos pensar caso não sejamos isto, nós nunca teremos nenhuma vida ou paz.

Aqueles que estão na carne, são descritos por Tiago (1.23,24) como o homem que vê a sua face natural num espelho; porque ele contemplou o seu estado mediante a comparação da sua vida com a que é exibida na Palavra, mas como ele não nasceu do Espírito, e não permanece na Palavra, ele logo se esquece do que viu. Ele havia concordado com o que a Palavra declara, mas imediatamente a sua mente voltou a estar cheia de outros pensamentos, agindo por outros afetos, levada para baixo com outras ocasiões, e eles se esquecem num momento da sua condição.

No caso dos crentes, um pode ser mais espiritual do que outro, porque isto varia em graus. O Espírito Santo é o mesmo em qualquer crente, mas a experiência com Ele, varia de crente para crente.

Há dois modos em que os homens são inclinados terrenamente. Pode ser de modo absoluto, quando o amor da pessoa pelas coisas terrenas é completamente predominante na sua mente. Isto não é contudo formal e corretamente ser inclinado carnalmente que é de uma extensão maior, porque uma é a denominação da raiz, do princípio, isto é, a carne; e a outra é o objeto, ou seja, as coisas da terra. O posterior (o objeto, ou seja as coisas terrenas) é uma filial do anterior (a carne) que é a sua raiz. Ser inclinado terrenamente é uma operação e efeito da mente

carnal de um modo especial, como está exemplificado em Fp 3:19 e I Jo 2:15,16. Quando há no interior de alguém um amor predominante pelas coisas terrenas, não pode ser dito desta pessoa que ela seja espiritual, ainda que seja um crente no qual habita o Espírito, porque apesar de ter o Espírito ela não anda no Espírito, não se inclina para as coisas do Espírito que dão para vida e paz. E isto se comprova pelo fato dos seus afetos estarem apegados às coisas que são deste mundo e não às coisas espirituais de Deus. Crentes assim são conhecidos por mundanos, porque estão amando o mundo, e excluindo-se da comunhão com Deus, porque como afirma a Palavra, aquele que ama o mundo não pode ter o amor de Deus nele.

Há também um afeto irregular pelas coisas deste mundo, e que é um pecado que deveria ser mortificado; mas ainda assim não é absolutamente incompatível com a substância da graça que experimentaram. Alguns que realmente são verdadeiramente espirituais, ficam, pelo menos durante um tempo, debaixo de um tal afeto irregular e se preocupam com as coisas terrenas. Eles estão em processo de crescimento espiritual, e assim experimentam esses graus de espiritualidade. E onde isto não esteja acontecendo, a graça nunca pode prosperar ou florescer, avançando para um grau mais eminente, porque o crescimento espiritual consiste também numa mortificação progressiva da carne e suas cobiças pelas coisas terrenas.



Este é o Zoar de muitos líderes que são poupados, que no hebraico significa "pequeno", uma das pequenas cidades que foram poupadas quando da destruição de Sodoma e Gomorra. Tal mentalidade terrena é completamente incompatível com ser espiritual, mas muitos são poupados de serem castigados por Deus por conta desta mentalidade carnal, porque estão sob o trabalho da graça, em franco processo de crescimento espiritual, ainda que não estejam conscientes disso, para que sejam desmamados do mundo. Entretanto, há mais de um modo de morte espiritual e morte eterna, como também de morte natural. Nem todos os que morrem de pestilência, perecem eternamente, porque não são culpados dos mesmos tipos de pecados. O cobiçoso é excluído do reino de Deus não menos severamente do que os fornicadores, idólatras, adúlteros, e ladrões (I Cor 6.9,10). Mas há um grau de espiritualidade que sendo inclinado para a carne supõe que haja uma contradição entre a prática de vida e a profissão de fé que fizeram. Mas, enquanto não avançam com pressa para um grau mais elevado de espiritualidade, eles se satisfazem com uma medida inferior. Mas uma coisa é certa, enquanto estiverem com os seus afetos ligados às coisas do mundo, eles não podem experimentar a boa, perfeita e agradável vontade de Deus, e serem efetivamente úteis no seu serviço. Eles não podem ter qualquer satisfação em suas mentes, porque não são mentes continuamente renovadas pelo Espírito, de modo que não estejam conformadas a este mundo. Tais pessoas podem ter a vida que

acompanha a essência da graça possivelmente, mas não podem ter paz, e a vida que possuem não terá a expressão da plenitude da qualidade de vida eterna que experimentam aqueles que são espirituais, por seguirem a inclinação do Espírito.

A Natureza Particular desta Graça e o Dever de ser Espiritual. Como isto é declarado

e comprovado pelos nossos Pensamentos.

Em Romanos 8.6 lemos que a inclinação da carne dá para morte, mas a inclinação do Espírito dá para a vida e paz. Em outras palavra isto significa que ser carnal é estar morto, e ser espiritual é ter vida eterna e paz.

Pensamentos e meditações que procedem de afetos espirituais são as primeiras coisas em que consiste a mentalidade espiritual, e por meio do que isto se comprova.

Nossos pensamentos são como as flores de uma árvore na primavera. Você pode ver uma árvore na primavera toda coberta com flores, de forma que nada mais dela aparece. Milhares destas flores caem e não vêm a dar em nada. Frequentemente onde há muitas flores há menos frutos. Mas ainda que não haja nenhum fruto, seja ele de que tipo for, bom ou ruim, ele deve vir de alguma dessas flores. A mente do homem está coberta com pensamentos, como uma árvore com flores. A maioria deles cai, desaparece, e não dá

em nada, terminam em vaidade; e às vezes onde há muitos destes pensamentos na mente geralmente haverá menos frutos; a seiva da mente se perde e é consumida neles. O fato de não haver nenhum fruto, seja bom ou ruim, decorre destes pensamentos serem abundantes. "Como o homem pensa em seu coração, assim ele é." (Pv 23.7). No caso de tentações fortes e violentas, a real estrutura do coração de um homem não será julgada pela multiplicidade de pensamentos sobre qualquer objeto, porque se eles são oriundos das sugestões de Satanás, imporão um senso ininterrupto deles na mente.

Todavia, pensamentos normalmente voluntários são a melhor medida e indicação da estrutura de nossas mentes. Como a natureza da terra é julgada pela grama que produz, assim a disposição do coração pode ser avaliada pela predominância de pensamentos voluntários; eles são as ações originais da alma, o modo por meio do qual o coração esvazia o tesouro que está no seu interior. O coração de todo homem é a tesouraria dele, e o tesouro que está nele ou é bom ou mau, como nosso Salvador nos fala. Há um tesouro bom e ruim do coração; em qualquer homem, seja ele bom ou mau, lá está. Este tesouro está abrindo, esvaziando, e se gastando continuamente, entretanto nunca pode ser esvaziado; porque ele tem uma fonte, que não pode ser esgotada. Quanto mais você gasta do tesouro de seu coração, mais você terá em abundância um tesouro do mesmo tipo. Seja bom ou mau, cresce por gasto e exercício; e o modo

principal por meio do qual avança é através dos pensamentos da mente. Se o coração é mau, eles são na maior parte vãos, imundos, corruptos, maus, tolos.

Portanto, estes pensamentos dão a melhor medida da estrutura de nossas mentes e corações. E isto é voluntário, porque a mente de si própria é hábil para inclinações e produz pensamentos até mesmo fora do controle da nossa vontade. Assim os homens podem ter uma multidão de pensamentos relativos aos assuntos da sua vocação, e não terem ainda nenhuma medida devida de estrutura dentro dos seus corações. Assim os homens cujo chamado e trabalho é estudar a Bíblia, e pregá-la a outros, podem não ter muitos pensamentos sobre coisas espirituais, e ainda pode ser, que freqüentemente sejam remotamente espirituais. Eles podem ser forçados pelo trabalho deles e chamada a ocuparem suas mentes dia e noite com tais pensamentos, mas ainda assim, não serem espirituais. Seria bom que todos os pastores se examinassem diligentemente nisto. "Eles vêm a ti, como o povo costuma vir, e se assentam diante de ti como meu povo, e ouvem as tuas palavras, mas não as põem por obra; pois com a boca professam muito amor, mas o coração só ambiciona lucro." (Ez 33.31).

É o grande caráter e descrição da estrutura das mentes de homens em uma condição de irregenerados, ou antes da renovação das naturezas deles, que "toda imaginação dos

pensamentos dos seus corações só é continuamente má" (Gênesis 6:5). Eles estão cunhando invenções e imaginações continuamente nos seus corações, e estampando-os em pensamentos que são vãos, tolos, e maus.

Todos os seus demais pensamentos são ocasionais; estes, são o produto natural, genuíno dos seus corações. Conseqüentemente, a mais querida, e às vezes primeira, descoberta do tesouro mau, que não tem fundo, de sujeira, loucura, e maldade que está por natureza no coração do homem é da multidão inumerável de imaginações más que são cunhadas lá e que são empurradas adiante diariamente.

Assim, é dito que "os perversos são como o mar agitado, que não se pode aquietar, cujas águas lançam de si lama e lodo." (Is 57.20).

Há uma abundância de maldade nos seus corações, assim como água no mar; esta abundância é colocada em movimento ininterrupto pelas suas cobiças e seus desejos impetuosos; conseqüentemente o lodo e sujeira de pensamentos maus são somados continuamente neles.

É então evidente que a predominância de pensamentos voluntários é a melhor e mais segura indicação da estrutura interior e do estado da mente; porque se é assim por um lado com a mente carnal, dá-se o mesmo por outro lado, com a mente espiritual. Portanto, ser espiritual, em primeiro lugar, é ter no curso e fluxo desses

pensamentos, que são comumente produzidos por nós, aquilo que nós aprovamos por serem resultantes de nossos afetos pelas coisas espirituais. Nisso consiste a inclinação do Espírito.

Mas sabendo que nem todos os homens são espirituais, nós temos que considerar o que é requerido para saber como tais pensamentos podem fazer uma certa indicação do estado de nossas mentes. E há estas três coisas a serem consideradas:

1o - Que eles são naturais, enquanto surgindo de nós mesmos, e não de situações externas. O salmista menciona o "pensamento interior do homem" nos Salmos 49:11, 64:6. Os pensamentos interiores surgem somente dos princípios, disposições, e inclinações interiores dos homens, e não são sugeridos ou estimulados por qualquer objeto externo. Nos ímpios eles se expressam nas suas cobiças, por meio das quais são atraídos e seduzidos (Tg 1.14), fazendo com que façam provisão para a carne. Estes são os seus "pensamentos interiores". Da mesma fonte são esses pensamentos naqueles que são espirituais, isto é, aqueles que têm a inclinação do Espírito. Eles são de outra natureza, mas também brotam na mente, independentemente de qualquer estímulo externo.

Assim em homens cobiçosos há dois tipos de pensamentos por meio dos quais a cobiça deles opera:

Os que são estimulados por oportunidades e objetos externos. Assim como se deu com Acã, em Josué 7.21: Ele disse: "Quando vi entre os despojos uma boa capa babilônica, e duzentos siclos de prata, e uma barra de ouro do peso de cinqüenta siclos cobicei-os e tomei-os; e eis que estão escondidos na terra, no meio da minha tenda, e a prata por baixo." A visão dele destes objetos, com uma oportunidade de possuí-los, inspirou pensamentos cobiçosos entusiasmados e desejos nele. Isto é o que ocorre diariamente com outros, aos quais as ocasiões os chamam a conversar com os objetos das suas cobiças. E eles ficam aprisionados por estes pensamentos. Eles se torturam e se movem para se empenharem para obter o objeto da sua cobiça. E alguns, através de tais objetos podem ser surpreendidos em pensamentos com os quais as suas mentes não estão habitualmente inclinadas; e então quando forem conhecidos, é nosso dever evitá-los.

É através do conhecimento deste princípio de se produzir a cobiça através da produção de pensamentos a partir de estímulos externos, que a mídia opera, uma vez que as pessoas em sua grande maioria recebem tais impulsos sem submeterem tais pensamentos a um juízo crítico de valor.

Mas há um tipo de pessoas que têm pensamentos desta natureza que surge deles próprios, de suas próprias disposições e inclinações interiores, sem qualquer provocação externa.

“O louco fala loucamente, e o seu coração obra o que é iníquo” (Is 32.6). “Mas o nobre projeta cousas nobres, e na sua nobreza perseverará.” (Is 32.8). A pessoa de coração transformado, que tem recebido a co-participação da natureza de Deus, pelo novo nascimento do Espírito, esta pode e deve ter pensamentos nobres e perseverar na nobreza, pela vigilância e estruturação de seus pensamentos, ocupando-os nas coisas nobres recomendadas em Fp 4.8.

Mas o ímpio, da sua própria disposição e inclinação interior, permanece inventando o modo de agir de acordo com os seus pensamentos, para satisfazer a sua cobiça. Para evitar esta armadilha, Jó fez um pacto com os seus olhos (Jó 31.1), e nosso Salvador fez a declaração santa sobre o mau uso do olhar em Mt 5.28. Mas o ímpio tem em si mesmo uma fonte habitual destes pensamentos, para os quais está constantemente inclinado e disposto. Conseqüentemente o apóstolo Pedro nos fala acerca de tais pessoas que elas têm “olhos cheios de adultério e insaciáveis no pecado, engodando almas inconstantes, tendo o coração exercitado na avareza” (II Pe 2.14).

Os seus próprios afetos lhes tornam inquietos nos seus pensamentos e idéias sobre o pecado. Assim se dá com aqueles que são dados a excesso de vinho ou bebida forte. Eles têm pensamentos agradáveis elevados em si mesmos do objeto da sua cobiça. Conseqüentemente Salomão dá aquele conselho contra a ocasião deles, em



Provérbios 23:31: “Não olhes para o vinho, quando se mostra vermelho, quando resplandece no copo, e escoa suavemente.”. O ato de fixar o olhar nisto, pode produzir pensamentos de cobiça para bebê-lo, daí o conselho de não se fixar o olhar nas possíveis fontes de tentação. O mandamento bíblico é que fuçamos delas, que as evitemos. E Salomão destaca as conseqüências do que for vencido pela tentação, por não seguir a instrução de Pv 23:31: “Pois ao cabo morderá como a cobra e picará como o basilisco. Os teus olhos verão cousas esquisitas, e o teu coração falará perversidades. Serás como o que se deita no meio do mar, e como o que se deita no alto do mastro, e dirás: Espancaram-me, e não me doeu; bateram-me, e não o senti; quando despertarei? Então tornarei a beber.”. (Pv 23.32-35). Assim é isto em outros casos. Os pensamentos deste tipo posterior são os pensamentos interiores dos homens.

O salmista diz no Salmo 45:1: “De boas palavras transborda o meu coração: ao Rei consagro o que compuz; a minha língua é como a pena de habilidoso escritor.”.

Ele estava meditando em coisas espirituais, nas coisas relativas à pessoa e reino de Cristo. Conseqüentemente “o seu coração transbordou para cima (como está no original) uma boa composição.”. Está insinuada uma fonte de águas vivas: de sua própria vida fluem rios de águas vivas (Jo 4.10,12). Assim se dá com aqueles que são espirituais, que seguem a inclinação do Espírito e que nada dispõem para a carne. Há uma

abundância viva de coisas espirituais nas suas mentes e afetos, que os eleva para cima em pensamentos santos.

O Espírito, com as suas graças residindo no coração de um crente, é um rio de água viva. Assim como do próprio coração do homem fluem continuamente maus pensamentos, oriundos de sua natureza terrena, de igual modo, da presença do Espírito Santo em nós, pode fluir também agora, continuamente, pensamentos santos e bons. Eles brotarão incessantemente da nova natureza implantada nos crentes. Se eles andarem no Espírito, eles verão que fluirá neles estes pensamentos celestiais. A água viva que Jesus nos dá é de outra natureza. Não é água para ser mantida num poço ou numa cisterna, de onde deve ser retirada por nós; mas está dentro de nós como uma fonte eterna, que não pode secar e se tornar inútil.

É por isso que Jesus diz em Mt 12.35 que “O homem bom tira do tesouro bom cousas boas; mas o homem mau do mau tesouro tira cousas más.”.

Primeiro, o homem citado é bom; como ele disse antes no verso 33: “Ou fazei a árvore boa e o seu fruto bom, ou a árvore má e o seu fruto mau; porque pelo fruto se conhece a árvore.”. Ele é feito assim por graça, na mudança e renovação da sua natureza; porque em nós mesmos não habita qualquer bem. Este homem bom tem um bom tesouro no seu coração. Mas todos os homens têm; como está dito: “mas o homem mau do mau

tesouro tira cousas más.". E esta é a grande diferença que há entre os homens neste mundo. Todo homem tem um tesouro no seu coração; quer dizer, um princípio inesgotável de todas suas ações e operações. Mas em alguns este tesouro é bom, em outros é mau; quer dizer, o princípio prevalecente no coração é o que leva junto com isto suas disposições e inclinações, para serem boas ou más. Do bom tesouro saem coisas boas. É a presença do Espírito no coração do crente que lhe dá tal inclinação para o que é bom, e que lhe permite ter bons pensamentos, segundo o coração de Deus. Os pensamentos que surgem do seu coração são da mesma natureza do tesouro que está nele. Se os pensamentos que naturalmente surgem em nós forem em sua maior parte vãos, tolos, sensuais, terrestres, egoístas, tal é o tesouro que está em nossos corações, e tal somos nós; mas onde os pensamentos que assim naturalmente procedem do tesouro que está no coração são espirituais e santos, é uma prova que somos de fato espirituais. Alguém que seja meramente religioso, que não tem o Espírito Santo, está desprovido da fonte de onde fluem os bons pensamentos, e assim, poderá apresentar uma fachada religiosa como os fariseus, que eram tidos na conta de homens santos, mas os seus pensamentos, ainda que não manifestados exteriormente em palavras e ações, tinham sua prevalência na fonte má de suas naturezas caídas. Por isso nosso Salvador lhes tirou a máscara quando disse que eram sepulcros caiados, bonitos por fora, mas cheios de podridão no seu interior.

Por isso os homens podem ter pensamentos relativos às coisas espirituais, e que em sua maioria não surgem deste princípio, mas isto pode ser entendido por duas outras causas:

1. Força interior.

2. Ocasões externas.

1. Força interior, como pode ser chamado, se refere a convicções. Convicções colocadas como um tipo de força na mente, ou uma impressão que faz com que a mesma aja de modo contrário à sua própria disposição e inclinação habitual. Está na natureza da água descer; mas se aplicamos um instrumento fazendo compressão na mesma, isto a forçará a subir veementemente, como se isso fosse seu movimento natural. Mas tão logo cesse a força que é imprimida sobre ela, imediatamente voltará à sua própria tendência, e descerá. Ocorre o mesmo freqüentemente com os pensamentos dos homens. Eles são terrenos, o seu curso natural e movimento são para baixo até às cousas terrenas; mas por uma impressão de convicção eficaz na mente, isto forçará os seus pensamentos para cima em direção às coisas divinas. Pode mesmo se pensar por muito tempo que seja este o seu curso e movimento natural, mas tão logo cesse o poder da convicção de sobre a mente, os pensamentos retornarão novamente ao seu velho

curso, e tenderão para baixo, para as cousas terrenas, assim como a água, em nossa ilustração.

Este estado e estrutura são descritos no Salmo 78.34-37: "Quando os fazia morrer, então o buscavam; arrependidos procuravam a Deus. Lembravam-se de que Deus era a sua rocha, e o Deus Altíssimo o seu redentor. Lisonjeavam-no, porém de boca, e com a língua lhe mentiam. Porque o coração deles não era firme para com ele, nem foram fiéis à sua aliança."

Os homens quando em dificuldades, perigos, doenças, temores de morte, ou debaixo de convicção forte de pecado, tentarão pensar e meditar em coisas espirituais; mas não poderão fazer sair coisas boas de uma fonte má, e assim, ainda que seja forte o esforço que façam para obedecer à vontade de Deus, isto não passará de hipocrisia e fingimento, porque a sua verdadeira inclinação e disposição interior não é espiritual, mas carnal. Assim, com a boca podem louvar a Deus, mas o seu coração não será firme para com Ele, e os pensamentos espirituais que se esforçaram por manter, se deterioraram e desapareceram e a mente foi impelida à sua posição natural. O profeta dá a razão disto: "Pode acaso o etíope mudar a sua pele ou o leopardo as suas manchas? Então poderíeis fazer o bem, estando acostumados a fazer o mal." (Jer 13.23).

Como estariam inclinados para as coisas espirituais, estando a sua mente inclinada naturalmente para as coisas terrenas? Assim, uma vez cessada a convicção imprimida sobre

suas mentes pelas dificuldades que sofriam, eles voltarão ao antigo curso de seus pensamentos.

É por isso que nos é ordenado uma caminhar constante no Espírito, que é a fonte de onde procedem os bons pensamentos. Não há em nós mesmos nenhuma fonte inesgotável e eterna de pensamentos espirituais. Assim, toda a espiritualidade ocasional, produzida por convicções ocasionais renovadas, que sobem e caem, quando estamos debaixo de repreensões de Deus, não são de modo algum o modo com o qual deve ser dirigida nossa vida espiritual, porque estes pensamentos espirituais se deterioram com as nossas convicções, tão logo estas sejam afastadas.

Somente os pensamentos espirituais que surgem de um princípio interno prevalecente de graça no coração; são constantes, a menos que uma interrupção sobrevenha a eles em determinada ocasião através de tentações.

2. Tais pensamentos não podem surgir espiritualmente nas mentes dos homens por meios e ocasiões externos. A finalidade determinada por Deus para tais pensamentos é a de produzir uma disposição e afetos santificados prevalecentes. Os próprios pensamentos em si mesmos não provam portanto, que alguém é espiritual. Quando você cultiva e aduba sua terra, e se ela produzir colheitas abundantes, isto é uma evidência que a terra é boa e fértil; mas se ao cultivar a terra, você colocar adubo suficiente nela, e assim mesmo a produção não melhorar,

você dirá que a terra é estéril. Ocorre o mesmo com o coração dos homens. O coração estéril pode ter pensamentos espirituais pela força da convicção, mas não produzirá o fruto espiritual esperado por Deus, porque a terra do coração é estéril. Mas o coração fértil terá pensamentos espirituais que fluem do seu próprio interior, pela presença do Espírito, que produz em nós pensamentos e desejos santos. A terra fértil do coração que recebe as chuvas da graça do Espírito e produz erva útil é abençoada por Deus, mas aquela que produz espinhos e abrolhos é rejeitada por Deus e está perto da maldição e o seu fim é ser queimada, como lemos em Hb 6.7,8.

A base da mente espiritual nos afetos - A natureza e uso deles - Os modos e meios usados pelo próprio Deus para chamar os homens do mundo através dos seus afetos.

Este estudo pode ser reduzido a três pontos principais:

1o - A disposição e inclinação habitual da mente em seus afetos.

2o - O exercício habitual da mente em seus pensamentos, meditações, e desejos, sobre coisas divinas.

3o - O desvanecimento da mente neste prazer achado em pensar e meditar nas coisas espirituais. O prazer da mente do homem

espiritual está nas coisas do Espírito de Deus, e a mente do homem natural não tem nenhum prazer nestas coisas e nem mesmo pode ter (Rom 8.5,7).

É por meio dos afetos espirituais que a alma adere às coisas espirituais. A grande competição do céu e da terra é sobre os afetos do homem. Quando Deus diz “Filho meu, dá-me o teu coração” (Pv 23.26), são os nossos afetos que ele está pedindo. Ele não receberá nada de nós sem eles. O maior e mais caro sacrifício não será aceito se nele não estiver o nosso coração. Todos os modos e métodos da dispensação da vontade dEle pela Sua palavra, todos os propósitos da Sua graça eficaz, apontam para este fim, isto é, recuperar os afetos do homem para Ele. Em outras palavras, Deus quer ser amado, estimado, adorado, louvado, por aqueles que têm sido transformados em seus filhos. Assim ele se expressou em sua Palavra, em Deut 10.12:

“Agora, pois, ó Israel, que é que o Senhor requer de ti? Não é que temas o Senhor teu Deus, andes em todos os seus caminhos, e o ames, e sirvas ao Senhor teu Deus de todo o teu coração e de toda a tua alma?”.

E é com o mesmo propósito que Ele declara isto pela palavra da Sua graça em Deut 30.6:

“O Senhor teu Deus circuncidará o teu coração, e o coração de tua descendência, para amares ao Senhor teu Deus de todo o coração e de toda a tua alma, para que vivas.”.



Por isso o juízo será certo sobre todo aquele que recusar o Senhor (Pv 1.24-31), porque todos os artifícios do mundo, todas as grandes promessas que faz, todas as tentações de Satanás, não têm nenhum outro fim senão o de atrair e manter os afetos dos homens para Si mesmo. E se o mundo é preferido antes de Deus, quanto a ganhar os nossos afetos, nós pereceremos justamente com o mundo por toda a eternidade, e aquele que tiver rejeitado a Deus será rejeitado por Ele.

Nossos afetos estão em tudo o que somos. Eles são tudo o que nós temos que dar. São o único poder de nossas almas por meio do qual nós podemos nos dar de nós mesmo. Por nossos afetos nós podemos dar o que nós somos e temos. Por este meio nós damos nossos corações a Deus, como ele requer de nós.

Até o que nós fazemos para outros, tudo que é bom, valioso, ou louvável, procede obrigatoriamente do afeto com que nós o fazemos. Fazer qualquer coisa em favor dos outros sem um afeto que anime nossas ações, é na verdade um desprezo deles; porque nós os julgamos realmente desmerecedores de que deveríamos fazer qualquer coisa por eles. Dar ao pobre sem piedade ou compaixão, prover os desejos dos santos sem amor ou bondade, com outras ações e deveres de igual natureza, são coisas de nenhum valor, coisas que não nos recomendam a Deus nem aos homens. Tudo aquilo que nós fazemos no serviço de Deus, qualquer dever que nós executamos sob o

comando dele, tudo que nós sofremos por causa do nome dele, se não proceder do interior de nossas almas e de nosso afeto por Ele, é menosprezado por Ele. Como se "ainda que alguém desse todos os bens da sua casa pelo amor, seria de todo desprezado." (Cantares 8.7).

Não será comprado ou será comprado com riquezas; assim se um homem desse a Deus tudo o que há em sua casa sem amor, seria menosprezado de certa forma. Por outro lado, porém nós podemos ser diligentes, industriosos, e zelosos, quanto às coisas deste mundo, contudo sem que elas possuam os nossos afetos no lugar de Deus. Nós não somos do mundo, nós não pertencemos a ele.

A hipocrisia é uma interposição enganosa da mente, em várias razões e pretensões, entre os afetos dos homens e a profissão deles, por meio do que um homem parece ser o que ele não é. A sinceridade é a revelação aberta da realidade dos afetos dos homens; que os tornam bons e úteis.

Os afetos estão para a alma assim como o leme está para o navio; se ele é movido por uma mão hábil, ela virará o navio inteiro para onde for do seu agrado. Se Deus tiver a mão poderosa da Sua graça sobre os nossos afetos, ele virará as nossas almas na direção adequada para obedecer a Sua vontade, e receber todos os tipos de providências, e permanecer firme contra todos os ventos e tempestades de tentação.

Todos os demais são rebeldes e obstinados, de corações endurecidos e afastados da retidão. E quando o mundo põe a mão em nossos afetos, vira a mente, e toda a nossa alma, para o seu interesse e preocupações. E é em vão afirmar que qualquer outra coisa poderá prevalecer contra aquela que tiver o poder sobre os nossos afetos, porque é esta que prevalecerá afinal. Aquele que tem o poder dos nossos afetos é o nosso verdadeiro senhor. Por isso não se pode servir a dois senhores de interesses distintos, sem que se desagrade a um deles.

“Como o ferro com o ferro se afia, assim o homem ao seu amigo.” (Pv 27.17). Tudo do homem pode ser afiado por ajudas externas e vantagens. A inclinação predominante dos afetos de um homem é onde reside a extremidade dele. Permitindo com isso que ele seja afiado nesta área, enquanto permanece embotado nas demais. É por isso que aquele ou aquilo que ganhar os nossos afetos será quem ou o que governará as nossas vidas.

Agora, porque deve ser que nossos afetos são espirituais ou terrenos num grau prevalecente em que ou Deus tem os nossos corações, ou o mundo, que nossa extremidade está voltada para o céu ou para as coisas aqui debaixo, mas nunca pode ser para ambos ao mesmo tempo ?

Primeiro, todas as coisas aqui debaixo eram boas e perfeitas no princípio, conforme foi declarado pelo próprio Deus, não somente na natureza delas, como também no uso que havia sido

projetado por Deus para elas. Elas eram então desejáveis aos homens, e o prazer deles teria sido uma bênção, sem perigo ou tentação; porque eles eram a ordenação de Deus para nos conduzir ao conhecimento dele e do Seu amor. Mas com a entrada do pecado, o mundo ficou debaixo da maldição e no poder de Satanás, e todas as coisas ficaram também sob a administração dele, de modo que veio a ser chamado de príncipe deste mundo, por ter sido eficaz em desviar o coração e afetos dos homens de Deus, para as coisas do mundo, como foi resumido pelo apóstolo em I Jo 2:15,16, onde vemos que as coisas do mundo procuram ser os objetivos dos nossos afetos. O pecado e Satanás procuram seduzir-nos para o mundo, mantendo assim o nosso coração afastado de Deus, cujo reino não é deste mundo. Como diz Paulo em II Cor 4.3,4: "Mas, se o nosso evangelho ainda está encoberto, é para os que se perdem que está encoberto, nos quais o deus deste século cegou os entendimentos dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, o qual é a imagem de Deus.". E o modo principal que o deus deste mundo ou século, trabalha para que o véu permaneça encobrindo os olhos dos incrédulos para que não creiam no evangelho, é por promessas de satisfação de todas as cobiças das mentes deles, galanteando-os com prazeres, posições, poderes, influências, fama, dinheiro, posses e tudo o mais que possa conquistar o afeto deles, mantendo-os afastados de Deus. E por outro lado, Deus revela através de vários exemplos, que todos as propostas de Satanás são vãs,

insatisfatórias e menosprezíveis, comparadas com as coisas eternas.

1. Ele fez isto eminente e visivelmente na morte de Jesus na cruz. O que pode ser visto ou achado neste mundo, depois de o Filho de Deus ter dado a Sua vida por nós ? O Senhor poderia ter usado títulos, coroas, ter regido impérios quando do seu ministério terreno, mas ele não desfrutou de nenhuma dessas coisas para nos revelar que não há nada de real e duradouro valor em tudo isto, mas somente para apoiar o desempenho do serviço a Deus. Conseqüentemente é por isso que Paulo conclui em Gál 6.14: "Mas longe esteja de mim gloriar-me, senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual o mundo está crucificado para mim, e eu para o mundo.". É como se dissesse em outras palavras: "Desde que eu cri, desde que eu tive um senso do poder e virtude da cruz de Cristo, eu fiz com que todas as coisas deste mundo; fossem uma coisa morta para mim, e que não tenham qualquer afeto meu por elas.". Isto é aquilo que fez a diferença entre as promessas do velho pacto e as do novo: porque elas eram em sua maioria relativas a coisas temporais, a coisas boas deste mundo e desta vida; mas as relativas ao novo são principalmente coisas espirituais e eternas. Deus não cancelaria a igreja completamente de uma consideração destas coisas, até que Ele tivesse dado uma demonstração suficiente da vacuidade, vaidade, e insuficiência delas, na cruz de Cristo (II Cor 4:16-18).

Não há nada de errado como já disse em ser industrioso neste mundo, mas ninguém será justicado por alegar que não teve tempo para Deus porque teve que entesourar para a sua família. Porque na verdade isto é uma desculpa esfarrapada para encobrir o compromisso vergonhoso dos afetos deles para com o mundo. Portanto, em todas estas coisas, às vezes é preciso olhar para Jesus, o autor e consumidor da nossa fé. Veja como ele é apresentado diante de nós no evangelho, pobre, menosprezado, injuriado, perseguido, pregado à cruz, e tudo por este mundo. Em tudo que for seu propósito e objetivo, deixe que a cruz dele se interponha continuamente entre seus afetos e este mundo. Se você for crente, suas esperanças estarão dentro de alguns dias em estar eternamente com ele. Será a Ele que você terá que dar conta de si mesmo, e o que você fez neste mundo. Portanto, nenhum homem pode fixar os afetos dele em coisas aqui debaixo sem ter qualquer consideração para com o padrão de Cristo, ou não estar em qualquer medida influenciado com o poder e a eficácia da cruz d'Ele. "Meu amor está crucificado", disse um santo velho mártir.

Todas as circunstâncias mencionadas foram necessárias ao Senhor Jesus Cristo, para o trabalho especial que Ele teve que fazer como o Salvador e Redentor da igreja; e então isto não significa conseqüentemente que nós deveríamos ser pobres em todas as coisas, assim como Ele foi. Mas devemos seguir o seu exemplo não colocando os nossos corações e afetos naquelas

coisas em que Ele não colocou o Seu próprio coração e afetos. E nem estes afetos podem prevalecer e habitar em nossos corações disputando a atenção e serviço que devemos dar a Deus.

2. Ele fez o mesmo nos procedimentos dele com os apóstolos, e geralmente com todos aqueles que são muito queridos a Ele, e que são seus instrumentos para revelar a glória dEle neste mundo, pelo pouco ou nenhum valor que dão às coisas deste mundo, pelo muito amor a Cristo que neles opera. Os apóstolos não apenas seguiram o exemplo de Cristo em sua pobreza, como também foram perseguidos e martirizados em sua quase totalidade. A honra de lançar os fundamentos do reino de Cristo no mundo foi dada aos apóstolos. A mente carnal consideraria que aos que tiveram tal honra deveria também ser concedido aqui neste mundo principados e honrarias. Arcebispos e outras dignidades eclesiásticas, que lhes auferisse sobretudo poder financeiro. Mas a Sabedoria Infinita dispôs o contrário para eles porque foi do agrado de Deus exercitá-los com as aflições comuns e calamidades desta vida que faz com que fujam de nós a doçura dos prazeres presentes, e assim eles viveram e morreram em uma condição de pobreza, angústia, perseguição, e injúria. Deus fez deles exemplos para outros fins, isto é, de luz, graça, zelo, e santidade nas suas vidas, para manifestar quão pouco concerne à nossa própria bem-aventurança o fato de dispor da abundância de todas as coisas aqui debaixo.

“Porque a mim me parece que Deus nos pôs a nós, os apóstolos, em último lugar, como se fôssemos condenados à morte; porque nos tornamos espetáculo ao mundo, tanto a anjos como a homens. Até à presente hora sofremos fome, e sede, e nudez; e somos esbofeteados, e não temos morada certa, e nos afadigamos, trabalhando com as nossas próprias mãos. Quando somos injuriados, bendizemos; quando perseguidos, suportamos; quando caluniados, procuramos conciliação; até agora temos chegado a ser considerados lixo do mundo, escória de todos.” (I Cor 4:9, 11-13).

E se esta consideração não é de peso para com outros, indubitavelmente deveria ser assim com aqueles que são chamados para pregar o evangelho, e que são os sucessores dos apóstolos. Não pode haver nada mais rude, absurdo, e vergonhoso, nada mais oposto à intimação da sabedoria de Deus nos Seus procedimentos, que tais pessoas busquem seguir prioritariamente atrás de vantagens seculares, em poder mundano, riquezas, e honra. Ainda que isto não signifique que os pastores não devem ter nada próprio de seu, e que deveriam viver de favores e contribuições das pessoas, no entanto, eles deveriam seguir o exemplo de Cristo e dos apóstolos não tendo os seus afetos apegados a qualquer coisa deste mundo.

3. Deus continua lançando desprezo sobre as coisas do mundo, sempre dando incomparavelmente a maior porção delas aos



homens mais vis e aos próprios inimigos declarados dele. Esta era uma tentação debaixo da antiga aliança, mas é altamente instrutivo debaixo da nova aliança. Nero foi um monstro, mas teve mais poder sobre as coisas deste mundo do que já teve o melhor dos homens. Quando você vê os principais tesouros e poderes deste mundo nas mãos de monstros como este, você pode entender em que grau Deus avalia tais bens. Se fossem muito valiosos e realmente necessários, Ele certamente os daria a Seus filhos, e não aos seus inimigos declarados.

Até mesmo nações ímpias que estão destinadas à destruição eterna têm desfrutado ao longo da história da posse da maior parte destes bens.

Os gananciosos recebem assim das mãos de Deus uma armadilha pela qual têm os seus afetos amarrados em coisas que não têm qualquer valor eterno, e por estas coisas continuam desprezando a Deus e a todas as coisas espirituais, porque seus afetos são governados pelas riquezas deste mundo. Eles são servos de Mamom, e por isso não podem ser servos do Senhor. E estas coisas que eles não distribuem com os que têm necessidade delas, em razão da sua avareza e ganância, será por isso mais um agravante da sua condenação eterna. E o que adiantará se o homem ganhar o mundo inteiro e vier a perder a sua alma? É por isso que Jesus diz que o valor da vida de alguém não consiste na quantidade de bens que a pessoa possui. Você pode ganhar o mundo inteiro, mas levar junto com ele a maldição, a morte e o

inferno. Qual será o argumento que poderá justificar aquele que desprezou a Deus por ter estado tão afeiçoado às coisas deste mundo ? Qual é a verdadeira riqueza quando se é rico para com os homens mas não para com Deus ?

4. Vemos em Eclesiastes 2 que Deus lançou o desprezo em todas as coisas que são daqui debaixo, e por isso nos ordena a não colocarmos os nossos corações nelas, mas naquelas que são do alto (Col 3). Deus tem também somado à vaidade delas o encurtamento das vidas dos homens neste mundo, e envelhecendo-os, de forma que não possam permanecer desfrutando delas prazerosa e continuamente. E isto nos conduz a pelo menos duas conclusões:

1o - que "todo homem no melhor estado dele é pura vaidade." (Sl 39.5).

2o - que "todo homem passa como uma sombra; em vão se inquieta; amontoa tesouros e não sabe quem os levará." (Sl 39.6).

A incerteza e brevidade das vidas dos homens fazem todos seus empenhos e idéias sobre coisas terrestres vãos e tolos. Quando os homens viviam oitocentos ou novecentos anos, eles tinham oportunidade de chupar toda a doçura que há nos confortos terrenos, e faziam grandes providências deles, e longas projeções sobre eles; mas quando eles tiveram por causa da multiplicação do pecado e especialmente da violência e maldade de suas ações, Deus reduziu depois do dilúvio, o prazo da vida dos homens para a ninharia de

oitenta anos, e os que passam disso, experimentam enfado e canseira. E Deus encurtou por Sua misericórdia a vida do homem para que ele pudesse entender a vaidade das coisas deste mundo e da sua própria vida, quando não tem a Cristo como seu Salvador e Senhor. Mas tal é o endurecimento do pecado, que mesmo com tal prazo reduzido de vida, o homem permanece ligado com seu afeto a este mundo, e se recusa em transferir o seu afeto das coisas transitórias e que se desgastam pelo uso, deste mundo, para as coisas são eternas e que são de Deus. Por outro lado, e quando disto se lembra que este homem que é de tal continuação curta neste mundo ainda é feito para a eternidade, e para a bem-aventurança ou miséria eternas, as quais dependem completamente do interesse do homem nas coisas que ganharão o seu afeto, eles têm que perder toda a sua razão em recusarem a graça que Deus lhes oferece para transportá-los das coisas que são daqui debaixo para aquelas que são de cima.

Deus tem também declarado abertamente nas Escrituras o perigo que há em se colocar o nosso prazer no uso das coisas que são deste mundo. E que uma multidão de almas caem em condenação por estarem irregularmente afeiçoadas a elas, porque elas são o objeto daquelas tentações por meio das quais as almas dos homens são sempre arruinadas; elas são o combustível que provê o fogo das cobiças deles, até que eles são consumidos por elas.

Os homens que estão debaixo do poder de convicções espirituais não entram em pecado, não falham eternamente, mas pelos meios da tentação; eles fogem para Deus para encontrarem abrigo das cobiças que guerreiam contra as suas almas.

Há muitas outras fontes de tentação, contudo quase todas as tentações ruinosas têm a sua fonte nas coisas deste mundo. Paulo chega a dizer que o amor ao dinheiro é a raiz de todos os males. Veja bem o dinheiro é a coisa, ou a representação das coisas que podem ser adquiridas por meio dele. Mas a raiz do mal está no afeto, no amor ao dinheiro. Em outras palavras no afeto às coisas deste mundo que o dinheiro pode comprar. Satanás usa isto como objeto de tentação e lança os seus dardos sobre crentes e descrentes para conquistar o afeto dos mesmos, e assim, pode mantê-los afastados das coisas de Deus e do próprio Deus.

“tudo o que há no mundo, a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida, não procede do Pai, mas procede do mundo.” (I Jo 2.16).

Não é uma enumeração completa e direta das coisas que estão no mundo, nem uma distribuição delas debaixo de vários graus de importância, mas são as cobiças principais das mentes dos homens, que ganham o afeto dos seus corações, e que os leva a viver exclusivamente para elas ou para alcançá-las. Portanto, não somente o assunto de todas as tentações é tirado do mundo, mas toda

coisa que está no mundo é hábil e ajustada para ser abusado para aquele fim. Por isso o padrão bíblico de satisfação em relação às coisas do mundo é: "tendo sustento e vestes estejamos contentes". Não somos encorajados a entesourar na terra, mas no céu. Não somos estimulados a estarmos ansiosos quanto ao que havemos de comer, beber ou vestir, mas a ter fé em Deus, que proverá nossas necessidades enquanto buscamos em primeiro lugar o Seu Reino e justiça. Deus tem fixado este padrão, para fazermos o uso adequado das coisas que nos são necessárias, e de nunca abusar delas. Nenhuma cobiça pode ser justificada, a não ser a busca daquilo que é realmente necessário para o nosso sustento. O mundo tem inventado muitas coisas pelas quais podemos ser atraídos, mas o nosso coração não deve estar apegado a nenhuma delas, e podemos fazer uso de todas elas, caso sejam aprovadas, sem nunca lhes dar contudo o nosso coração.

Assim, isto exige muita sabedoria espiritual para distinguir entre o uso e o abuso destas coisas, entre um cuidado legal sobre elas e um desejo irregular delas. Poucos distinguem isto corretamente, e então conhecerão o grande engano deles no último dia. As coisas do mundo colocam à prova o nosso amor, na disponibilidade dos recursos e bens ao nosso alcance para usá-los bondosa e generosamente no reino de Deus, cuidando das necessidades de outros (Mt 25.34-40). Assim, além de uma tentação, as coisas deste mundo são na verdade uma provação, porque pelo uso adequado delas se demonstra até onde é

verdadeiro o nosso amor a Deus e ao próximo. Porque o amor deve ser de fato e de verdade e não somente de palavras. A disposição e uso das coisas deste mundo para atender às necessidades de outros é uma prova que de fato o nosso afeto não está ligado a elas. O nosso desprendimento e aplicação delas comprovam esta verdade, e nisto o nome de Deus é honrado e glorificado, porque provamos que o nosso afeto por Ele é maior do que por qualquer outro bem deste mundo.

Em Lucas 14.12-14, Jesus nos ensina que devemos ter uma generosidade com desprendimento, não esperando receber nada em troca daqueles aos quais abençoamos com o uso dos nossos bens, porque receberemos na glória a nossa recompensa de Deus, pelo fato de termos demonstrado o nosso afeto por Ele e obediência à Sua vontade, de modo prático.

Pode ser dito, que "se é tão difícil de se distinguir entre estas coisas, isto é, o uso legal das coisas aqui debaixo e o abuso delas, a indústria permissível delas e o amor irregular delas, no entanto este conhecimento depende da nossa condição eterna, e é impossível aos homens passarem todo o tempo deles sem ansiedade solícita de mente, por saberem exatamente que têm cumprido o seu dever em relação a isto corretamente.

Quanto a se ter nossos afetos inclinados às coisas deste mundo, sabemos que isto é ruinoso e quase imperceptível. Seguramente nenhum homem sábio se aventurará espontânea e

freqüentemente até a extremidade de um tal precipício. "Não ameis o mundo nem as cousas que há no mundo. Se alguém amar o mundo, o amor do pai não está nele." (I Jo 2.15).

Lembrem-se sempre que vocês não são proprietários ou os possuidores absolutos dessas coisas, mas somente mordomos delas. Deus é o grande proprietário dos céus e da terra. Somos apenas mordomos dos Seus bens. E nós teremos que dar conta da nossa mordomia (Lucas 16.1,2). Esta regra deve sempre ser assistida como um guia santificador em todos os exemplos e ocasiões de dever.

E se um homem alcançar grandes posses, como mordomo do Senhor, que é o proprietário delas, e do próprio homem que deveria administrá-las para o Senhor, e este homem tem um sonho que elas são propriamente e exclusivamente suas, e ainda que ele venha a fazer um uso adequado delas, ele terá que prestar contas em todo o modo, de sua mordomia a Deus.

A luz de todas estas considerações derrama anda maior luz as palavras de nosso Senhor dirigidas aos crentes em Lc 16.9-13: "E eu vos recomendo: Das riquezas de origem iníqua fazei amigos, para que, quando estas vos faltarem, esses amigos vos recebam nos tabernáculos eternos. Quem é fiel no pouco, também é fiel no muito; e quem é injusto no pouco, também é injusto no muito. Se, pois, não vos tornastes fiéis na aplicação das riquezas de origem injusta, quem vos confiará a verdadeira riqueza? Se não vos tornastes fiéis na

aplicação do alheio, quem vos dará o que é vosso? Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de aborrecer-se de um e amar ao outro; ou se devotará a um e desprezará ao outro. Não podeis servir a Deus e às riquezas.". Este texto parece estar cheio de paradoxos. Mas, na verdade, nosso Salvador confirma o desprezo e a pequena conta que Deus dá às riquezas deste mundo. Jesus as denomina de riquezas de origem iníqua e injusta, chama-as de "pouco" em cuja mordomia devemos ser fiéis e justos para que sejamos colocados sobre a verdadeira riqueza que nos será concedida pela graça de Deus, e que recebemos do alto da parte do Senhor, e não deste mundo. Elas são designadas como "bens alheios" porque de fato nada levaremos deste mundo conosco. São bens de pouco valor por maiores que eles sejam, sob os quais somos colocados apenas como administradores de Deus e para Deus. Mas há uma herança duradoura no céu que nos pertencerá para todo o sempre, e o modo lícito de entrar na posse desta herança é ser fiel na aplicação nos bens que são deste mundo. E finalmente, Jesus conclui o seu ensino dizendo que não podemos servir simultaneamente a Deus e às riquezas deste mundo, como dois senhores distintos. Deus é o Senhor absoluto ao qual devemos servir. Não devemos ser servos das riquezas deste mundo. Ao contrário, devemos usá-las para servir a Deus.

Neste ponto, com este ensino do Senhor, podemos observar agora claramente que quando um homem não é liberal no uso das coisas



terrestres, seja qual for a sua justificativa para o contrário disso, como o cuidado prioritário de sua própria família dispondo bens para o futuro, ou qualquer outra da mesma categoria ou diferente, na verdade Ele terá um outro senhor diferente de Deus governando os seus afetos, e de um modo ou de outro é o mundo que terá a posse do seu coração, porque os afetos de nossas mentes devem ser colocados sobre o domínio das coisas, e não sob o domínio delas. E há ainda um ponto importante que deve ser considerado quando nossos afetos são dirigidos para as coisas deste mundo: nós somos atormentados com muitas dores por causa desta cobiça, como no dizer de Paulo em I Tim 6.10, porque isto nos desvia da fé, que mantém nossos afetos ligados a Deus, e nos ligamos ao mundo e às suas múltiplas ofertas de coisas que estimulam as nossas cobiças, que uma vez geradas produzem o pecado, e este uma vez gerado produz a morte. Ficamos assim espiritualmente mortos. Nos tornamos carnais. Deixamos de ser espirituais. E não podemos assim discernir as coisas de Deus que são espirituais. E não somente isto nos dará muitas dores, como também as muitas frustrações que o mundo nos fará sentir pela impossibilidade de termos tudo aquilo que nossos desejos almejam. É por isso que Paulo fala de a si mesmos se atormentarem com muitas dores aqueles que têm o amor do dinheiro em si, e não o amor a Deus. Não é possível amar ao mesmo tempo a Deus e ao dinheiro, porque são afetos que se auto excluem. Um não pode existir na presença do outro. O amor às coisas terrenas nos torna inclinados à carne, e sendo carnais não

podemos ter prazer nas coisas espirituais que são de Deus. E a recíproca é também verdadeira, porque quando amamos verdadeiramente a Deus, quando os nossos afetos estão voltados para Ele, automaticamente deixamos de estar apegados às coisas que são deste mundo, na multiplicidade de todas as suas formas.

Assim, trabalhe continuamente para a mortificação de todos os seus afetos às coisas deste mundo. Eles estão, no estado da natureza corrompida, e lhes desviarão sem qualquer consideração, a menos que eles sejam mortificados pela cruz de Cristo. Qualquer mudança forjada neles, será de nenhuma vantagem para nós. É somente a mortificação das cobiças da carne que pode nos transportar das coisas terrenas para a glória de Deus. Conseqüentemente é por isto que Paulo nos dá o mandamento de Col 3.2 de olharmos não para as coisas que são terrenas mas para as que são do céu. E para isto, nos dá o único modo de se poder fazer isto, no verso 5: "Fazei pois, morrer a vossa natureza terrena: prostituição, impureza, paixão lasciva, desejo maligno, e a avareza, que é idolatria.". E esta mortificação deve ser feita pelo Espírito Santo (Rom 8.13), e com base no sangue e na cruz de Cristo (Gál 6.14).

A menos que estas coisas sejam achadas em nós, nenhum de nós pode ter qualquer evidência ou garantia de que ele não esteja debaixo de um poder irregular, pelo amor predominante a este mundo.

Realmente, é uma coisa triste para se constatar, mas é possível que mesmo um pastor constante em seus deveres para com a igreja, apesar de ser um pastor sério e um homem de sãos princípios, ame o mundo. É possível que ele trabalhe para Deus mas que os seus afetos sejam dedicados ao mundo. A igreja de Éfeso recebeu de Jesus a repreensão de que apesar de ser efetiva na obra do Senhor, eles haviam abandonado o seu primeiro amor, isto significa que já não era Jesus o centro dos seus afetos. E a igreja nunca pode esquecer que o seu casamento com Cristo não é por um ajuste entre as partes, mas por amor.

Por isso, sabendo os perigos que envolvem as coisas deste mundo, o homem sábio orou da forma que lemos em Pv 30.8,9: "Não me dêis nem a pobreza nem a riqueza: dá-me o pão que me for necessário, para não suceder que, estando eu farto, te negue e diga: Quem é o Senhor ? ou que, empobrecido, não venha a furtar, e profane o nome de Deus."

O amor às coisas do mundo é na verdade um grande perigo, como nos alerta Tiago 4.4: "Infiéis, não compreendeis que a amizade do mundo é inimiga de Deus? Aquele, pois, que quiser ser amigo do mundo, constitui-se inimigo de Deus.". E como pode um crente continuar vivendo amando o mundo e não as coisas de Deus ? Como pode constituir-se em inimigo dAquele que se fez seu amigo morrendo por ele na cruz, justificando-o e regenerando-o para que vivesse não como amigo do mundo, mas como amigo de Deus?

Certamente, o Espírito que com ciúme anseia pelos nossos afetos, e que Deus fez habitar no crente (Tg 4.5), há de destruir as obras da carne e estes seus afetos pelas coisas terrenas, para que o coração do crente não esteja dividido e que ame inteiramente a Deus, e as coisas que são espirituais e eternas.

Pensamentos ocasionais sobre coisas espirituais não prova que alguém seja espiritual - Pregação da Palavra - Exercício dos dons - Oração - Como nós podemos saber se nossos pensamentos sobre coisas espirituais em oração são pensamentos verdadeiramente espirituais.

1. Muitos ouvem a pregação do evangelho com alegria e boa vontade, e nós vemos isto diariamente nas multidões. Mas muito destas coisas pregadas podem estar sem o efeito de produzir pensamentos nas mentes de tais pessoas sobre as coisas espirituais da palavra; porque tais pessoas não foram transformadas em pessoas espirituais. A causa desta falha é apontada por Jesus em Mt 13:20, 21: "O que foi semeado em solo rochoso, esse é o que ouve a palavra e a recebe logo, com alegria; mas não tem raiz em si mesmo, sendo, antes, de pouca duração; em lhe chegando a angústia ou a perseguição por causa da palavra, logo se escandaliza."

Os bons pensamentos que eles não têm procedem de qualquer princípio neles. Nem os afetos deles nem os seus pensamentos sobre estas coisas espirituais não têm qualquer raiz interna que eles deveriam cultivar. Eles têm pensamentos de coisas espirituais continuamente sugeridas a eles, e eles as recebem mais ou menos neles, e logo depois eles perdem todo o senso disto, de todos os pensamentos sobre as coisas do evangelho que ouviram. Quando a doutrina da palavra cai sobre tais pessoas como águas de chuvas, forma um curso d'água, às vezes grande, às vezes pequeno, nos pensamentos deles sobre as coisas espirituais; mas eles não têm neles a fonte de água viva que salta para a vida eterna. Portanto, depois de um algum tempo que as mentes deles são secadas de tais pensamentos; nada permanece deles, mas somente pedras e terra, onde dantes havia um córrego de águas.

Agora, naqueles que têm o Espírito Santo, e são espirituais, tais coisas são como a comida espiritual da alma, por meio das quais seu princípio de vida e graça é mantido e fortalecido.

Esta administração propicia o exercício da graça; atingindo o próprio objetivo da fé, gerando amor, temor, confiança, reverência, na alma. Os pensamentos que, sob a administração da palavra, procedem de um princípio interno da graça, são sugeridos exteriormente à mente pela palavra pregada porque:

(1) Eles são ações especiais da fé e amor às coisas que são pregadas.

(2) Eles são acompanhados com desvanecimento de alma, enquanto surgindo do amor que experimentam.

(3) Eles são meios de crescimento espiritual. Assim alguns dizem que o crescimento natural dos vegetais não se dá através de movimento insensível, mas por surtos e erupções sensíveis de aumento. Assim também se dá com o crescimento espiritual que é estimulado por esses pensamentos.

2. O dever da oração é outro meio de igual natureza. O seu fim principal é estimular, incitar, e conduzir adiante, o princípio da graça, de fé e amor no coração, até um exercício devido de pensamentos santos sobre Deus e coisas espirituais, produzindo afetos satisfatórios por meio disto. Aqueles que não projetam este objetivo na oração não sabem o que é orar. Agora, todos os tipos de pessoas têm freqüentemente oportunidade para se unirem com outros em oração, e muitos estão debaixo da convicção que é o próprio dever deles orar diariamente, seja em suas famílias ou publicamente. E é duro conceber como os homens constantemente podem se unir com outros em oração, muito mais para pedir, do que para serem renovados espiritualmente, com pensamentos sobre coisas espirituais. É até possível que eles não tenham qualquer raiz ou fonte viva neles, e tenham somente impressões ocasionais nas suas mentes sobre o desempenho externo do dever. Eu darei alguns exemplos disto:

Podem ser achados pensamentos espirituais numa pessoa no exercício do seu próprio dever, através do seus dons, e não haver qualquer ação da graça neles; porque eles conduzem e guiam as suas mentes nisto. Os dons são apenas a melhoria espiritual de nossas faculdades ou habilidades naturais; e um homem não pode falar ou pode proferir qualquer coisa senão o que procede das suas faculdades racionais, por invenção ou memória, ou ambos, administrados interiormente pelos seus pensamentos, a menos que se fale de um modo que não seja racional.

Um homem pode ler uma longa oração que expressa coisas espirituais, ou ainda ler textos inspirados da Palavra de Deus e ainda assim nunca ter um pensamento espiritual que surja na sua mente sobre aquilo que leu; porque não é requerido o exercício de qualquer faculdade da mente para tal leitura, mas somente prestar atenção às palavras que serão lidas. Mas, como foi dito, no exercício dos dons deve haver um exercício da razão, por invenção, julgamento, e memória, e por conseguinte pensamentos de coisas espirituais; ainda que estes sejam meramente ocasionais, no desempenho externo do dever, sem qualquer exercício de uma graça viva. Assim, muitos exercitam os seus dons enganando os seus ouvintes e às suas próprias almas.

É importante discernir portanto se os pensamentos que nós temos sobre coisas espirituais, quer em oração, quer no exercício de

dons, são influenciados por um princípio vivo da graça em nossos corações.

É uma reclamação antiga, a de que as coisas espirituais estão cheias de obscuridade e dificuldade; e é verdade. Não que haja tal coisa nelas, porque todas elas vêm do Pai das luzes, e estão cheias de luz, ordem, beleza, e sabedoria; e luz e ordem são os únicos meios por meio dos quais qualquer coisa pode ser conhecida. A dificuldade não está na Palavra, mas nas pessoas que não têm o Espírito para discernir a Palavra. Ou mesmo no caso de se ter o Espírito, nossas mentes são responsáveis pelo impedimento da apreensão das coisas divinas e espirituais por ignorância, tentações, e preconceitos de todos os tipos. Então, sem uma mente aberta que esteja disposta a aprender as coisas de Deus e sem a luz especial e administração do Espírito Santo, nenhum homem pode fazer um julgamento do seu estado pessoal e suas ações e para ter um fundamento estável para glorificar a Deus com sua vida e obter paz para a sua própria alma; e assim a maior parte do gênero humano constantemente se engana nestas coisas.

Por isso devemos de forma imparcial e severamente examinar a estrutura de nossas mentes nos deveres santos através da palavra da verdade, e nisso não tem qualquer medo de falar disso claramente às nossas almas das coisas que a palavra nos fala. Esta procura diligente deveria respeitar nossos princípios, alvos, fins, ações, com



o comportamento completo de nossas almas em todo dever.

Se um homem pensa nos seus deveres como simples números, como quem conta dinheiro, ele pode ser totalmente enganado, e estar espiritualmente pobre e falido, enquanto ele pensa que está rico, aumentado em bens, e não precisando de mais nada. Um pouco de deveres pode aparentemente trazer uma falsa sensação de segurança, pela idéia de ter feito muitas coisas para Deus, enquanto é possível não ter feito ainda algo que tenha contado com a Sua real aprovação. Ambos os meios devem ser usados, se nós não desejamos estar equivocados em nossas contas. Assim o próprio Deus, no meio de uma multidão de deveres, chama as pessoas para se examinarem a si mesmas. Para que não suceda o que lemos em Is 58.2-7: "Mesmo neste estado, ainda me procuram dia a dia, têm prazer em saber os meus caminhos; como povo que pratica a justiça e não deixa o direito do seu Deus, perguntam-me pelos direitos da justiça, têm prazer em se chegar a Deus, perguntam-me pelos direitos da justiça, têm prazer em se chegar a Deus, dizendo: Por que jejuamos nós, e tu não atentas para isso? Por que afligimos a nossa alma, e tu não o levas em conta? Eis que, no dia em que jejuais, cuidais dos vossos próprios interesses e exigis que se faça todo o vosso trabalho. Eis que jejuais para contendas e rixas e para ferirdes com punho iníquo; jejuando assim como hoje, não se fará ouvir a vossa voz no alto. Seria este o jejum que escolhi, que o homem um dia aflija a sua

alma, incline a sua cabeça como o junco e estenda debaixo de si pano de saco e cinza? Chamarias tu a isto jejum e dia aceitável ao Senhor? Porventura, não é este o jejum que escolhi: que soltes as ligaduras da impiedade, desfaças as ataduras da servidão, deixes livres os oprimidos e despedaces todo jugo? Porventura, não é também que repartas o teu pão com o faminto, e recolhas em casa os pobres desabrigados, e, se vires o nu, o cubras, e não te escondas do teu semelhante?”.

Nós devemos acrescentar ao exame próprio pessoal diligente as nossas orações fervorosas a Deus, para que ele possa nos revelar a verdadeira condição e estrutura dos nossos corações. Nós temos um exemplo claro disto no Salmo 139:23,24: “Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração, prova-me e conhece os meus pensamentos; vê se há em mim algum caminho mau e guia-me pelo caminho eterno.”.

Este é o único modo por meio do qual nós podemos ter o Espírito de Deus para testemunhar a nossa sinceridade com nossos próprios espíritos. Há necessidade de chamar ajuda divina neste assunto, porque somente Deus sabe completa e perfeitamente o que está nos corações dos homens.

Assim, nenhuma pessoa está em maior perigo do que aquelas que caminham no exercício dos dons espirituais em deveres para a sua própria satisfação pessoal ou mesmo de outros, sem levar em conta o seu estado espiritual diante de Deus. Nós vimos muitos no exercício sério dos seus

dons e que se tornaram vis e apostataram. Alguns foram conhecidos por viver deliberadamente em pecados e em indulgência pelas suas cobiças, e mesmo assim permaneceram constantes no exercício dos seus deveres. Isaías 1.10-15 fala sobre isto. E nós às vezes podemos ouvir orações que abertamente se descobre até certo senso espiritual como sendo o trabalho do cérebro, pela ajuda dos dons em memória e invenção, sem uma evidência de qualquer mistura de humildade, reverência, ou temor religioso, sem qualquer ação de fé e amor. Eles fluem como vinho, contudo cheiram e têm o gosto do barril sem gosto de onde eles procedem.

Os dons são ferramentas dadas por Cristo para tornar a graça útil a nós mesmos e a outros; sim, eles podem nos tornar úteis até mesmo para aqueles que não têm nenhuma graça em si mesmos.. Mas mesmo para as nossas próprias almas, elas não têm nenhuma outra vantagem ou benefício senão estimular a graça ao seu próprio exercício, e serem um veículo para continuar isto em seu próprio uso. Se nós nunca consideramos isto no exercício deles, nós estaríamos melhor sem eles, porque podemos ser iludidos de estar avançando no crescimento em graça, quando podemos na verdade não estar fazendo qualquer progresso, por estarmos satisfeitos apenas com o exercício dos nossos dons. É possível que alguém pregue com desenvoltura pelo uso do dom de conhecimento, e ainda assim, não ter qualquer comunhão efetiva com Deus. Quando usamos somente os dons pensando que eles fazem todo o

trabalho que caberia na verdade à graça para fazer, nós fazemos um uso inadequado deles, e abusamos deles, e eles se nos tornam danosos e perniciosos, em vez de úteis. Então, nós temos necessidade de sermos muito diligentes nesta investigação de nossos pensamentos espirituais, até mesmo em nossas orações.

Onde pensamentos relativos às coisas espirituais em oração são somente ocasionais, do modo antes descrito, tais orações não serão um meio de crescimento espiritual para a alma e elas não tornarão a alma humilde, santa, vigilante, e diligente em completa obediência. A graça não prosperará debaixo da maior constância em tais deveres. É uma coisa surpreendente para ver como, nisso, debaixo de freqüentes orações e de um aparente fervor, muitos de nós estamos prosperando visivelmente nos frutos da graça, e será temido não termos qualquer aumento de força na raiz disto. O Senhor não muda e é poderoso para abençoar. A oração é realmente um meio poderoso e eficaz. De onde é, então, que havendo tanta oração entre nós, haja tão pequeno e pouco sucesso? Eu não falo com respeito às dispensações externas da providência divina, em aflições ou perseguições, em que Deus sempre age de certo modo por sua soberania e misericórdia, mas eu me refiro às respostas conhecidas às nossas petições em oração. Falamos da certeza que tinha o salmista: "No dia em que eu clamei, tu me acudiste e alentaste a força da minha alma." (Sl 138.3).

Onde as orações são eficazes, elas trarão força espiritual. Mas há muitas orações que não são respondidas assim, porque aqueles que oram não são fortalecidos com graça em suas almas. Não há aquela prosperidade espiritual, aquele crescimento em graça que poderia e deveria ser esperado que acompanhasse tais súplicas. Ana orou ao Senhor pedindo-lhe um filho varão, e o seu semblante estava mui triste, mas tão logo derramou a sua alma na presença do Senhor já não estava mais triste, porque foi fortalecida por Deus com a sua graça.

Eu sei que um homem pode orar freqüentemente, orar sinceramente, por uma misericórdia especial, graça, ou libertação de uma tentação particular, e ainda não receber qualquer provisão espiritual de força em sua própria experiência. Assim Paulo orou muito para a remoção da tentação dele, e ainda teve a continuação do espinho em sua carne. Em tais casos não pode haver qualquer defeito na oração, e ainda a graça em particular apontada pode não ser atingida; porque Deus tem outros fins santos para realizar por este meio na alma. Mas como as pessoas deveriam continuar em geral em oração de acordo com a mente de Deus, perseverando nisto incessantemente, e ainda não prosperar com força espiritual em suas almas, é difícil de ser entendido. Veja que mesmo no caso de Paulo, ele continuou com o espinho na carne, mas obteve uma resposta do Senhor, e foi fortalecido pela Sua graça, ao ponto de conhecer que o poder de Deus se aperfeiçoa na nossa fraqueza. Assim, ele não

obteve o que pediu, mas foi fortalecido espiritualmente.

E é ainda mais estonteante e surpreendente que os homens se dediquem ao dever da oração, e com constância, em suas famílias, e ainda assim continuam vivendo em pecados conhecidos. Quaisquer pensamentos espirituais destes homens não os tornam pessoas espirituais. Pessoas assim são hipócritas porque toda oração sincera há de produzir santidade de vida além de fornecer força espiritual. Com estes se dá o que está em Pv 1.24,28-30: "Mas, porque clamei, e vós recusastes; porque estendi a mão, e não houve quem atendesse;... Então, me invocarão, mas eu não responderei; procurar-me-ão, porém não me hão de achar. Porquanto aborreceram o conhecimento e não preferiram o temor do Senhor; não quiseram o meu conselho e desprezaram toda a minha repreensão."

Estas pessoas não têm a fé do Senhor animando as suas orações. São de coração dobre, inconstantes, incrédulas, e assim, nelas se cumpre o que diz Tiago: "Não suponha esse homem que alcançará do Senhor alguma coisa; homem de ânimo dobre, inconstante em todos os seus caminhos." (Tg 1.7,8).

E embora nós não possamos dizer no geral a qualquer pessoa que deixe de orar até que tenha deixado o seu pecado, porque não podemos aconselhar um homem doente que não use nenhum remédio até que ele esteja bem curado. Quem sabe como o Espírito Santo está

trabalhando como lhe agrada, e Ele pode levar um tempo para animar estas orações inanimadas, e lhes dar um meio de libertação do poder de seus pecados? Enquanto isso, a falta e culpa é completa e propriamente deles, que efetuaram uma consistência entre um modo de pecar e continuar orando; e isto faz com que eles não aspirem por qualquer trabalho da graça para a transformação das suas vidas, enquanto permanecem nesta condição.

Há um fervor de espírito em oração que é uma das melhores propriedades disto, como uma ação séria de amor, fé, e desejo; mas há uma imitação de fervor que a própria mente pode produzir e que pode surgir de outras causas, como por exemplo:

[1] Pode ser resultante de afetos naturais pelos objetivos da oração deles, ou das coisas pelas quais oraram. Os homens podem ser sumamente sérios e determinados em suas mentes orando pela satisfação de um determinado desejo ou pelo livramento de dificuldades e perigos iminentes, e não ser tal fervor proveniente de um coração espiritual, mas da motivação do dever presente. Conseqüentemente Deus chama os gritos sinceros por coisas temporais, não como um "clamor a Ele", mas como um "uivo"; quer dizer, o grito de animais famintos, que intentam apenas serem satisfeitos. "Não clamam a mim de coração, mas dão uivos nas suas camas; para o trigo e para o vinho se ajuntam, mas contra mim se rebelam." (Oséias 7.14).

[2] Às vezes isto pode ser levantado da agudez de convicções que farão com que os homens pareçam rugir em suas orações. Isto pode parecer mas não é fervor se não vier de um coração espiritual. Muito barulho em orações vocalizadas quase aos gritos, mas nenhuma graça acompanhando isto.

[3] Frequentemente a mente e os afetos estão muito pouco interessados naquele fervor e sinceridade que aparecem no desempenho externo do dever; mas no exercício de dons, e pela própria expressão vocal deles, os homens colocam os seus afetos naturais numa tal agitação que os levará ao extremo de uma grande veemência nas suas expressões. Isto tem ocorrido com várias pessoas que foram descobertas posteriormente como hipócritas e apóstatas. Portanto, todas estas coisas podem acontecer e não existir nenhuma verdadeira graça as acompanhando.

Portanto a necessidade da investigação permanece. Como nós podemos saber que os pensamentos que nós temos das coisas espirituais no dever da oração são de uma fonte interna da graça, e assim é uma evidência de que nós somos de fato espirituais, isto é, que estamos de fato sendo dirigidos pelo Espírito Santo enquanto oramos ?

1o - Em geral nós estamos seguros de que nós temos em nós o testemunho que Deus dá acerca de seu Filho, porque cremos nEle (I Jo 5.10). A fé sincera será sua própria evidência; e onde há



ações sinceras da fé, elas se comprovarão, se nós provamos todas as coisas da Palavra, imparcialmente. Mas se os homens fazem, como a maior parte deles faz, o desempenho de qualquer dever, sem um exame dos princípios deles, estruturas de mente e pensamentos, e ações de graça por isto, não é nenhuma surpresa se eles entrarem em toda a sorte de incertezas.

2o - Quando a alma acha um doce desvanecimento espiritual interior e busca em seus deveres uma evidência que tem tido a operação da graça em seus pensamentos e desejos espirituais. Em Jeremias 31, o profeta dá uma longa mensagem de bênçãos de Deus relativas à igreja, e tudo pode ser resumido com o verso 25: "Porque satisfiz à alma cansada, e saciei toda alma desfalecida.". E o profeta conclui no verso 26: "Nisto, despertei e olhei; e o meu sono fora doce para mim.". Tantas e boas eram as promessas para aqueles que se aliançassem com Deus pelo Espírito (Jer 31:31-35) que quando o profeta acordou do seu sono em que Deus lhe dera as promessas que ele registrou em seu livro, ele não poderia ter se expressado de forma mais real e sincera do que a que fizera, dizendo que o seu sono fora doce para ele.

Se a promessa da bênção produziu tal refrigério de alma, o que diremos do seu atual cumprimento na igreja por meio de Cristo? Como pode então alguém alegar que tem buscado a Deus em oração e não tem achado refrigério para a sua alma? Esta pessoa precisa pedir ao Espírito que faça um

exame da sua condição espiritual para que possa conduzi-la pelo caminho eterno, porque o efeito da alma que tem real comunhão com Deus no dever de oração, é refrigério.

Este desvanecimento santo, este descanso, repouso e doçura de mente, é o fundamento da alegria dos crentes no exercício deste dever. Eles não somente oram porque é o dever deles fazê-lo, mas porque eles não podem viver sem isto, porque eles têm o seu prazer nisto; e os mantê-los sem isto é como tirar a sua comida e bebida diária. Este refrigério e alegria decorrem:

[1] da aproximação que é feita até Deus. Está em sua própria natureza um acesso até Deus em seu trono de graça, e ali se desfazem todos os temores e aflições da alma. Ef 2:18, Hb 10:19,20; e quando este acesso é animado pelas ações de graças, a alma tem uma experiência espiritual decorrente desta aproximação. Agora, Deus é a fonte e centro de todo o refrigério espiritual, descanso, e desvanecimento; e em tal acesso a Ele há um refrigério dEle que é comunicado à alma (Sl 36:7-9).

Deus é proposto na excelência da Sua bondade, graça e misericórdia; e assim Ele é também como a primavera e a luz da vida, e a fonte de todos os poderes espirituais e alegrias. Os que nEle crêem são descritos como pondo a confiança deles debaixo da "sombra das Suas asas". Na adoração dEle, eles se aproximam da "abundância da Sua casa". E lhes sacia a sede dando-lhes de "beber do rio das Suas delícias", satisfazendo-os com os

fluxos refrescantes da Sua graça e bondade. Eles se aproximam dele como da "fonte da vida", para beber daquela fonte em comunicações renovadas de vida, e na "luz de Deus", à luz do Seu semblante, eles "vêm a luz". É destas coisas que surge aquele desvanecimento espiritual que as almas dos crentes acham nos seus deveres (esta é a graça e o dever de ser espiritual, porque é no cumprimento dos deveres dos meios da graça (oração etc) que o crente se faz espiritual, e é sendo espiritual que ele tem o refrigério de Deus e paz, porque o pendor do Espírito dá para a vida e paz.).

[2] do exercício devido de fé, amor, e alegria no Senhor, com gratidão nos corações, das graças em que a vida da nova criatura consiste. Assim como há em nossa constituição natural poderes que operam para a sua preservação e crescimento, de igual forma há também em nossa constituição espiritual, poderes para a sua preservação e crescimento. Estas graças, no devido exercício delas, compõem e refrigeram a mente. Por isso uma satisfação santificada e desvanecimento acontecem na alma.

[3] do testemunho da consciência, sustentando o testemunho da nossa sinceridade, tanto em objetivos, aspirações e desempenhos do dever. Conseqüentemente disto resulta um repouso de mente e grande satisfação.

Se nós não tivermos nenhuma experiência destas coisas, é evidente que nós estamos realizando ao acaso o melhor dos nossos deveres; porque a principal coisa que nós podemos fazer é orar. E se

nós não tivermos experiência dos efeitos de nossas orações em nossos corações, nós não teremos vantagens nelas, nem traremos glória a Deus por elas.

Mas ainda aqui, como em outras coisas espirituais, em vez de uma graça misturada com humildade, como é toda verdadeira graça, pode surgir um efeito vil de orgulho espiritual, ou o oferecimento de um sacrifício de nossa própria iniciativa, gloriando-se na carne, porque tudo o que é nascido da carne é carne, e tudo o que nasce do nosso próprio ego, é carnal e não espiritual. Nunca devemos esquecer o que Jesus disse do fariseu orgulhoso de seus feitos espirituais, e como nos é recomendada a humildade do publicano que orava ao seu lado. A verdadeira espiritualidade está somente em Deus, ela não está no nosso ego. Isso enche a alma de humildade e auto-negação, porque sem o Senhor nada pode fazer que agrade a Deus.

Muitos alegam que não conhecem tal desvanecimento e descanso espiritual em Deus, e que no melhor eles começam a orar com lágrimas e terminam com tristeza, e temem que Deus não seja glorificado por eles nem as próprias almas deles melhoradas.

Eu respondo:

[1] Há grande refrigério espiritual naquela tristeza religiosa que está no trabalho das nossas orações. Onde o Espírito Santo está há um Espírito de graça

e súplica, ele causa lamento, e naquele luto há alegria.

[2] o encorajamento secreto que nós recebemos, quando oramos, para buscarmos a Deus em oração para ter um pouco da experiência deste desvanecimento santo, entretanto nós podemos não ter uma evidência sensível disto.

[3] talvez alguns dos que fazem esta reclamação, se eles despertassem e considerassem, veriam que as almas deles pelo menos, às vezes, foram assim refrigeradas e trazidas a um santo descanso em Deus.

[4] então devem conhecer o Senhor, e devem prosseguir em conhecê-lo. E devem manter a busca deste desvanecimento e satisfação em Deus, e certamente o atingirão.

É uma evidência segura de que nossos pensamentos sobre coisas espirituais em nossas súplicas são oriundos de uma ação da graça em nosso interior, e que não são ocasionados somente pelo próprio dever, quando nós achamos o fruto diário e a vantagem deles, especialmente na preservação de nossas almas numa santa e humilde vigilância.

São inúmeros os benefícios, vantagens e efeitos da oração. Crescimento em graça e consolação são a substância deles. Onde há perseverança em oração, haverá crescimento espiritual em alguma proporção. Aquele que ora deve viver como ele ora. Orar sinceramente e viver negligentemente significa proclamar que um homem não está

prestando atenção espiritualmente à sua oração. Por este meio, então, nós saberemos qual é a fonte daqueles pensamentos espirituais que nossas mentes utilizam em nossas súplicas. Se eles são influenciados por uma constante e diária vigilância para a preservação daquela condição de espírito, daquelas disposições e inclinações às coisas espirituais pelas quais nós oramos, então eles são resultantes de uma operação interna da graça. Se geralmente há uma inutilidade em nossas mentes quando fazemos nossas orações, o dom pode estar em exercício, mas a graça estará faltando.

Os pensamentos relativos às coisas espirituais são como muitos convidados que entram numa hospedaria, e não como filhos que moram em sua própria casa. Eles entram ocasionalmente, e então há um grande movimento entre eles, e eles chegam e se vão assim como vieram sem que tenham que dar quaisquer explicações. E novas ocasiões trazem novos hóspedes que também chegarão e se irão como os anteriores. Os filhos em suas casas ainda que estejam fora, têm a sua provisão diária constante e permanentemente garantida. Mas não ocorre o mesmo em relação aos pensamentos ocasionais sobre coisas espirituais. Eles penetram na mente da pessoa, e permanecem lá por um período, e subitamente eles partem e os homens não ouvem mais falar de nenhum deles. Mas aqueles que são naturais e genuínos, quando surgem de uma operação viva da graça no coração, enquanto dispendo a mente até eles, são como os filhos da casa. Eles esperam

nos seus lugares e nas suas épocas. Se eles estiverem ausentes, nós perguntamos por eles. O coração não pode ficar muito tempo sem eles, e quando sente a sua falta ele os chama para que possa conversar com eles.

Outras evidências de pensamentos sobre coisas espirituais que surgem de um princípio interno da graça, por meio das quais eles são espiritualmente uma evidência de nossa espiritualidade - A abundância destes pensamentos é uma destas evidências.

Uma das evidências de que nossos pensamentos sobre as coisas espirituais procedem de uma fonte interna de luz e afetos santificados, ou que eles são espiritualmente atos ou frutos de nossa espiritualidade, é que eles abundam em nós, que nossas mentes estão cheias com eles. Nós podemos dizer deles como disse o apóstolo sobre outras graças: "Porque estas coisas, existindo em vós e em vós aumentando, fazem com que não sejais nem inativos, nem infrutuosos no pleno conhecimento de nosso Senhor Jesus Cristo." (II Pe 1.8). Realmente, isto é como que as nossas mentes estão como a terra de Egito nos anos em que produziu em abundância, nos dias de José. Quando nossos pensamentos fluem como água viva em nós com um fluxo cheio e atual; porque há uma medida de abundância que é necessária para comprovar nossa espiritualidade.

Há um efeito duplo designado em Romanos 8.6: 1o - "vida" e 2o - "paz". A consequência da operação interna da graça é "vida", mas também é "paz", e isto depende deste grau e medida de nossos pensamentos espirituais; e é isto que nós temos que considerar, porque se diz que é a inclinação do Espírito que produz tal vida e paz. E esta inclinação do Espírito em nós significa que somos dirigidos pelo Espírito como espirituais e não como carnis, porque estes, em vez de vida e paz, caminham para a morte.

No homem espiritual há uma prevalência de bons pensamentos porque ele é guiado pelo Espírito. Mas no homem carnal há uma prevalência de maus pensamentos, porque o homem mau não pode tirar do mau tesouro do seu coração cousas boas. Mas, mesmo nos que são espirituais, em razão da natureza terrena que neles habita, há de atravessar diariamente as suas mentes, maus pensamentos, ainda que não de forma prevalecente.

Assim, todos estão sujeitos à ação do pecado em razão da vaidade e maldade dos pensamentos e imaginações do coração. Nós não podemos então ter nenhuma maior evidência de uma mudança em nós deste estado do que uma mudança que for forjada no curso de nossos pensamentos. Uma renúncia deste ou daquele pecado particular não é uma evidência de uma mudança deste estado; porque, como foi dito, tais pecados particulares procedem de cobiças e tentações, e são uma consequência universal imediata daquela



depravação da natureza que é igual em todos. Uma mudança nisto é uma evidência santificada de uma mudança de estado. A cura de um pecado particular pode deixar para trás de si as sementes da morte eterna que podem germinar rapidamente; mas aquele que tem obtido uma mudança neste caráter que pertence essencialmente ao estado da natureza depravada está recuperado espiritualmente. Por isso é necessário que o homem nasça de novo para que possa vencer o princípio operante do pecado. E o fluxo de nossos pensamentos é mudado, e nossas mentes ficarão cheias das inclinações e disposições desta nova natureza recebida no novo nascimento.

Não há nada tão irresponsável como a multiplicidade de pensamentos das mentes dos homens. Eles caem deles como as folhas caem das árvores quando são agitadas pelos ventos do outono. Ter todos estes pensamentos, todas as várias invenções do coração, todas as concepções que são moldadas e agitadas na mente, ser mau, e continuamente, isto é um verdadeiro inferno e horror. Uma libertação deste estado repugnante, odioso é mais valiosa do que o mundo inteiro. Sem isto nenhuma vida, nem paz, nem imortalidade, nem glória, poderão ser alcançadas.

O propósito da convicção é pôr uma parada nestes maus pensamentos, reduzindo drasticamente o número deles. Não merece o nome de convicção de pecado o que respeita somente a ações externas, e não considera as ações interiores na

mente; e isto somente por um período porque as mentes e corações dos homens estão fabricando continuamente novos pensamentos e imaginações; a faculdade cognitiva sempre está trabalhando. Como os fluxos de um rio poderoso que colide com o oceano, assim são os pensamentos do homem natural, e pelo seu ego eles colidem com o inferno sem que seja possível o fluxo do rio de tais pensamentos. Não há nenhum modo para desviar seu curso mas só provendo outros canais para suas águas revoltosas. O fluxo poderoso dos pensamentos maus dos homens não admitirá que nenhuma represa possa detê-los em seu curso. Há apenas dois modos de tratar com eles, um respeita ao mal moral deles, o outro à abundância natural deles. O primeiro é lançando sal na fonte, como Elias curou as águas de Jericó - quer dizer, adquirindo um coração e mente temperado com graça; porque a árvore deve ser tornada boa antes que possa dar bom fruto. O outro é, transformando os fluxos deles em novos canais, fixando novos alvos e fins para eles, e assim nós devemos abundar em pensamentos espirituais. Para este propósito é o conselho do apóstolo, em Ef 5:18,19: "E não vos embriagueis com vinho, no qual há dissolução, mas enchei-vos do Espírito, falando entre vós com salmos, entoando e louvando de coração ao Senhor com hinos e cânticos espirituais."

Quando os homens estão bêbados com vinho, eles tornam isto rapidamente evidente pelas suas imaginações vãs, tolas, ridículas porque é isto que preenche completamente as mentes deles. Em

oposição a isto os crentes devem se encher do Espírito" - trabalhando para terem uma participação dEle de modo que possam encher as suas mentes e corações com louvores e com a Palavra de Deus, gerando neles pensamentos santos e espirituais. Portanto, quando nós somos espirituais, nós abundamos em pensamentos espirituais, ou pensamentos de coisas espirituais. Que nós tenhamos tais pensamentos não comprovará suficientemente que nós somos espirituais, a menos que nós abundemos neles. E isto nos conduz à investigação desta parte principal, isto é, qual é a medida destes pensamentos, como nós podemos saber que estamos abundando em pensamentos espirituais?

Em geral, eu respondo entre outros textos da Bíblia que o Salmo 119 nos dá este entendimento. Considere o que o salmista expressa como sendo a delícia constante dele em ter pensamentos ininterruptos da lei de Deus; que era os único meio da revelação divina naquela época. Tentem dirigir a si mesmos por aquele padrão; examinem a si mesmos se podem falar verdadeiramente as mesmas palavras juntamente com ele, pelo menos se não no mesmo grau de zelo, contudo com a mesma sinceridade de graça. Você dirá: "Mas esse era Davi! Eu não posso ser como ele". E a isto eu respondo: Estas coisas não estão escritas na Bíblia para mostrar o que eles eram, mas o que nós deveríamos ser. Foram escritas todas as coisas relativo a eles para nossa advertência (I Cor 10.11). E se nós não temos o mesmo gozo em Deus que eles tiveram, a mesma espiritualidade em

pensamentos e meditações das coisas divinas, nós não podemos ter nenhuma evidência de que nós agradamos Deus como eles fizeram, ou de que iremos para o lugar onde eles estão. A profissão da vida com Deus se tornou para muitos numa fácil e baixa taxa. Os pensamentos deles são na sua maior parte vãos e terrenos, e a comunicação deles sem gosto, e às vezes corrompe, as próprias vidas deles. Os homens santos antigos que obtiveram testemunho de terem agradado a Deus, não caminharam assim diante dele. Eles meditaram continuamente na lei; pensavam em Deus dia e noite e em todos os momentos de suas vidas, eles o serviram, o louvaram e fizeram dEle o motivo de suas vidas. E tomando o exemplo de Davi que eu propus; é uma promessa da graça a ser administrada pelo evangelho de que aquele que for fraco será como Davi (Zac 12,8), e se nós não somos assim em nossa espiritualidade, devemos temer que sejamos de fato participantes da promessa.

Nosso interesse principal, como nós professamos, repousa em coisas espirituais, divinas e eternas. Não seria então de se supor que a maioria de nossos pensamentos deveriam ser relativos a tais coisas espirituais, divinas e eternas ? Mas, onde estiver o nosso tesouro, lá estará também o nosso coração. E o que os homens consideram realmente como o seu tesouro ? Como eles consideram seu comércio, famílias e demais interesses terrenos ? Não é geralmente nisto que costuma repousar a preocupação principal deles em comparação com outras coisas ? E os afetos de

nossos corações atuam pelos pensamentos de nossas mentes. Portanto, se nosso tesouro principal é, como nós professamos, coisas espirituais e divinas (e que aflição será para nós se não é assim!) neles estarão nossos afetos, e por conseguinte onde nossos desejos e pensamentos estarão fixados principalmente.

Se nós fizermos um melhor exame de nós mesmos por esta regra, nós temos que considerar os seguintes pontos principais, quanto aos nossos pensamentos:

(1) Há que se considerar especialmente o grupo de homens que levantam cedo e vão tarde para a cama e comem pensosamente o pão que granjearam (Sl 127.2), e que são particularmente industriosos e diligentes em seus negócios. Estes homens geralmente consideram que os seus pensamentos se encontram no devido lugar deles e em boa medida. Mas a quase totalidade dos seus pensamentos se referem apenas às coisas do seu próprio interesse particular, e isto pode ser notada em suas conversações. E eles se afirmam nisto porque são louvados pelos demais homens pela sua diligência industriosa. Que evidência, então, eles podem ter que eles são espirituais, quando o coração deles se recusa continuamente a atender o chamado do Senhor a participar do seu banquete espiritual, porque estão compromissados com os seus próprios negócios? Qual incompatibilidade haveria em terem o seu coração continuamente no Senhor, enquanto cuidam dos seus próprios negócios? Davi era um

homem cheio de responsabilidades. Ele tinha todo um reino para administrar. Mas não se permitiu ficar afastado do seu Deus por um só dia, ou mesmo por horas, porque o louvava pelo menos três vezes ao dia, e sabia por experiência que um só dia na presença do Senhor valia mais do que mil. A industrioseidade não pode ser portanto uma justificativa para que o homem não seja espiritual, e que a abundância de seus pensamentos não seja portanto relativa às coisas espirituais, divinas e eternas. Todos nós professamos que nós estamos no rumo do céu, da imortalidade, e da glória; mas há qualquer evidência que nós realmente projetamos isto, se todos nossos pensamentos são consumidos sobre as ninharias deste mundo e nos deixamos dominar por elas, e se temos somente pensamentos ocasionais sobre as coisas de cima?

Esta regra inteira está fundamentada naquilo que nosso Salvador, diz em Mt 6:31-34: "Portanto, não vos inquieteis, dizendo: Que comeremos? Que beberemos? Ou: Com que nos vestiremos? Porque os gentios é que procuram todas estas coisas, pois vosso Pai celeste sabe que necessitais de todas elas; buscai pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas. Portanto, não vos inquieteis com o dia de amanhã, pois o amanhã trará os seus cuidados; basta ao dia o seu próprio mal."

E para nos deixar um exemplo prático quanto a isto, o Senhor exigiu de todos os seus apóstolos que deixassem tudo e todos e O seguissem. E

temos este testemunho na boca do próprio Pedro que disse: "Nós deixamos nossa casa e te seguimos." (Lc 18.28).

Assim, Jesus nos proíbe que tenhamos qualquer pensamento sobre estas coisas terrenas, não de modo absoluto, mas com uma limitação dupla, a saber: 1o - Que nós não devemos ter qualquer pensamento sobre elas que nos levem a uma ansiedade de mente, por causa de uma desconfiança do cuidado paternal e providência de Deus. Este é o propósito do contexto. 2o - Nenhum destes pensamentos, deve ter a constância e compromisso de nosso espírito, porque isto é devido somente às coisas espirituais. "buscai pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça,". Deixe isso ser a coisa principal em seus pensamentos e consciências. Nós podemos então concluir ao menos que eles têm que estar em nós numa proporção excedente, relativamente aos demais.

Ninguém se engane portanto, porque assim como o homem pensa em seu coração, assim ele é. E de um coração que é governado por uma mente que tem pensamentos abundantes nas coisas divinas e eternas, é cheio de boas palavras, palavras de edificação. Se pela minha industriiosidade sou impedido disto, nada me justificará, porque o Senhor dá o pão àqueles que O amam, enquanto dormem. Não somos nós, mas Ele, que tem o governo sobre todas as coisas, e não seria sensato tentarmos prover para nós mesmos sem contar com a providência de Deus. Assim há muita

industriosidade que não passa afinal de incredulidade no cuidado providencial do Senhor. Que não passa de demonstração do orgulho e da arrogância de corações altivos que, cheios de dura amargura procuram edificar a cidade de suas vidas sem contar com a graça e o amor de Deus. A torre de babel não foi destruída pelo Senhor porque sempre haverá muitos que empreenderão a continuidade da sua construção em seus corações. Aquela torre é símbolo da tentativa do homem em colocar o seu reino acima do reino de Deus.

Além disso, quando não buscamos primeiro o reino de Deus e sua justiça, será conhecido com grande freqüência, quando nós estivermos comprometidos em deveres espirituais, que outros pensamentos se interporão, e se imporão às nossas mentes. Esses pensamentos sobre coisas seculares terão o domínio do nosso coração. Mesmo nas nossas orações poderá ser visto onde está o nosso tesouro. Nossas petições ansiosas em busca de coisas temporais, de sucesso terreno, serão a tônica principal de nossas orações. E mesmo que haja pensamentos espirituais se interpondo a isto, ainda assim tal pessoa estará comprometida com seus interesses e negócios terrenos. Ela nunca estará disposta a ceder qualquer espaço ou tempo, assim como fizeram os apóstolos, para cuidarem dos interesses do reino de Deus, porque não é isto que estão buscando primeiro, mas todas as coisas que as pessoas que não conhecem a Jesus (gentios) estão buscando no mundo. A alegria que o crente



estará buscando neste caso é a mesma alegria que o ímpio busca no mundo. O seu prazer não está nas coisas de Deus como afirma o salmista no Salmo 119, porque a maioria dos seus pensamentos não são para o Senhor, mas para o que é terreno.

(2.) Há uma multidão de pensamentos nas mentes dos homens que são vãos, inúteis, e completamente improdutivos. Estes ordinariamente, por um engano perigoso, não são olhados como pecado, e assim os homens os exprimem expondo a sua insensatez e culpa. Mas eles surgem de uma fonte corrompida, de uma natureza caída, da carne, e poluem a mente e a consciência. Onde quer que haja "pensamentos vãos", há pecado (Jer 4.14). De toda palavra ociosa, proveniente de tais pensamentos, os homens darão contas no dia do juízo, conforme Jesus afirmou. Tais são essas inúmeras imaginações que fazem os homens pensarem que são o que eles não são; fazer o que eles não fazem, desfrutar o que eles não desfrutam. Imaginações vãs, enganosas, mentirosas. Isto milita contra a integridade de espírito que a graça tanto almeja criar em nós, para que sejamos pessoas estáveis, firmes, seguras. Quando damos acolhida a tais pensamentos, nós permitimos que a vaidade domine as nossas mentes. Conseqüentemente o pensamento do rei de Tiro era que ele era um deus, e "assentado no trono de Deus" (Ez 28:2). Assim isto se dá em maior ou menor grau com outras pessoas. E tais imaginações impedem que muitos andem humildemente com o seu Deus. A

liberdade perfeita destes pensamentos imaginativos e vãos faz parte da bem-aventurança do céu. Os homens devem se examinar quanto ao volume destes pensamentos vãos, inúteis que perambulam dia e noite para cima e para baixo nas suas mentes. Se a nossa mente está ocupada com aquilo que Paulo recomenda em Fp 4.8, se houver abundância de pensamentos espirituais, divinos e eternos em nós, pouco lugar haverá para tais pensamentos imaginativos e vãos. Isto não é algo opcional, porque pelo dever que nos é imposto por Deus de sermos espirituais, temos que obrigatoriamente ser transformados na nossa maneira de pensar e agir, pela renovação da nossa mente, não nos deixando dominar por pensamentos relativos às coisas terrenas e seculares deste mundo, não sendo portanto conformados a isto, mas dando o culto racional que é devido a Deus pela nossa inteira consagração pessoal a Ele, como se nos apresentando como um sacrifício vivo, de modo a sermos governados pelo Espírito, principalmente pelo Seu domínio de nossas mentes para imprimir nelas os pensamentos que sejam segundo a boa, agradável e perfeita vontade de Deus (Rom 12.1,2).

(3) Há pensamentos que são formalmente maus; eles são assim na própria natureza deles, sendo idéias corruptas para cumprir os desejos da carne em suas cobiças. Estes também tentarão as mentes dos crentes. Mas eles sempre são olhados como inimigos professados para a alma, e lutamos contra eles. Então, eu não farei nenhuma

comparação entre eles e os pensamentos espirituais, porque eles só abundam naqueles que são carnis, que andam segundo a inclinação da carne e não do Espírito.

A segunda regra para este propósito é que nós deveríamos considerar se os pensamentos relativos às coisas espirituais tomam constantemente posse das suas próprias épocas. Há algumas vezes e épocas no curso das vidas dos homens em que eles se retraem em si mesmos dentro dos seus próprios pensamentos. A maioria dos homens atarefados do mundo têm algumas vezes de pensar em si mesmos; e aqueles que não projetam tal coisa, é porque ficam amedrontados de virem a ser mais sábios e melhores do que eles são. Mas aqueles que são sábios estarão em casa tanto quanto eles possam, e refletirão muito sobre a condição de suas almas e das relativas à sua família. Se aquele homem está tanto tempo fora envolvido em seus negócios e nas preocupações de outros, que ele não tem nenhum tempo para considerar o estado da sua própria casa e família, ele gastará todos os seus pensamentos em outras coisas, e não considerará a sua condição espiritual e daqueles que são seus.

Se nós somos espirituais, se os pensamentos relativos às coisas espirituais abundarem em nós, eles ordinariamente irão, e com constância, possuir estas épocas para nos aperfeiçoarmos nas coisas espirituais. "Estas palavras que, hoje, te ordeno estarão no teu coração; tu as inculcarás a teus filhos, e delas falarás assentado em tua casa,

e andando pelo caminho, e ao deitar-te, e ao levantar-te." (Dt 5;5,7). "Bendigo o Senhor, que me aconselha; pois até durante a noite o meu coração me ensina. O Senhor, tenho-o sempre à minha presença; estando ele à minha direita, não serei abalado." (Sl 16,7,8). "Bom é render graças ao Senhor e cantar louvores ao teu nome, ó Altíssimo, anunciar de manhã a tua misericórdia e, durante as noites, a tua fidelidade." (Sl 92,1,2). Se temos a prevalência de pensamentos de outra natureza, isto é uma evidência clara de que os pensamentos espirituais têm pouco interesse em nossas mentes, pequena prevalência na conduta de nossas almas. É nosso dever portanto dispor de tempo para eles, de determinar períodos para nossas devoções devidas ao Senhor, para que os pensamentos do alto possam ter a prevalência em nossas mentes e corações. Mas, se ao invés disso, nós roubarmos o tempo que lhes é devido, como poderá estar em nós o amor pelas coisas divinas e espirituais ?

E será observado que, se os períodos que deveriam ser dedicados ao Senhor em nossas meditações da Sua Palavra e orações, forem negligenciados, sendo utilizados para outros afazeres, nós veremos que eles serão os piores momentos empregados de nossas vidas. Pensamentos vãos e tolos, imaginações corruptas, farão um comum assalto às mentes dos homens neles, e os acostuma à uma expectativa de entretenimento, de onde eles crescerão inoportunamente por terem sido admitidos. Conseqüentemente, para muitos, esses

momentos preciosos de tempo poderiam influenciar grandemente as suas almas para terem vida e paz, se eles fossem realmente espirituais, fazendo assim uma maior provisão para a enfrentarem as suas dificuldades, tristezas, e tribulações; porque os pensamentos vãos e maus que algumas pessoas se acostumam a ter em tais períodos são, ou deveriam ser, um fardo nas consciências deles mais que eles possam agüentar. Assim aquilo que foi provido para o bem deles se lhes transforma numa armadilha; e Deus justamente os deixa entregues aos frutos da própria insensatez deles, por menosprezarem assim a provisão graciosa que Ele fez para o bem deles. Deus determinou que separássemos tempo para cuidar de nossas almas e de nossos familiares, e prometeu abençoar as nossas vidas em assim o fazendo, mas os insensatos preferem não remir o tempo, sabendo que os dias são maus, e pensam que separar tempo para cultuar a Deus é perda de tempo, e com isso não perdem somente o seu tempo, como também vida e paz. "Ai daqueles que, no seu leito, imaginam a iniquidade e maquinam o mal! À luz da alva, o praticam, porque o poder está em suas mãos." (Mq 2:1). Muitos terão causa para reclamar até eternidade desses tempos desocupados que poderiam ter sido melhor usados para a vantagem deles até a bem-aventurança eterna.

Então, se nós pretendemos ser conhecidos como espirituais, nós devemos ter qualquer evidência disto em nós mesmos, sem a qual nós não podemos ter nenhuma vida ou paz, e o que nós

fingimos disso é mais um efeito de segurança – iludindo-nos a nós mesmos quanto ao nosso real estado.

Uma mente carnal fica bastante satisfeita com a omissão de qualquer dever. Mas uma alma verdadeiramente espiritual lamentará quando fizer uma revisão de tais omissões, e será incitada a ter maior vigilância no futuro. Para que não venha a lamentar depois: "Ai", quão pouco eu estive com Cristo! Quanto tempo eu passei sem que ocupasse o meu pensamento com Ele e com os Seus interesses. Quão tolo eu fui em desperdiçar tantas oportunidades, ocupando-me com coisas que não tiveram qualquer real e duradouro valor.”.

Realmente, aquela perda voluntária de tempo que é grandemente achada entre muitos líderes será lamentada. Alguns perdem isto neles, por um rastro ininterrupto de pensamentos infrutíferos, impertinentes sobre as próprias preocupações deles; alguns conversam em vão com outros, em vez de se edificarem mutuamente com a verdade. Quanto deste tempo não poderia ser gasto para meditação santa!

Embora a questão de ser espiritual não consista absoluta ou essencialmente nisto, contudo é inseparável disto, pela existência de pensamentos abundantes sobre as coisas espirituais, divinas e eternas, surgindo de um princípio vivo, de uma estrutura e disposição espiritual que provém do interior do coração.

A diferença entre os afetos espiritualmente renovados e aqueles que só foram mudados por convicção - Bases e razões do prazer espiritual dos homens em deveres de adoração divina, e da diligência deles no seu desempenho.

Onde a verdade do evangelho é conhecida e publicamente professada, há grande variedade nas mentes, modos, e práticas, dos homens sobre os deveres de adoração religiosa. Muitos são profanos nas mentes e vidas deles que, praticamente menosprezam ou negligenciam completamente a observância deles. Estes são endurecidos de coração e caminham afastados da retidão (Tito 1:16). Alguns prestam atenção formalmente neles e podem ter algumas convicções quanto à necessidade destes deveres. Mas muitos há que, do modo escolhido por eles que estão contentes interiormente, que são diligentes na observância deles, e que demonstram grande alegria, e contudo não têm nenhuma evidência da renovação espiritual das suas mentes; sim, pelo modo por meio do qual expressam a sua devoção neles, enquanto permanecem supersticiosos ou idólatras, o que é incompatível com a verdadeira graça. Então, nós temos que nos indagar diligentemente, e procurar as bases e razões do prazer dos homens em adoração divina, enquanto permanecem com suas mentes completamente não renovadas.

1. Os homens podem ser grandemente afetados com a parte externa da adoração divina, e a

maneira do desempenho disso, e não terem nenhum prazer verdadeiro que é resultante de uma adoração interior do coração, real e espiritual (Jo 5.35).

Assim, muitos ficaram deleitados com a pregação de Ezequiel, por causa da eloqüência dele e o elegância das parábolas dele (33.31,32). Isto lhes deu alegria e diligência ouvindo-o, enquanto eles se chamavam de povo de Deus, entretanto eles continuaram vivendo em pecado; os corações deles perseguiram a cobiça. O mesmo pode acontecer a muitos no momento em que a palavra de Deus é pregada.

Isto era principalmente evidente debaixo do Velho Testamento, quando eles tinham ordenações carnis e um santuário terreno. Freqüentemente debaixo daquela dispensação as pessoas estavam envolvidas com todos os tipos de idolatria e superstição; e quando eles não estavam assim, contudo eles eram carnis e profanos, como está evidente na Palavra de Deus; e ainda assim eles tinham grande prazer nas solenidades externas da adoração deles, colocando toda sua confiança de aceitação por Deus nisso. Aqueles que real e verdadeiramente creram que Cristo fez tudo por eles, consideraram que aquelas coisas eram um jugo quase insuportável (At 15.10); mas aqueles que eram carnis se encantavam naquelas coisas, e rejeitaram a Cristo. E isto também produziu os grandes meios da apostasia da igreja cristã, porque, para manter alguma aparência de afetos espirituais, os homens



introduziram incitações carnis na adoração evangélica, porque eles acham tais coisas necessárias para conciliar a adoração de Deus com as suas mentes e afetos, e porque eles parecem ter grande prazer nisso. Se fossem retirados tal aparatos do culto de adoração tais homens não teriam qualquer prazer nele, e o olhariam como uma coisa que deveria ser suportada. É por isso que na maior parte dos lugares de adoração os cultos são adaptados aos gostos carnis das pessoas e estas acabam ficando privadas de uma verdadeira adoração e comunhão espiritual com Deus, porque no final das contas não é Ele o objeto e fim da sua adoração. Eles estão na verdade se entretendo com seus divertimentos e invenções. Somente ordem, cerimônia, música, e outros incentivos de afetos carnis, deixam grande impressão neles. Afetos espiritualmente renovados não são considerados nestas coisas; assim, eles se entregam a uma adoração carnal e imaginária. Há presentemente um forte apelo para as pessoas buscarem a Deus para a realização de seus sonhos, para terem a satisfação das suas necessidades, conforme concebidas por sua imaginação e pensamentos carnis. Não são movidos pelo Espírito, mas pela carne, e assim ficam privadas de uma verdadeira experiência espiritual com Deus. Poucos dentre muitíssimos são chamados a darem testemunho público principalmente através da mídia de que desde que passaram a freqüentar determinada igreja passaram a ganhar muito dinheiro, e isto instiga a cobiça de muitos que querem ter a mesma

experiência que eles supõem ter com Deus. Assim são estimulados por suas cobiças carnis às coisas espirituais que eles pensam ter experimentado, e não será de se admirar que eles não sejam renovados pelo Espírito Santo, e continuem no seu antigo pendor da carne que dá para a morte, apesar de toda a sua aparente espiritualidade.

Conseqüentemente, duas pessoas podem prestar atenção ao mesmo tempo nas mesmas ordenações de adoração divina, com prazer igual, em princípios muito distintos, como se dois homens devessem entrar no mesmo jardim, plantar e adorná-lo com uma variedade de ervas e flores, sendo um deles ignorante da natureza delas, e o outro um jardineiro hábil; podem ser deleitados ambos igualmente, sendo que um com as cores e aroma das flores, e o outro com a consideração das várias naturezas delas, os usos delas em remédios físicos, além de tudo o mais. Assim pode ocorrer com a audição da Palavra. Uma pessoa pode estar se deleitando com a administração externa, sem ser mudada por ela, e outra com sua eficácia espiritual.

2. Os homens podem se deleitar no desempenho de deveres externos de adoração divina, porque eles trazem algum tipo de satisfação para eles. Quando a consciência é despertada até um senso da necessidade de tais deveres - isto é, daqueles em que consiste a adoração divina - a mente não terá qualquer descanso ou paz na negligência deles. E quando a alma achar alívio em praticá-los, ela não somente será diligente no desempenho de

tais deveres, como também não mais os omitirá, mas se encantará neles como aqueles que acham nisto grande vantagem. Conseqüentemente muitos não omitirão o dever de orarem todas as manhãs. E não somente orarão como também procurarão conformar suas orações aos seus corações e vida. Eles entendem que o veneno do pecado não pode ser removido com ocasionais administrações do antídoto da graça de Jesus. É necessária uma continua administração disto. Eles sabem que toda verdadeira adoração é em espírito e em verdade. Em espírito porque deve proceder do nosso interior, do nosso coração, dos nossos afetos. E em verdade, porque muito disto consiste em se obedecer à Palavra de Deus. Como podemos então aceitar, como afirmam alguns, que a letra da Palavra mata, tomando isto no sentido de que a própria Palavra não tem valor algum ? Que apenas a realização de sinais miraculosos são necessários na nossa ministração do evangelho ? Deus nos tem dado a sua Palavra para vários e santos propósitos. Ela é a espada do Espírito. Negligenciá-la ou ignorá-la significa abrir mão de seguir o pendor do Espírito, para permanecer debaixo do pendor da carne.

Entretanto, deve-se ter o cuidado de não fazer da própria leitura e meditação da Palavra mais um dos meios de convicção. Isto é, dar-lhe um sentido ritual e cerimonial como forma de cultuar e adorar a Deus, sem permitir ser atingido pela sua aplicação mediante o Espírito, sendo movido a pensamentos e afetos espirituais. A Palavra pode ser usada de modo legalista, e nos iludirmos que a

convicção de que simplesmente concordarmos com ela estaremos agradando a Deus. Nossa aceitação de que ela seja a verdade deve ser acompanhada pela fé para poder praticá-la, mediante o mover e operação do Espírito Santo em nossos corações. Devemos lembrar que a lei é espiritual, que o mandamento é santo, justo e bom, e que nós somos carnais. Por isso, somente a lei não pode aperfeiçoar o homem diante de Deus, ele necessita da graça de Jesus para poder viver do modo que é exigido pela lei de Deus. As pessoas que somente são constantes em deveres espirituais de convicção, e não de um princípio interno e vivo que opere no coração, se iludem pensando que cumprindo determinados deveres exigidos pela Palavra, que elas serão espirituais. Isto não se consegue deste modo, mas entregando-se totalmente ao cuidado do Senhor pela fé, para que Ele derrame graça pelo Espírito em seus corações para que sejam movidas segundo a Sua vontade. É assim que se anda no Espírito. Tudo o mais é conseqüência disto, especialmente o cumprimento dos nossos deveres espirituais, incluído aí o próprio dever de orar, porque não sabemos orar como convém, mas o Espírito nos assiste intercedendo por nós com gemidos inexprimíveis.

O desempenho de deveres por simples convicção, e não partindo do coração, dá às pessoas um certo alívio; embora não cure a ferida delas, nem dissipa a sua dor e temores. Isto ocorre porque eles não chegam a ter o pendor do Espírito, e permanecem sob o pendor da carne, apesar de

todo o seu esforço em assuntos religiosos e espirituais. O Senhor disse que sem Ele nada podemos fazer. E que nada se consegue por força e poder em relação às coisas divinas e espirituais, mas pelo seu Espírito.

Assim, ainda que os homens façam o seu melhor e executem todos os deveres espirituais por convicção da necessidade deles, ainda assim eles não chegarão a conhecer qual seriam os seus pecados para serem confessados e conseqüentemente serem perdoados e purificados de toda a injustiça, e deste modo não acham real satisfação no cumprimento dos deveres espirituais em que eles se esforçam por convicção sem se sujeitarem a Deus derramando perante Ele os seus corações. Uma coisa é executar um dever debaixo da convicção de uma necessidade como está ordenado por Deus, quando a convicção se refere somente ao próprio dever; e outra coisa muito diferente executar tais deveres para se aproximar efetivamente de Deus, recebendo perdão para os pecados, e aquietar a consciência pelo recebimento da Sua bênção. Quando se erra o alvo no cumprimento dos deveres, Isto começa e termina no ego; a presunção é o propósito exclusivo disto. Por isto os homens buscam algum descanso e tranqüilidade nas suas próprias mentes, sem saberem que nenhum bem pode ser encontrado em sua natureza terrena. A graça de ser espiritual não será achada ali. Não está na velha natureza, mas na nova. E ninguém pode mover a nova natureza a não ser o Espírito Santo de Deus. Mas

no desempenho de deveres em fé, de uma convicção da necessidade deles como ordenação de Deus, e o uso deles do modo da Sua graça, a alma começa e termina em Deus. Não busca nenhuma satisfação neles, nem acha isto deles, mas em Deus e somente nEle. Por isso o alvo de nossas orações não é o objeto de nossas petições, mas o próprio Deus. Errar nisto, é errar o alvo. Não buscamos mais paz, mas em Jesus achamos a paz. Não buscamos todas as demais virtudes pelas próprias virtudes, mas buscamos a Jesus, e nEle achamos todas as coisas que nos são necessárias. Por isso a ordenança é que se busque o reino de Deus e a sua justiça e todas as demais coisas são acrescentadas. E isto vale tanto para o que é material, quanto para o que é espiritual.

3. A razão principal por que os homens não são espiritualmente renovados, encantando-se nos deveres santos de adoração divina, é porque eles colocam a justiça própria deles diante de Deus, esperando serem aceitos por ele. Eles não têm qualquer noção que eles possam ter da justiça da fé, da retidão de Cristo na qual eles devem confiar totalmente, e se descobrem assim que estão sendo julgados nas suas próprias consciências; sim, quando eles clamam ao Senhor, e fingem ter fé em Cristo, eles fazem isto evidente, mas a principal confiança deles está em si mesmos. Eles afirmam que vão vencer. Eles fazem promessas que deixarão o pecado. Eles afirmam sua confiança de que obterão o que têm pedido a Deus, mas o coração deles não pode repousar pela fé em Cristo na certeza de que Ele o fará por Sua

misericórdia, bondade e justiça. Eles supõem secretamente que não somente há uma retidão nestas coisas que responderão por si mesmas, e que também farão compensação em alguma medida para os pecados deles; e então, considerando que eles não podem achar alívio e respostas, eles se entregam a uma multiplicação de deveres, e se aplicam com diligência às coisas que por convicção entendem que devem fazer para Deus, sem no entanto terem vida e paz, porque não têm o pendor do Espírito. Isto fez com que os judeus do Velho Testamento se apegassem às cerimônias e sacrifícios da lei, e os preferisse ao evangelho do reino de Deus, e da sua justiça (Rom 10.3). Eles olharam e buscaram a justiça da lei baseada na sua justiça própria e não se sujeitaram à que vem de Deus. A justiça que nos abençoa não é nossa, mas de Cristo. E o modo de se obter os benefícios desta justiça designado por Deus é simplesmente a fé em Cristo. E quando os homens foram persuadidos que a justiça seria atingida por trabalhos de beneficência e suposta caridade, aqueles que fossem cobiçosos, gananciosos e opressores, esbanjariam o ouro de suas bolsas para atingir tal justiça, e esta poderosa influência farisaica nas mentes dos homens é a melhor fortificação da alma contra Cristo e o seu evangelho - a última reserva por meio da qual mantém o interesse do ego contra a graça de Deus. Assim, muitos exibem a sua devoção como um espetáculo de humildade e bondade não requerendo nada disso o exercício de fé ou amor divino sincero. Assim se dá com muitos em todos

os tipos de religião, e este é o assunto do discurso dos profetas Isaías (1.11-17) e Miquéias (6.6-8).

4. Há também um certo tipo de desejo de se ter reputação religiosa que muitos procuram exibir por serem devotos, diligentes e rígidos, quanto a esses deveres religiosos, de acordo com a própria persuasão e entendimento que eles próprios possuem. Isto afeta grandemente as mentes dos homens com um orgulho que é secretamente predominante neles, e eles amam o louvor dos homens mais que o louvor de Deus.

Eles se colocam em competição com outros, e isto realça o seu orgulho, e eles procuram ser modelos para outros pela sua exatidão no cumprimento dos deveres devocionais, chamando-os a cumprirem as mesmas observâncias. Isto constituía em essência a alma do farisaísmo do Velho Testamento. Este desejo de reputação ou louvor de homens; sendo admitido e prevaemente na mente, influenciará os afetos totalmente até um prazer nesses deveres por meio dos quais aquele fim pode ser atingido, dando assim grande satisfação à pessoa que estiver acostumada com isso.

5. Finalmente, falemos sobre a superstição. Como isto é um medo impróprio da natureza divina, construída em falsas noções e apreensões desses deveres, pode acontecer nas mentes de homens em todas as religiões, verdadeiras ou falsas. É um vício interno da mente. Como se refere ao modo externo e meios de serviço religioso, e realmente consiste no desempenho devoto de tais deveres



como Deus não aceita, mas proíbe, assim somente pertence à religião como algo falso e corrompido. Como em ambos os casos conduzirá as mentes dos homens no desempenho de deveres religiosos, e na maior parte com a diligência mais escrupulosa, e às vezes com prodigiosa tentativa de se exceder as medidas da natureza humana no que eles projetam, é um trabalho muito longo para ser aqui devidamente explicado. Basta mencionar isto entre as causas e razões por que homens cujos afetos não são renovados espiritualmente ainda podem se encantar grandemente no desempenho diligente dos deveres externos da religião. Nosso propósito nestas coisas é descobrir a verdadeira natureza desta graça e dever de ser espiritual. Nós declaramos que é necessário que nossos afetos sejam espiritualmente e sobrenaturalmente renovados; porque pode haver uma grande mudança forjada nos afetos dos homens com respeito às coisas espirituais onde não há nada desta renovação sobrenatural, nossa investigação presente é sobre quais sejam as diferenças que existem entre as ações dos afetos de um tipo e de outro, se espiritualmente renovado ou ocasionalmente mudado. E considerando que o grande exercício deles consiste nos deveres de adoração religiosa, eu apresentei quais são as bases e os argumentos das mentes dos homens não regenerados que freqüentemente se deleitam no desempenho de deveres de adoração, sendo diligentes neste desempenho.

Disto se conclui que a maior parte da devoção que há no mundo não nasce da renovação espiritual das mentes dos homens, razão pela qual não pode ser aceita por Deus.

Os objetos dos pensamentos espirituais, ou sobre o que eles estão familiarizados, comprovando que somos espirituais. Regras que dirigem à firmeza na contemplação das coisas divinas. Motivos para fixar nossos pensamentos com firmeza nas mesmas.

A desordem e a fraqueza das faculdades de nossas almas, estão refletidas na fraqueza e inconstância de nossas mentes. Assim apesar de sabermos que é necessário que a mente seja guiada pelas coisas espirituais e divinas, nossos afetos (afetos aqui significam os desejos interiores de nossos corações para obter ou manter as coisas ou pessoas das quais realmente gostamos e estimamos) e vontades não estão inclinados a isto, e além disso não sabemos o modo de como fazê-lo. Perambulamos assim em incerteza. Apesar de o querer estar conosco, no entanto não está o realizar. Muitos são estéreis neste dever porque eles não sabem em que se fixar, nem como exercitarem os seus pensamentos. Conseqüentemente eles passam o tempo deles com um infrutífero desejo interior de usarem os seus pensamentos em elevados propósitos. Mas eles se cansam, não porque eles não estejam

dispostos a avançar, mas porque eles não podem achar o modo de fazê-lo. Portanto, ambas estas coisas serão abordadas, tanto os próprios objetos de nossos pensamentos espirituais, e como nós podemos nos fixar na contemplação deles. E eu devo primeiro, para este propósito, dar algumas regras gerais, e então alguns exemplos particulares quanto ao modo de nos dirigir:

1. Observem as chamadas especiais da Providência, e apliquem suas mentes nos pensamentos dos deveres requeridos nestas chamadas e por meio delas. Há uma voz em todas as dispensações de sinais da Providência:

“A voz do Senhor clama à cidade (e é verdadeira sabedoria temer-lhe o nome): Ouvi, ó tribos, aquele que a cita.” (Miquéias 6.9). Leia a seqüência (Mq 6.10-16) onde Deus pronuncia os seus juízos sobre a impiedade do Seu povo.

Há uma chamada, um grito em toda disciplina de Deus, em toda providência para a nossa correção, e nisso, o Senhor faz uma declaração do Seu nome, da Sua santidade, do Seu poder, da Sua grandeza e da Sua justiça. Deste modo, o homem sensato se esforçará para discernir, e assim obedecer à chamada. Deus grandemente é provocado em caso contrário:

“Senhor, a tua mão está levantada, mas nem por isso a vêem; porém verão o teu zelo pelo teu povo e se envergonharão; e o teu furor, por causa dos teus adversários, que os consuma.” (Isaías 26.11).

Então, se nós desejamos nos aplicar ao nosso dever presente, nós devemos considerar sabiamente o que é a voz de Deus nas Suas dispensações providenciais presentes no mundo. Elas são declarações claras do desgosto dele e indignação contra os pecados de homens. Não está revelada a ira dele desde o céu contra toda impiedade e perversão dos homens que detêm a verdade pela injustiça (Rom 1.18), especialmente contra os falsos e hipócritas líderes do evangelho? Ele também não tem revelado que aqueles que gastam as suas vidas em seus próprios interesses e em propósitos terrenos, semeiam muito e recolhem pouco; comem mas não chegam a faltar-se; bebem mas não se saciam; vestem-se mas não se aquecem, e recebem o seu salário para pô-lo num saquítel furado ? (Ageu 1.6). Os dedos apareceram escrevendo na parede a destruição de Belsazar fizeram isto de um modo que ninguém poderia ler, porque eram palavras que ninguém poderia entender, senão Daniel; que entre eles, era o único que estava ligado naquele momento com Deus, e ele pôde de fato ler a mensagem de juízo do Senhor contra o rei de Babilônica. Quando os céus escurecem com nuvens, e trovejam sobre nós, e se alguém em sua caminhada desconsiderar isto não crendo que virá uma tempestade, ele terá que suportar a severidade dela. O céu fez o anúncio e ele não se preparou. Assim se dá com os juízos de Deus. Os seus sinais são evidentes, mas os homens não buscam refúgio em Cristo e na Sua justiça, e seguem desavisados, adiante, e terão que suportar as conseqüências.

Entenda então, que na voz da Providência há indicações do que vai na mente de Deus, em relação aos deveres aos quais nós somos assim chamados. Isto pode se referir a duas coisas principais:

(1) Uma procura diligente em nós mesmos com respeito aos pecados contra os quais o desgosto de Deus é declarado. É acrescentar pecado a nossos pecados tentar lançar a culpa dos juízos evidenciados nestas providências, sobre outras pessoas. Quando a tempestade veio sobre o navio que estava em alto mar, quando se lançou sortes para descobrir quem lhe dera causa, a sorte caiu sobre Jonas (1.7). A causa da tempestade presente bem pode ser os pecados secretos de líderes, como as provocações abertas de homens descrentes. Deus castigará severamente esses pecados que ele tem conhecido. ("De todas as famílias da terra, somente a vós outros vos escolhi; portanto, eu vos punirei por todas as vossas iniquidades." - Amós 3:2). A justificação dos nossos pecados pelo sacrifício de Cristo, tem em vista livrar-nos da condenação futura, mas foi por ela que fomos transformados em filhos de Deus para viver de modo santo, e portanto, se depois de justificados vivemos deliberadamente em pecado, certamente haveremos de encontrar a mão disciplinadora do nosso Pai. Por isso devemos procurar diligentemente, pela ajuda da iluminação do Espírito, se há algum mau caminho em nós, para que não abriguemos nada daquelas coisas contra as quais Deus está declarando o Seu desgosto por elas, de modo que não sejam

achadas em nós. Quando nosso Salvador predisse aos seus discípulos que um deles haveria de traí-lo, todos eles lhe indagaram: “serei eu Senhor?”. Não dêem nenhuma base para que haja dúvidas em seus corações, por nunca deixarem de investigar acuradamente a real condição de suas almas, para nunca se desviarem da diligência neste dever. “A voz do Senhor clama à cidade (e é verdadeira sabedoria temer-lhe o nome)”, isto é, o homem de sabedoria verá o nome do Senhor neste clamor e lhe devotará o devido temor desviando-se do mal, para viver com a santidade que lhe é exigida por Deus.

(2) A chamada da voz de Deus, nos sinais da sua providência, significa também um viver diligente que se expresse na santidade de nossas vidas, nossas famílias, de todos nossos prazeres, segundo a vontade soberana e sabedoria de Deus, para que possamos estar prontos a nos separarmos de todas as coisas na Sua chamada, sem vacilar. Isto está declarado claramente na voz de providências presentes. Deus está fazendo asas para as riquezas dos homens, elas voarão das suas mãos, Ele está fazendo tremer as habitações deles, levando embora as defesas visíveis das vidas deles, proclamando a instabilidade e incerteza de todas as coisas aqui debaixo.

Você percebe agora no que você deveria fixar e exercitar seus pensamentos? Porque eles são as evidências da sua espiritualidade. Eu lhe digo que você deve estar freqüentemente familiarizado com eles sobre estas coisas. Elas devem estar

diante de você, elas o chamam. Faça delas parte de seu negócio, dê-lhes alguma parte do seu tempo, não cesse até que você tenha o testemunho de sua consciência de que você tem sinceramente estes dois deveres em sua mente; que nunca deixará de ter muitos pensamentos sobre eles. A menos que seja assim com você, Deus ficará desagradado grandemente com a sua negligência na vinda d'Ele. Tema as declarações de juízo registradas na Palavra (Provérbios 1:24-31, Isaías 65:12, 66:4 etc) para este propósito. E se qualquer calamidade, pública ou privada, o apanhar na negligência destes deveres, você será subitamente surpreendido, e não saberá o modo de encontrar alívio. Então, este será o tempo e a época em que você poderá fazer uma avaliação especial para poder saber se é ou não espiritual de fato.

E a sabedoria da fé estimulará e trará a graça para ser exercitada, e se esta graça for habitualmente residente em você, ela o fará progredir em muitos pensamentos sobre estes deveres.

Mas, ai! os homens em sua maioria, são hábeis para fazer o contrário de Deus nestas coisas, porque a sabedoria da carne é contrária a Ele em todas as coisas. Nós temos um grande exemplo disso com respeito a estes deveres, especialmente o segundo deles (um viver diligente em santidade); porque:

[1] quem faz uma procura diligente em seu coração e procedimentos com respeito às causas de desgosto e julgamentos de Deus? Muitos não

conseguem enxergar que grande parte da violência, impureza e todos os graves pecados que há no mundo, são causados por um juízo de Deus sobre a dureza e cobiça dos corações dos homens que são deixados entregues a si mesmos para desonrarem o seu corpo entre si (Rom 1.24), e os tem entregado a paixões infames (Rom 1.16), e por terem desprezado o conhecimento de Deus, Ele os entregou a uma disposição mental reprovável para praticarem coisas inconvenientes (Rom 1.28). Poderoso é o Senhor, caso Lhe aprouvesse, para colocar um freio nas intenções e realizações pecaminosas de todos os homens, mas Ele deixa entregues a si mesmos todos os que Lhe resistem, e assim eles têm que colher o fruto amargo do pecado que se espalha por toda a terra, como uma sinal visível do juízo de Deus. Estes proclamam visivelmente serem a causa da "visitação da ira de Deus nos filhos da desobediência". Os pecados abertos e ousados do mundo são a causa da ira de Deus contra isto em julgamentos temporais, que culminarão com o grande julgamento do último dia. Isto o apóstolo nos ensina em I Tes 1.6-10. Mas é nosso dever considerar que "o julgamento começa pela casa de Deus", conforme afirma o apóstolo Pedro (I Pe 4.17) para que sempre nos examinemos quanto ao modo como temos vivido.

[2] Uma outra parte de nosso dever presente, conforme a voz da providência, é uma entrega humilde de nós mesmos a tudo que concerne à vontade de Deus, quanto a nos livrarmos de nossos afetos de prazeres terrenos e temporais. Isto nós não fazemos nem podemos fazer, a



menos que nossos pensamentos sejam grandemente exercitados sobre as razões e os motivos para isto; porque este é o modo por meio do qual a fé faz avançar a sua eficácia até à mortificação do ego e todos os prazeres terrenos. Estas razões e motivos estão revelados na própria Bíblia. Por exemplo, Jesus colocou como condição do discipulado a auto-negação, a renúncia total ao que temos e ao que somos. O perder a vida por amor a ele. O odiar o modo de vida que o mundo quer sempre nos oferecer. Multiplicam-se as razões e os motivos para isso na Palavra, mas a carne se levanta e procura justificativas para abrandar o ensino de Deus em Sua Palavra, como que se dissesse: "não é possível que Ele exija tanto, e seja tão radical no que exige. Deve haver um outro significado e sentido em tudo o que a Bíblia afirma.". O antigo mecanismo psicológico da sublimação, que é estimulado pelo pecado, e que nos leva a encontrar falsas desculpas ou justificativas para não aceitar a realidade tal como ela é. Não importa o que façamos, a verdade de Deus permanecerá imutável. E os únicos que sempre sairão perdendo seremos nós mesmos, toda vez que negligenciarmos ou desconsiderarmos a verdade.

Portanto, sem nos livrarmos dos nossos afetos relativos a prazeres terrenos e temporais, nós não poderemos fazer nenhuma entrega de nós mesmos à vontade de Deus, especialmente porque a nossa vontade sempre colidirá com a dEle. Nossos desejos e gostos não coincidirão com os do Senhor, e isto será visto em tudo o que

fizemos, não dedicando o tempo que gastaremos segundo a vontade do nosso próprio eu, em coisas mundanas, terrenas, temporais, para não perdê-lo com coisas espirituais e divinas, como orar, evangelizar, e fazer tudo o que for devido ao Senhor. E quantos caminham no momento abertamente de modo contrário a Deus! Os modos, os semblantes, os discursos dos homens, evidenciam isto. O amor deles pelas coisas presentes, as idéias deles para o seu engrandecimento e prosperidade, que vão na contramão da vontade de Deus. Assim se deu nos dias de Noé: "comiam e bebiam, casavam e davam-se em casamento, até ao dia em que Noé entrou na arca" (Mt 24.38). Pode a maioria dos líderes dar testemunho do exercício dos pensamentos deles em tais coisas para dispô-los a esta santidade? Que eles meditam nas chamadas de Deus, e por isso se preparam para se separar de tudo para agradá-Lo? Como podem as pessoas fingirem ser espirituais quando vivem abrigando pensamentos que contrariam diretamente a mente de Deus? Aqui repousa a base do seu auto-engano. Eles são líderes do evangelho de uma maneira estranha, eles se julgam crentes, eles esperam que eles serão salvos, e têm muitas evidências para isto. Mas uma evidência negativa fará cem positivas inúteis, e também influenciarão a sua inutilidade como líderes para outros, porque não serão usados o tanto quanto deveriam por Deus, ou até mesmo nem serem usados por Ele, porque aquele que "a si mesmo se purificar destes erros, será utensílio para honra, santificado e útil ao seu possuidor, estando

preparado para toda boa obra." (II Tim 3.21). E também "aparte-se da injustiça todo aquele que professa no nome do Senhor." (II Tim 3.19). O jovem rico afirmou: "Tudo isso tenho observado desde a minha juventude." (Lc 18.21), mas o Salvador lhe disse: "Uma coisa ainda te falta" (Lc 18.22). Muitas coisas que você fez, muitas coisas que você faz, não permitem que nem vocês próprios, nem outros duvidem de sua condição, mas você é espiritual? Se esta é a coisa que está faltando, todo o resto não o ajudará; realmente, você não tem nem vida nem paz. E como poderá comunicar isto a outros, já que é esta a vontade do seu Senhor? Se em vez de estar aumentando o seu amor pelo seu Senhor, o que tem aumentado é o seu amor pelo mundo, como poderá o amor de Deus permanecer em você?

O próprio Espírito Santo testifica com o nosso espírito acerca da santidade devida a Deus, isto é, à separação entre aquilo que é de Deus e aquilo que é do mundo, porque muitos dos afetos que haviam em nosso coração pelas coisas do mundo, como que desaparecem instantaneamente a partir do momento que o Espírito passa a habitar em nós, desde a nossa regeneração (novo nascimento). Entretanto, o diabo, a carne e o mundo tentarão recobrar de volta aquilo que perderam, e caberá ao crente guardar-se a si mesmo incontaminado do mundo (Tg 1.27) seguindo o pendor do mesmo Espírito que conquistou os seus afetos para Deus na conversão.

2. Se um homem estiver doente ele investigará as suas causas, para removê-las e ser curado. E há algumas doenças, como letargias, que em sua própria natureza encontram-se fora do alcance de seu conhecimento e pensamentos; e algumas são de um tal progresso lento, secreto, como febres rápidas, que ele adocece sem tomar conhecimento de que isto está em progresso em seu corpo. E os homens serão mais negligentes quanto às doenças espirituais das suas almas, porque são múltiplas as tentações que causam toda sorte de doenças espirituais, e não teríamos nenhum pensamento sobre elas, para conhecer e remover as suas causas? É se isto não for temido onde é assim, ou eles estão privados em suas naturezas de senso espiritual, ou pela sua falsidade eles estão caminhando para a morte eterna, porque o pendor da carne dá para morte. Não ter nossas mentes exercitadas sobre estas coisas é ser insensato.

Há, eu confesso, alguma dificuldade neste assunto, sobre como exercitar nossos pensamentos corretamente quanto às nossas tentações; porque o grande modo das tentações prevalecerem é estimulando múltiplos pensamentos sobre os objetos delas, ou para os quais elas nos conduzem. E isto é realizado e ocasionado de vários modos:

(1) do poder prévio da cobiça nos afetos. Isto encherá a mente de pensamentos. O coração produzirá imaginações as mais variadas. Elas são o modo e meio pelos quais a cobiça afasta o

coração do dever e o conduz ao pecado (Tg 1:14); fazendo com que os homens tenham os "olhos cheios de adultério" (II Pe 2:14), ou a viver em contemplação constante dos prazeres do pecado.

(2) eles surgem e são ocasionados por representações renovadas do objeto do pecado. E isto é duplo:

[1] é real, como Acã viu a barra de ouro e a desejou (Josué 7:21).

[2] é imaginário, quando a imaginação, sendo estragada ou infectada pela cobiça, representa o prazer do pecado e as ações disto continuamente na mente. Nisto faz com que os homens façam provisão para a carne no tocante às suas cobiças (Rom 13.14).

(3) Outro modo das tentações prevalecerem estimulando pensamentos sobre os objetos delas, é através das sugestões dadas por Satanás que usa todos os artifícios e ciladas para incitar pensamentos sobre aqueles pecados que se seguem às tentações. E a tentação raramente falha quanto ao seu fim, quando ela pode estimular uma multidão de pensamentos improdutivos sobre seu objeto; porque quando as tentações multiplicam pensamentos sobre o pecado, enquanto procedendo de algumas ou todas estas causas, e quando a mente lhes abriga voluntariamente, os pecados que correspondem a tais pensamentos dependerão somente de oportunidade e ocasião para serem cometidos. Quando os homens inventam o dano deste modo

"eles o praticam" quando estiver "no poder da mão deles" (Miquéias 2:1). Assim não é de nenhum modo seguro aconselhar tais pessoas a terem muitos pensamentos sobre as suas tentações, refletindo sobre elas, porque isto será uma desvantagem para elas, porque ficarão a um passo da prática do pecado. Eu falo somente a elas que as suas tentações são a aflição e o fardo delas. E tais pessoas também devem ter muito cuidado quando elas tiverem seus pensamentos exercitados pelo assunto da tentação delas, porque isso pode se tornar uma armadilha e será muito duro para elas. Os homens podem começar os pensamentos deles sobre qualquer objeto com aborrecimento e horror, mas se for um caso de tentação, eles podem terminar em desvanecimento e aprovação. A falsidade de posições do pecado sujeita aquela cobiça na mente a ficar em deleite, e assim corrompe a estrutura inteira de espírito que começou o dever. Houve exemplos em que as pessoas entraram com uma resolução para castigar o pecado, e foram enlaçadas pela ocasião até a comissão do pecado que elas pensaram castigar. Assim, freqüentemente, quando um homem, tem um pouco de força espiritual, e se engaja no desempenho destes deveres de auto-exame da sua condição espiritual, se no meio deles o assunto da sua tentação é apresentado tornando-se um objeto fixo dos seus pensamentos, momentaneamente, é como se ele tivesse visto (como eles dizem) a cabeça da Medusa, e se transforma numa pedra; o sangue dele fica congelado, a força dele se vai, todas as ações da

graça cessam, a armadura dele cai, e ele se deixa prender uma vez mais pela sua tentação. Deve haver uma provisão nova de graça para que possa lhe dar libertação. Portanto, se ainda as pessoas são exercitadas com qualquer tentação, eu não lhes aconselho que sejam familiarizados em seus pensamentos sobre o assunto delas; porque às vezes as recordações de satisfação das luxúrias anteriores deles, às vezes ainda presentes, com o prazer disto ainda não mortificado, permite às vezes que Satanás fixe a imaginação deles nisto, e será muito difícil para eles, e isto os levará a uma complacência de novo com aquele pecado do qual eles haviam sido livrados, e poderão facilmente voltar a praticá-lo. É lamentável que atualmente, muito do ensino de Ef 6.10-20, relativo ao uso da armadura de Deus para lutar contra os principados e postestades dominadores deste mundo tenebroso, seja aplicado quase que exclusivamente para se prevenir de ataques de Satánas contra os nossos bens materiais e contra a harmonia de nossos lares, e não, naquilo em que deveria haver uma maior vigilância da nossa parte, quanto às insinuações de tentações que visam afastar-nos da nossa firmeza na graça de Jesus, e de um andar no Espírito, pela indução à prática do pecado.

Mas há uma maneira especial para o exercício dos pensamentos dos homens sobre os modos e meios de libertação da armadilha em que eles são apanhados, ou o perigo ao qual eles se acham expostos. Pense que você pode ser humilhado pela culpa do pecado. Pense no poder do pecado, e

que você pode buscar força contra ele. Não pense no assunto do pecado, as coisas que estão no mundo servirão para “a cobiça da carne, a cobiça dos olhos, e o orgulho da vida” (I Jo 2.16), para que você não seja emaranhado cada vez mais. Mas a direção presente é: pense muito dos modos de alívio do poder de sua própria tentação. Mas isto, a menos que os homens sejam espirituais, é muito difícil que venham a fazê-lo. Mas eu me refiro somente àqueles cujas tentações são as suas aflições, e que gemem para libertação delas. Familiarize tais pessoas com o grande, e realmente único modo de alívio desta angústia, como está expressado em Hb 2:17,18: “Por isso mesmo, convinha que, em todas as coisas, se tornasse semelhante aos irmãos, para ser misericordioso e fiel sumo sacerdote nas coisas referentes a Deus e para fazer propiciação pelos pecados do povo. Pois, naquilo que ele mesmo sofreu, tendo sido tentado, é poderoso para socorrer os que são tentados.”. Jesus venceu todas as tentações pela graça e pela Palavra de Deus, como vemos isto nas tentações que sofreu de Satanás no deserto. E é pelo mesmo suprimento da Sua graça que podemos também vencer as nossas tentações. Lemos também em Hb 4.15,16: “Porque não temos sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; antes, foi ele tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado. Acheguemo-nos, portanto, confiadamente, junto ao trono da graça, a fim de recebermos misericórdia e acharmos graça para socorro em ocasião oportuna.”.



Faça-os saber que o único modo para a libertação deles está na fé agindo em pensamentos em Cristo, quanto ao poder dele para socorrer aqueles que são tentados, com os modos por meio dos quais ele administra uma suficiência de graça para este fim, lhes trazendo alívio urgente em suas tentações.

E é também uma grande tentação pensar que está em nosso próprio poder o sermos livrados das investidas da carne, do mundo e do diabo. Desta trindade maligna que milita contra as nossas almas e mentes. "Não é melhor confiar em nossas próprias resoluções e empenhos, como em outros modos de fuga que estão em nosso próprio poder?". É como muitos costumam pensar e agir. Mas ninguém será livrado das suas tentações, para a glória de Deus e para a sua própria vantagem espiritual, a não ser pela ação e exercício de fé em Cristo Jesus e na suficiência da Sua graça para nossa libertação. Mas se os homens não são espirituais, eles não podem fixar os pensamentos deles em coisas espirituais. Então eles são consumidos diariamente debaixo das suas tentações; eles são fundamentados nelas, até que a brecha deles fica tão grande como o mar, e já não há nenhuma cura para isto. Eles pensaram que era uma coisa de somenos não vigiarem contra as tentações, esquecidos que Jesus nos ensinou a orar pedindo ao Pai para que não nos deixe cair nelas para sermos livrados do mal. Nisto vemos a grande importância de vigiar e orar em todo o tempo para não cairmos em tentações, porque a carne é fraca e está sujeita a cair

facilmente nelas, quando não é assistida pela graça de Jesus. Para isso é imperioso que sejamos espirituais, porque o pendor do Espírito dá para vida e paz.

Eu só menciono isto para mostrar o peso e a necessidade do dever proposto; porque quando os homens estão apertados debaixo do poder de convicção com tentação, eles farão qualquer coisa em lugar de recorrerem ao único alívio eficaz. Alguns gemerão e clamarão debaixo da sua vexação; da tortura em que eles são postos pelo conflito em suas tentações; alguns recorrerão até para o falso alívio que qualquer falsa religião lhes ofereça; mas se aplicar em pensamentos de fé em Jesus Cristo que é todo suficiente para tudo, eles não se deixarão persuadir a fazê-lo, porque não são espirituais. O homem espiritual tudo discerne, tendo as suas faculdades desenvolvidas para discernir tanto o bem quanto o mal (Hb 5.14).

Todos nós somos sujeitos às tentações. Aqueles que não estão conscientizados disto estão debaixo do poder ao qual a tentação conduz. E eles são de dois tipos: Primeiro, como é extraordinário, quando a mão de Deus está neles de uma maneira estranha para nossa repreensão. É verdade, Deus a ninguém tenta, porque a tentação formalmente conduz ao pecado. Como diz Tiago, cada um é tentado pela sua própria cobiça quando esta o atrai e seduz (Tg 1.14). Até mesmo as insinuações de Satanás com o visto de produzir tentações em nós, passam obrigatoriamente por este princípio de despertar em nós as nossas próprias cobiças.

Não foi assim que ele agiu com Eva no jardim do Éden ? Ele desvia a nossa atenção para os objetos que despertaram a nossa cobiça, e esta depois haver concebido , isto é, de ter gerado em nós pensamentos e ações correspondentes à tentação, dá à luz o pecado; e o pecado, uma vez consumado, gera a morte (Tg 1.15).

Assim este curso usual de tentações demanda que nos exercitemos diligentemente para a descoberta delas, como também para a nossa libertação delas. E será temido que muitos sejam mantidos em fraqueza espiritual, sendo inúteis, e em trevas, todos os seus dias, pelo poder das suas tentações, sem nunca saberem contudo o que elas são ou no que elas consistem. Alguns chegam a se aprovar mesmo sendo vencidos por suas tentações, por desconhecerem a natureza delas. Ainda no exercício da vigilância, diligência e prudência, devidas, os homens podem saber tanto sobre a pestilência dos seus próprios corações no que diz respeito às corrupções que prevalecem neles, quanto aos modos por meio dos quais são estimulados por tentações. Por exemplo, a pessoa pode ter uma eminência em dons, e utilidade ou sucesso nos trabalhos dele que lhe dão grande aceitação por outros. Tal pessoa evitará uma tentação dupla - primeiro, a de orgulho espiritual e auto-exaltação. Conseqüentemente o apóstolo não admitirá "um noviço" inexperiente no ofício do ministério, para que ele não se exalte com orgulho, e entre na condenação do diabo (I Tim 3.6); e ele próprio a par de toda a sua experiência, não estava livre deste perigo (II Cor 12:1-7). O

melhor dos homens quase não pode ter a mente fortalecida contra as insinuações secretas do orgulho em sucessos e aplausos, a menos que eles se mantenham constantemente equilibrados com pensamentos relativos à sua própria vileza, à vista de Deus. O segundo tipo de tentação se refere ao desleixo quanto à mortificação correta e total quanto à aceitação deles e sucesso no ministério, sobre outros. E os efeitos da negligência aparecem nisto abertamente para prejuízo do evangelho. Outros são muito familiarizados com o mundo e os seus interesses. Negligência com a vida espiritual, vaidade na conversação, amor às coisas terrenas, conformidade com o mundo, irão se impor sobre eles em todas as ocasiões. Se eles não entenderem as suas tentações nisto, sua mente espiritual será continuamente prejudicada. Aqueles que são ricos têm as suas tentações especiais e particulares, que em sua maior parte são muito eficazes; e aqueles que são pobres também têm as suas. As armadilhas de alguma mentira nas constituições deles; de outros, na sociedade deles; e nas várias circunstâncias da vida. Aqueles que vigiam em qualquer medida devida, exercitam alguma sabedoria ou observação para saberem em que as tentações deles se baseiam, e quais são as causas por meio das quais eles desconcertam as suas mentes e põem em risco as suas almas.

Nestes casos, geralmente, os homens são ensinados quanto aos modos e meios da sua libertação e preservação. Portanto há três coisas

requeridas neste dever, além da sabedoria espiritual:

(1) Saber o que são e de onde procedem as tentações especiais que você sofre, e por meio das quais a vida de Deus está bloqueada em você. Se isto é negligenciado, se é desconsiderado, nenhum homem pode manter vida ou paz, ou ser espiritual.

(2) Saber seu remédio, seu alívio. São requeridos muitos deveres de nós para este fim, e é preciso saber que nenhum deles isoladamente, a não ser todos eles conjuntamente, poderão nos trazer alívio, para a glória de Deus.

(3) Nisto se baseia seu grande dever com respeito às suas tentações, isto é, em um exercício constante de seus pensamentos no amor, cuidado, compaixão, e ternura de Cristo, com a habilidade dele para ajudar e socorrer aqueles que têm fé e confiam nele.

O mesmo dever é colocado sobre nós com respeito a qualquer tentação em geral. Há épocas em que uma hora de tentação vem à terra para tentar os seus moradores. E continua sendo dever de qualquer um continuar em seus deveres mesmo nestas horas, de modo que possa estar de pé na presença do Filho do homem.

3. Todas as coisas quanto às questões de fé e de prática, devem ser os objetos de tais pensamentos. Como estas tentações são

propostas ou como ocorrem em nossas mentes em grande variedade, em todos os tipos de ocasiões, assim nós deveríamos considerá-las em nossas meditações. Ouvir coisas, propondo-as a nós, e deixá-las fluírem para fora de nós, como água escoando que é vertida num recipiente, é a ruína de muitas almas.

É nosso grande dever prestar atenção às coisas que são eternas e divinas, tanto na sua realidade presente, quanto ao nosso prazer futuro nelas. Nisto consiste a vida desta graça e dever. Ser espiritual - quer dizer, prestar atenção às coisas do céu - é um todo; e é o efeito de ser espiritual em sua origem e essência. É a causa disto para seu crescimento em grau, é a evidência disto na experiência. Nem eu entendo como é possível um homem colocar o interesse principal dele nas coisas do alto, e não ter muitos pensamentos relativos a elas. É o grande conselho do apóstolo, em uma suposição de nosso interesse em Cristo como sendo uma conformidade com ele, expressada em nossos pensamentos sobre as coisas celestiais e eternas. Trazendo o céu até nós, pela descoberta da nossa vida eterna que está escondida com Cristo (Col 3:1-3).

“Portanto, se fostes ressuscitados juntamente com Cristo, buscai as coisas lá do alto, onde Cristo vive, assentado à direita de Deus. Pensai nas coisas lá do alto, não nas que são aqui da terra; porque morrestes, e a vossa vida está oculta, juntamente com Cristo, em Deus.”.

E em II Cor 4.16-18 lemos: “Por isso, não desanimamos; pelo contrário, mesmo que o nosso homem exterior se corrompa, contudo, o nosso homem interior se renova de dia em dia. Porque a nossa leve e momentânea tribulação, produz para nós eterno peso de glória, acima de toda comparação, não atentando nós nas coisas que se vêem, mas nas que não se vêem; porque as que se vêem são temporais, e as que se não vêem são eternas.”.

Não desfalecer debaixo das decadências diárias de nosso homem exterior, e da aproximação da morte em razão disto, suportar aflições como coisas leves e momentâneas, prosperar em tudo no homem interior, é uma misericórdia e privilégio indizíveis. Você pode atingir uma estrutura melhor? Há qualquer coisa que você mais deseje, se você é um crente? Não é melhor ter uma tal mente em nós do que desfrutar toda a paz e segurança que o mundo possa oferecer? Um dos principais meios pelos quais nós somos feitos participantes destas coisas é uma meditação devida nas coisas não visíveis e eternas. Estas são as coisas que estão além do véu, mas elas estão no nosso homem interior, pela presença do Espírito, e é nos exercitando nelas que somos renovados e lançamos a âncora da nossa esperança no meio de todas as tempestades que nós conhecemos (Hb 6:19,20), mas falaremos destas coisas com maiores detalhes, posteriormente.

Sem dúvida, a maior parte dos crentes falha muito neste dever, em parte por falta de luz neles, em

parte pelo desejo de prazeres imediatos que eles têm; eles pensam pouco sobre um país eterno. Onde quer que os homens estejam, eles não costumam negligenciar seus pensamentos sobre aquele país no qual eles têm a sua herança. Mas este país divino, em que se encontra a nossa herança eterna, não é considerado, porque a carne não está sujeita àquilo que é espiritual. É por isso que é somente debaixo do pendore do Espírito que estas coisas são devidamente avaliadas e consideradas em seu precioso valor. Os homens não se exercitam como eles deveriam em pensamentos de coisas eternas e invisíveis. Isto não faz parte da sua natureza terrena caída no pecado que se inclina somente para as coisas daqui debaixo.

Os homens vivem e agem debaixo do poder de uma convicção que há um estado de imortalidade e de uma glória por vir. Mas pouco antecipam as alegrias desta bênção futura experimentando um céu na terra, porque na maioria deles, isto não passa apenas de convicções. Eles não exercitam a fé, e não são espirituais, eles não têm seus pensamentos e afetos voltados para Deus, e assim não podem experimentar a justiça, paz e alegria do reino que está dentro deles, pela presença do Espírito Santo. Com um de persuasão eles muito se aliviam em suas tristezas, sofrimentos, e tentações; mas terem uma contemplação diária da natureza e causas disto, ou como isto entra na vida pela fé e esperança, é algo estranho para eles. Se nós formos espirituais, nada será mais natural a nós do que ter muitos pensamentos relativos às



coisas eternas, como aqueles nos quais todas as nossas próprias preocupações principais repousam. A conseqüência disso é que nós faríamos das coisas divinas, das coisas do estado futuro da bem-aventurança e glória prometidas, o objeto principal de nossos pensamentos, e nós pensaríamos muito nisto. Muitos estão desanimados quanto a isto pela ignorância deles, e trevas que cobrem os seus olhos, pelo falta de desejo deles de concepções e apreensões devidas relativas às coisas invisíveis. Conseqüentemente um destes dois tipos de coisas lhes aconteceria quando eles meditassem nas coisas do alto:

1. A glória deles, a glória de Deus neles, que é essencialmente infinita e incompreensível, os subjugaria imediatamente, e, já não seriam movidos pela carne, mas pelo Espírito.

2. Eles teriam habilidade para conceber corretamente as coisas invisíveis, e dispô-las numa tal ordem nas suas mentes que eles poderão exercitar facilmente os seus pensamentos sobre elas.

[1] A fé será aumentada e será fortalecida por isto. As coisas invisíveis são os próprios objetos da fé. Ela é "a evidência das coisas não vistas" (Hb 11:1). Portanto, em nossos pensamentos destas coisas invisíveis a fé está em seu próprio exercício; que são os meios principais de seu crescimento e aumento. E duas coisas resultarão disto:

1º - A alma chegará a uma percepção mais satisfatória, permanente da realidade delas. As

coisas da imaginação que mantêm um valor delas por nossa ignorância não suportarão uma procura diligente delas. Elas perdem a sua reputação em toda investigação séria. Passamos a conhecer e a viver a verdade e ela nos liberta de nossos conceitos e preconceitos relativos às coisas divinas e eternas. Assim elas são apresentadas a nós na sua realidade, como estão diante de Deus. Se os homens procuram por isto seguindo simplesmente a razão, segundo e seguindo a liberdade de indagação de seus próprios pensamentos, eles chegarão depressa no paraíso do bobo de Maomé, no purgatório dos Papistas, e a todas às criações da imaginação e superstição. Então, não é toda profissão de fé de um estado futuro de bem-aventurança que perceberá isto em nossas mentes; e então, a maior parte dos homens não têm uma noção sobre as coisas divinas que lhes possa dar uma satisfação sólida ou senso espiritual da realidade delas, porque são as coisas que o olho não viu, nem o ouvido ouviu, nem jamais estiveram no poder do coração do homem para concebê-las, não são compreendidas pela natureza terrena, pelo que é carne, porque é nascido da carne, mas por aqueles que são espírito, porque são nascidos do Espírito. Estes podem ver as coisas do reino de Deus. E por um exercício ininterrupto de pensamentos santos sobre estas coisas, a alma obtém uma entrada no meio deles, enquanto acha neles substância durável e riquezas. Então, não há nenhum modo para fortalecer a fé e elevá-la a um maior grau senão por uma contemplação diária das coisas divinas e eternas. Aqueles que não pensam

freqüentemente nelas nunca crerão nelas sinceramente. Eles poderão ter convicções pessoais sobre elas, mas não as terão como apreensão de coisas vivas e reais por meio de uma fé fortalecida e exercitada. A fé, como nós dissemos, assim exercitada, lhes dará uma subsistência; não nelas, que a possuem inerentemente, mas em nós, em nossos corações, em nossas mentes que crerão nisso. A imaginação cria seu próprio objeto; a fé acha o que já está preparado desde antes da fundação do mundo. Não deixará uma simples noção deles na compreensão, mas lhes dará uma subsistência espiritual no coração, como o próprio Cristo mora em nossos corações pela fé. E há duas coisas que revelarão esta subsistência deles em nós:

(1º) Quando nós achamos estes objetos da fé numa prontidão ininterrupta se levantando em nossas mentes em todas as ocasiões em que os pensamentos e recordação deles são necessárias e úteis a nós. Há muitas épocas, em que a fé e pensamentos sobre as coisas invisíveis e eternas nos serão necessários, porque nós não poderemos prevalecer nestas ocasiões executando nossos deveres da maneira devida, sem eles.

(2o) Estes objetos da fé são percebidos por nós, eles têm uma subsistência em nós, quando a alma continuamente se permite estar neles. Quando eles derem um tal prazer a nossos corações, como as primícias da glória por vir a ser revelada em

nós, a fé terá realizado o seu trabalho eficaz nisto em nós.

(3o) Dará gradualmente ao coração um conhecimento da natureza especial e uso destas coisas. Pensamentos gerais e noções do céu e sua glória flutuam para cima e para baixo na mente, e lhe dará tais apreensões distintas das coisas divinas, e a afetará com a glória delas.

Assim o alimento principal da fé consiste na contemplação destas coisas, por meio das quais é nutrida e é fortalecida.

[2] Dará vida à graça da esperança e a exercitará. A esperança é uma graça gloriosa, e uma operação eficaz na consolação dos crentes. É nela que somos salvos, purificados e santificados. Toda a sua eficácia repousa no fato de Cristo habitar em nós, que é a esperança da glória (Col 1.27). Onde Cristo evidencia a presença dele conosco, ele nos dá uma esperança infalível de glória; ele nos dá um penhor seguro disto, e trabalha em nossas almas uma expectativa disto. Esperar de modo geral é apenas uma expectativa incerta de um bem futuro que nós desejamos; mas como é uma graça do evangelho, toda a incerteza é afastada disto. É uma expectativa séria, enquanto procedendo da fé e confiança, acompanhada com desejos ardentes de prazer. De um entendimento enganoso de sua natureza é que poucos crentes trabalham por isto, se exercitam por isto, ou têm o benefício disto; porque, viver na esperança é um estado da vida de fé. Eles pensam que esperar ser salvo é uma condição dos homens que não têm

nenhuma fé ou garantia; mas isto deve se transformar num fruto santificado do Espírito num afeto comum da natureza. A esperança do evangelho é um fruto da fé, da confiança (Rom 5.2-5).

Agora, a razão por que os homens não têm um uso melhor disto, nenhum maior benefício, desta graça excelente, é porque eles não se fixam em pensamentos e contemplação das coisas esperadas. O objeto especial da esperança é a glória eterna (Col 1:27; Rom 5:2). O uso principal disto é apoiar, confortar, e refrigerar a alma, em todas as tentações, debaixo de todo o cansaço e tribulações, com uma expectativa de entrar naquela glória prometida, com um desejo sincero da mesma. Portanto, a menos que nós nos familiarizemos, por meditação ininterrupta, com a realidade e natureza desta glória, é impossível que esta venha a ser o objeto de uma esperança vigorosa, ativa, por meio da qual o apóstolo diz que "nós somos salvos". Sem isto nós não podemos ter nem aquela evidência das coisas eternas, nem aquela alta estima delas, nem aquela preparação em nossas mentes para elas.

Suponha que várias pessoas empreenderam uma viagem a um país remoto, do qual todos eles têm uma apreensão de que há nele um lugar de descanso e uma herança provida para eles. Debaixo desta apreensão todos eles se puseram na sua viagem, para possuir o que lhes está preparado. Enquanto alguns deles têm somente uma noção geral destas coisas; eles não sabem

nada distintamente relativo a elas, e não chegam assim, pela sua falta de investigação, a terem um conhecimento satisfatório delas, e se contentam em simplesmente seguirem adiante com esperanças e expectativas gerais. Outros há que por todos os meios se familiarizaram particularmente com a natureza do clima que eles terão, com a excelência da herança e provisão que são feitas para eles. A viagem deles será longa e pesada, e as dificuldades de muitos deles serão grandes, e eles não têm nada para se aliviarem e se encorajarem a não ser com a esperança e expectativa do país para onde eles estão indo. Esses do primeiro grupo ainda que muito hábeis, desfalecerão com as suas esperanças gerais e não poderão achar alívio; mas aqueles que têm uma noção distinta e a apreensão do estado das coisas que os aguardam, das quais têm uma firme convicção, apesar de nunca as terem visto, e da excelência incomparável delas, sempre terão uma prontidão para se alegrarem em suas mentes.

Na viagem ou peregrinação em que nós estamos comprometidos para um país divino, nós vamos nos deparar com todos os tipos de perigos e dificuldades. Não é uma noção geral de bem-aventurança que excitará e trabalhará em nós uma espiritual e refrigerante esperança.

[3] Somente isto nos preparará para a cruz, para todos os tipos de sofrimentos aos quais possamos ser expostos. Não há nada mais necessário aos crentes nesta época do que terem as suas mentes

providas de tais coisas que podem prepará-los para a cruz e sofrimentos. Em caso contrário, eles serão uma vez ou outra surpreendidos, e considerar suas provações como se fosse algo estranho que lhes acontecesse (I Pe 4.12). Nada é mais útil para este fim do que pensamentos constantes e contemplações das coisas eternas e da glória futura. Conseqüentemente a alma poderá estar pronta para repousar em equilíbrio contra todos os tipos de sofrimentos.

É por isso que em II Cor 4:16-18 o apóstolo Paulo colocou todos os tipos de aflições numa balança, e, na consideração dele, elas são leves e momentâneas. Então ele põe a glória na outra balança, e acha isto pesado e eterno, "um peso excedente de glória". Toda tristeza é pequena comparada a uma alegria eterna; qualquer dor é momentânea comparada a um descanso eterno. Paulo pesa todas estas coisas e apresenta o julgamento relativo a elas, em Romanos 8.18: "Porque para mim tenho por certo que os sofrimentos do tempo presente não podem ser comparados com a glória a ser revelada em nós".

É inseparável de nossa natureza ter um medo da adversidade de grandes, infelizes sofrimentos que estão além do poder de serem suportados por nossa natureza. Até mesmo nosso Senhor Jesus Cristo, tendo assumido todas as propriedades de nossa natureza, mas sem pecado, ficou angustiado diante dos sofrimentos que teria na cruz. Entretanto santo e cortês.

Como pensamentos refrescantes visitarão nossas almas quando nós resistimos a eles em dias de paz? Quando nós pensaríamos assim em coisas divinas para nosso refrigério, se nós quase não conseguimos que eles façam uma morada conosco. Eu sei que Deus pode pela ação poderosa do Espírito Santo apoiar e confortar as nossas almas se formos chamados a enfrentar o maior dos sofrimentos; mas eu sei também que é nosso dever não tentá-lo com a negligência dos modos e meios que ele tem designado para a comunicação da Sua graça a nós. Nosso Senhor Jesus Cristo, como o autor e consumidor da nossa fé, em troca da alegria que estava proposta, suportou a cruz, não se importando com a ignomínia (Hb 12.2). Isto significa que a visão dele estava posta na grande alegria que ele teria como conseqüência de todos os sofrimentos que teria que suportar, e isto serviu-lhe de refrigério para suportá-los. E este exemplo dele como autor e consumidor da fé é mais instrutivo do que qualquer outra regra ou preceito. A glória eterna também está colocada diante de nós; é o desígnio da sabedoria de Deus e é pela contemplação disto que nós deveríamos suportar todos os nossos sofrimentos neste mundo.

Quando Estevão foi apedrejado, ele foi encorajado e confortado em seu sofrimento porque os céus foram abertos e ele viu Jesus à direita de Deus. Então, ser espirituais, é o modo mais eficaz para sermos encorajados em todos os nossos sofrimentos. O apóstolo nos dá a força deste encorajamento numa comparação com coisas



terrenas: "Todo atleta em tudo se domina; aqueles, para alcançar uma coroa corruptível; nós, porém, a incorruptível." (I Cor 9.25).

Se os homens, quando uma coroa corruptível de honra vã é proposta a eles, e o aplauso dos homens, faz com suportem tudo o que for necessário para alcançá-la, e os pensamentos e imaginações de obtê-la os alivia em seus sofrimentos, que são fundamentados em esperanças incertas, porque nem todos os que correm levam o prêmio, não deveríamos nós, que temos uma coroa incorruptível e invisível suportar tudo o que for necessário para alcançá-la, sendo aliviados nos nossos sofrimentos com pensamentos e imaginações de atingi-la, fundamentados em esperanças certas, com a garantia de uma alegria infinitamente mais elevada ?

[4] Estes são os meios mais eficazes para desmamar o coração e afetos das coisas aqui debaixo, mantendo na mente uma subvalorização, sim, um desprezo delas, como requerido pelo nosso Salvador, não absolutamente, mas comparativamente, em comparação com o Seu evangelho, com os deveres que pertencem à nossa profissão: "Se alguém vem a mim e não aborrece a seu pai, e mãe, e mulher, e filhos, e irmãos, e irmãs e ainda a sua própria vida, não pode ser meu discípulo." (Lc 14:26).

Eu não falo daqueles que por rapina e opressão, se esforçam para enriquecer; desprezando a tudo

e a todos, para conseguirem grandeza e promoção no mundo, entretanto não por meio de uma maldade aberta e declarada; nem também daqueles que fazem da religião, e talvez do ministério deles, um meio para atingir fins seculares. Nenhum homem sábio pode supor que tais pessoas sejam espirituais. Para alguns o seu relacionamento com determinados prazeres deles, é um ídolo que eles erigiram nos seus corações e secretamente se curvam diante dele. Eles são guiados completamente com as suas próprias preocupações. Não é uma tarefa fácil, e requer muita sabedoria espiritual, fixar limites certos aos nossos afetos pelas coisas terrenas.

Muitos são diligentes para as coisas do mundo, e podem inventar que é para a promoção de seus filhos no mundo que eles se empenham para entesourar uma quantia considerável em dinheiro para lhes reservar uma condição boa como os outros, alegando que se não o fizesse seria pior que o infiel que não provê para a sua própria família. Com tal raciocínio e pensamentos muitos justificam a mentalidade terrena deles. E estão tão convictos de que estão agindo de modo aprovado, que se você lhes apontar o dever deles de não amarem o mundo, você perderá a consideração deles, e eles se tornarão seus inimigos por lhes contar a verdade.

Entretanto, se por qualquer meio um homem parece ter retirado do seu coração o amor pelas coisas terrenas, mas se ele não for conduzido ao mesmo tempo a ser espiritual pelo amor às coisas

eternas e divinas, isto não terá qualquer vantagem para ele. Tal é o caso dos que se retiram em conventos e mosteiros, sem qualquer vantagem para as suas almas. Deus não é nenhum senhor severo que nos domina exigindo que lancemos fora nossos afetos daquelas coisas que a lei de nossa natureza os faz queridos a nós, como esposas, filhos, casas, terras, posses, e não proponha algo muito superior para fixá-los. Como se lê no Sl 45.10,11: "Ouve, filha; vê, dá atenção; esquece o teu povo e a casa de teu pai. Então, o Rei cobiçará a tua formosura; pois ele é o teu senhor; inclina-te perante ele.". Quer dizer, tenha a fé de Abraão que abandonou o seu país natal, e a casa do seu pai para seguir a Deus onde Lhe agradasse. Assim como lemos no Sl 45.11, o amor do grande Rei é uma recompensa satisfatória abundante para se separar de todas as coisas neste mundo. Assim quando o criado de Abraão foi enviado a Rebeca para achar uma esposa para Isaque, ele requereu que ela deveria deixar o pai, a mãe, irmãos, e todos os prazeres imediatamente, e veio junto com ele; mas ela nada perderia porque ele não somente assegurou a grandeza do seu senhor, como também lhe deu jóias de ouro e de prata e vestidos, bem como ricos presentes a seu irmão e mãe (Gên 24.53). E quando nosso Salvador requer que nós deixemos tudo por ele e pelo evangelho, ele prometeu dar cem vezes mais deles, até mesmo nesta vida - isto é, traduzido em coisas espirituais e divinas. Portanto, nós nunca podemos ser livrados de uma maneira devida de um amor irregular às coisas aqui debaixo, sem um objeto melhor, mais nobre, e satisfatório para

nossos afetos e sem uma meditação assídua em coisas divinas.

Os prazeres terrenos aumentam os desejos terrenos dos homens, e o amor deles cresce com a renda deles. O aumento de riquezas amplia os desejos dos homens além de todos os limites de sabedoria, sobriedade, ou segurança. Os que muito têm querem ter mais, e não há limite para as suas cobiças. Os seus afetos ficam poderosamente ligados aos seus interesses terrenos e eles não conseguem em sua maioria voltarem seus afetos para Deus, e esta é a principal razão da dificuldade para um rico ser salvo por Cristo.

E o pobre pode ser tentado a cobiçar o que têm os ricos, e viver obstinadamente nesta busca, ficando impedido de consagrar os seus afetos para Deus.

Muitos desejam exercitar seus pensamentos ou meditações em coisas divinas e espirituais, mas apesar deles reconhecerem que isto é um dever, não conseguem fazer qualquer progresso nisto, porque suas mentes são instáveis, e hábeis em perambular e vagar, ou se entreter com outras coisas, e não conseguem se fixar no objeto que eles projetam para sua meditação. Suas habilidades são pequenas, a imaginação deles é estéril, as recordações e os julgamentos deles são fracos, para disporem as coisas em ordem correta. Na maior parte, eles nem sabem no que pensar.

Conseqüentemente outros pensamentos, sobre outras coisas, que não as espirituais, divinas e eternas, levam vantagem impondo-se neles, e o que começou com a finalidade de meditação espiritual acaba em vaidade carnal. E com isto são desencorajados em repetir com freqüência tais deveres. Mas em relação a outros deveres não se dá o mesmo com eles, porque as coisas que satisfazem a carne ocupam permanentemente suas meditações e pensamentos.

O entendimento da vaidade de nossas mentes nos dará, grandemente o senso do dever de humilhar nossas almas. De onde procede que nós não possamos nos fixar em pensamentos e meditações sobre coisas espirituais e divinas? É porque nós não temos um pendor natural para tais coisas? Isto é, por que não foram habilitadas as faculdades e poderes de nossas almas originalmente para a contemplação destas coisas? Na verdade tudo foi criado com esta inclinação natural para Deus com prazer e sem qualquer aversão ou cansaço. Mas isto foi perdido com a entrada do pecado no mundo. É por isso que lemos em Ec 7.29: "Deus fez o homem reto, mas ele se meteu em muitas astúcias."

Desta forma, nossas mentes que foram criadas num estado de união santificada a Deus foram viradas completamente para fora dele, e não somente isto, mas ficaram cheias de inimizade contra ele. Neste estado, aquela vaidade que é prevalecente nelas é o pecado delas e o castigo delas: o pecado delas, numa inclinação perpétua

para as coisas vãs, tolas, sensuais, e más, assim o apóstolo descreve isto em Ef 4:17-19 e Tito 3:3:

“Isto, portanto, digo e no Senhor testifico que não mais andeis como também andam os gentios, na vaidade dos seus próprios pensamentos; obscurecidos de entendimento, alheios à vontade de Deus por causa da ignorância em que vivem, pela dureza do seu coração, os quais, tendo-se tornado insensíveis, se entregaram à dissolução para, com avidez, cometerem toda sorte de impureza.” (Ef 4.17-19).

“Pois nós também, outrora, éramos néscios, desobedientes, desgarrados, escravos de toda sorte de paixões e prazeres, vivendo em malícia e inveja, odiosos e odiando-nos uns aos outros.” (Tito 3.3).

Lidos em conexão, estes dois textos revelam que conseguimos uma nova natureza em Cristo Jesus, mas somos exortados a não nos deixarmos vencer pela antiga natureza pecaminosa. E a raiz da solução deste problema repousa no tratamento interior do nosso coração, em achar de novo prazer nas coisas de Deus e se fixar nisto, porque não é sendo simplesmente religioso e se esforçando para viver e propor a outros uma vida de santidade que se pode ter êxito nisto, porque é uma questão de natureza movida por Deus, e não de simples exercício da nossa vontade, porque na primeira tentação ou obstáculo que surgir, recuaremos e ficaremos de novo sujeitos ao impulso da natureza terrena. O pastor estava dando conselhos a outros de coisas que deveriam

evitar, por serem pecaminosas, nas quais ele próprio logo depois acharia prazer em praticá-las. Isto seria uma horrenda hipocrisia, uma total incoerência. Desta forma, é preciso exercitar-se continuamente em achar prazer na comunhão com Deus, firmar-se nela, e depois propor isto a outros. Primeiro tirar a trave do próprio olho, no que respeita a isto, para poder ajudar a tirar o cisco dos olhos das demais pessoas.

Por graça nossas mentes são renovadas, quer dizer, mudadas e livradas da condição de serem dominadas pelo pecado. O princípio da vaidade não será mais predominante em nós, para nos alienar da vida de Deus, ou para nos manter em inimizade contra ele. Os que são renovados não entram na vaidade das suas mentes (Ef 4:17). A vaidade de nossas mentes está completamente curada no que se refere a termos sido livrados da morte espiritual; mas ainda como uma ferida, um tanto de fraqueza permanece, que tanto pode nos debilitar quanto impedir em todas as operações da vida espiritual. Conseqüentemente aqueles que fizeram algum progresso em graça estão conscientizados da vaidade deles como o maior fardo das suas almas, e gemem mesmo depois de tal renovação completa das sua mentes buscando serem perfeitamente livrados disto. É por isto que lemos em Rom 7.24: "miserável homem que sou, quem me livrará do corpo desta morte?". Sim, eles gemem diariamente debaixo de um senso disto, porque apesar das melhores resoluções deles em meditar nas coisas divinas, e na realização de ações espirituais de fé e amor, eles

descobrem que não raro suas mentes abrigam pensamentos de coisas que eles detestam em sua maioria. E há uma guerra na alma, e por isso se diz em Rom 7.15-20: "Porque nem mesmo compreendo o meu próprio modo de agir, pois não faço o que prefiro, e sim o que detesto. Ora, se faço o que não quero, consinto com a lei que é boa. Neste caso, quem faz isto já não sou eu, mas o pecado que habita em mim. Porque eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem nenhum, pois o querer o bem está em mim; não, porém, o efetua-lo. Porque não faço o bem que prefiro, mas o mal que não quero, esse faço. Mas, se eu faço o que não quero, já não sou em quem o faz, e sim o pecado que habita em mim."

Ora estas coisas não são ditas para justificar a inclinação para a falha, para o pecado, mas para conhecermos qual é a condição real da nossa natureza terrena, a saber, da carne que luta contra o Espírito, para que possamos estar conscientes da nossa necessidade total de buscarmos a vitória em Cristo, para que a lei do Espírito da vida em Cristo Jesus nos livre da lei do pecado e da morte que está nos nossos membros. A mente pode sair de debaixo do domínio da natureza terrena e passar para o domínio de Deus, apesar da natureza terrena ser escrava do pecado e não se sujeitar à lei de Deus, daí a necessidade de a mesma ser crucificada pela fé em Cristo (Rom 7.25).

Na guerra em que nós estamos comprometidos, nós temos os inimigos de todos os tipos que



aberta e visivelmente, em várias tentações, lutam contra nossas almas. E é nosso dever vigiar, lutar contra eles, e buscar a vitória sobre eles. Mas é esta vaidade interior da mente que se envolve em todas as coisas para nos trair, nos debilitar em todas as nossas graças, ou impedir a operação devida delas, e abrir as portas de nossos corações aos nossos inimigos amaldiçoados. Se nosso empenho principal é não descobrir, suprimir, e destruir este traidor, nós não teremos sucesso em nossa guerra espiritual.

Então, isto que é a causa original de toda aquela inaptidão da mente, para ser firmar em pensamentos santos e meditações. Trabalhe para ser grandemente humilhado, e caminhar humildemente com Deus, debaixo de um senso dos restos desta vaidade de mente. Se, quando você não puder se firmar em pensamentos santos sobre Deus e sua relação com ele, você deve refletir nesta causa disto, para uma maior humilhação e auto-negação, para que seu bom propósito não seja perdido.

Nós nunca poderemos ser livrados absolutamente de todos os efeitos desta vaidade e instabilidade da mente neste mundo. Mas podem ser atingidos grandes graus na conquista e expulsão disto. Se nós nos aplicamos como nós devemos ao aumento de luz espiritual e graça; se nós trabalharmos para abundar em pensamentos de coisas espirituais diligentemente, nós vigiaremos contra os pensamentos de coisas vãs em nossas mentes, entretanto, não há uma

perfeição absoluta, mas um grau de mentalidade santificada divina será atingido. Mas se os homens alimentam a vaidade das suas próprias mentes; se eles lhes permitem perambular continuamente com coisas tolas, sensuais, e terrenas; e se não se esforçam para a mortificação desta condição má, em vão eles desejarão fixarem seus pensamentos em coisas divinas. Quando o poder santificador da graça fizer com que a mente tenha habitualmente pensamentos espirituais e divinos, eles serão como coisas naturais à mente.

Seja sempre consciente de sua própria insuficiência para elevar sua mente em pensamentos espirituais e divinos, de uma maneira devida. Mas neste caso os homens são hábeis em supor que tais pensamentos são propriamente deles, e então não precisam de nenhuma ajuda para tê-los. Mas o conselho dado pelo apóstolo, no seu próprio exemplo, é exatamente oposto a isto: "não que por nós mesmos, sejamos capazes de pensar alguma coisa, como se partisse de nós; pelo contrário, a nossa suficiência vem de Deus." (II Cor 3.5).

Ele fala principalmente de ministros do evangelho, e que de como foi habilitado para ser ministro de uma nova aliança (II Cor 3.6) de dons espirituais e graças. E se isto foi verdadeiro para os apóstolos, que dependiam inteiramente da ajuda de Deus, quanto mais os outros crentes que não têm o mesmo ofício dos apóstolos.

Pela força das suas habilidades naturais, os homens podem moldar pensamentos sobre Deus

e coisas divinas nas suas mentes, eles metodizá-los por regras de arte, e expressá-los elegantemente a outros. Mas até mesmo enquanto eles fazem assim, eles podem estar bastante distantes de serem espirituais; porque pode ser que nos pensamentos deles não haja nenhuma ação de fé, amor, ou prazer santo em Deus, ou nenhuma graça.

Mas quando falamos sobre pensamentos das coisas espirituais e divinas, e sobre as meditações solenes relativas a estas coisas, queremos nos referir à fixação deles de modo que possam afetar nossos próprios corações e almas com eles. Este propósito é diferente do estudo da Palavra, em que nosso alvo principal é aprender a verdade, ou declará-la a outros; e também da oração, em que o próprio Deus é o objeto imediato. Mas a meditação é o meio de afetar com carinho os nossos próprios corações e mentes, encantando-os e humilhando-os. Até o momento nós temos mostrado o que é ser espiritual, e como nossos pensamentos procedem da condição habitual de nossos corações e afetos.

Deus nos determina pela Palavra a prática da meditação:

“Não cesses de falar deste Livro da Lei; antes, medita nele dia e noite, para que tenhas cuidado de fazer segundo tudo quanto nele está escrito; então, farás prosperar o teu caminho e serás bem sucedido.” (Js 1.8). A meditação na Palavra foi ordenada a Josué para que fosse próspero e bem sucedido.

“Antes, o seu prazer está na lei do Senhor, e na sua lei medita de dia e de noite.” (Sl 1.2).

“As palavras dos meus lábios e o meditar do meu coração sejam agradáveis na tua presença, Senhor, rocha minha e redentor meu!” (Sl 19.14).

“no meu leito, quando de ti me recordo e em ti medito, durante a vigília da noite, Porque tu me tens sido auxílio; à sombra das tuas asas eu canto jubiloso. A minha alma apega-se a ti; a tua destra me ampara.” (Sl 63.6-8).

“Meditarei nos teus preceitos e às tuas veredas terei respeito.” (Sl 119.15).

“Faze-me atinar com o caminho dos teus preceitos, e meditarei nas tuas maravilhas.” (Sl 119.27).

“Compreendo mais do que todos os meus mestres, porque medito nos teus testemunhos.” (Sl 119.99).

“Os meus olhos antecipam-se às vigílias noturnas, para que eu medite nas tuas palavras.” (Sl 119.148).

“Meditarei no glorioso esplendor da tua majestade e nas tuas maravilhas.” (Sl 145.5).

“Maria, porém, guardava todas estas palavras, meditando-as no coração.” (Lc 2.19).

“Enquanto meditava Pedro acerca da visão, disse-lhe o Espírito: Estão aí dois homens que te procuram.” (At 10.19).

“Medita estas coisas e nelas sê diligente, para que o teu progresso a todos seja manifesto.” (I Tim 4.15).

Por estes textos da Palavra podemos perceber qual é o caráter da meditação segundo Deus. Ela consiste em trazer de novo à consideração da mente verdades e coisas espirituais e divinas. Exercendo pensamentos sobre elas, aplicando-as ao coração, e examinando tudo quanto for possível referente às coisas que sejam o objeto de nossas meditações.

Um meditar assim é absolutamente essencial para que sejamos de fato espirituais. É assim que somos bem sucedidos em ter comunhão com Deus, pela apreensão das coisas espirituais e divinas.

Veja que isto precisa ser trabalhado, assim como fazia Davi, antecipando-se às vigílias da noite e em outras ocasiões, sem nunca descuidar-se disto.

Qualquer princípio da graça que nós temos em nossas mentes, não poderá ser exercitado sem um certo modo de meditação espiritual, ou caso contrário, não sem grande diligência, ou sem grande dificuldade.

A realidade da graça, que é implantada em nossas mentes pelo Espírito Santo, como uma das principais partes da nova natureza que é dom Deus, por meio de Cristo Jesus para as boas obras; deve melhorar e crescer a partir de todas as outras graças, através do nosso próprio cuidado diligente, vigilância, e espiritualidade que se

esforçam em todos os deveres santos, que são requeridos. A menos que o solo mais fértil seja adubado, não produzirá uma colheita útil. Como pode um homem pobre esperar ser rico neste mundo sem trabalhar, ou para um homem fraco ser forte e saudável sem comida e exercício, e ser espiritual sem um empenho sério para isto. E dentre as coisas relativas a este empenho nós podemos citar dentre outras:

1. Uma vigilância ininterrupta na alma contra as incursões de pensamentos vãos e imaginações, especialmente em temperamentos em que eles são hábeis em obter vantagem. Aqui se aplica a ordem do Senhor para que vigiemos (Mc 13.37). A menos que nós mantenhamos uma vigilância rígida nisto, nós estaremos nas mãos de nossos inimigos espirituais; porque todos estes pensamentos estão fazendo provisão para a carne, para cumprir seus desejos. Esta é a substância do conselho que nos é dado em Pv 4.23: "Sobre tudo o que se deve guardar, guarda o coração, porque dele procedem as fontes de vida."

2. Evitar cuidadosamente todas as sociedades e negócios desta vida que sejam hábeis para seduzir a mente a uma condição terrena ou sensual. Se os homens se arriscarem nessas coisas que seduzem e tiram as mentes deles de uma condição divina para o contrário disto, e não vigiam para evitá-las, eles ficarão cheios dos frutos dos seus próprios procedimentos. Realmente, a conversação comum de líderes entre eles e outros, caminhando, falando, e se

comportando como fazem os homens que são do mundo, eles perderão a graça de serem espirituais, e mancharão a glória da sua profissão. A regra de Davi, no Salmo 39.1-3 deve ser rigorosamente observada:

“Disse comigo mesmo: guardarei os meus caminhos, para não pecar com a língua; porei mordança à minha boca, enquanto estiver na minha presença o ímpio. Emudeci em silêncio, calei acerca do bem, e a minha dor se agravou. Esbraseou-se-me no peito o coração; enquanto eu meditava, ateou-se o fogo; então, disse eu com a própria língua:”.

3. Um constrangimento santo para revestir a mente de pensamentos e meditações espirituais, enquanto a faz considerar na necessidade e utilidade deles. A vontade mais propensa da mente é recusar isto, e assim será necessário mais orações privadas do que públicas, e mais meditação que oração. A direção mais propensa da mente é recusar isto. Um constrangimento santo será posto nisto, considerando motivos constrangedores, como o amor de Cristo (II Cor 5.14), para manter a mente firme em seu dever.

4. Uso diligente de meios para abastecer a alma com aquela luz e conhecimento de coisas divinas que podem produzir meditações e pensamentos santos. Como Paulo ordena aos colossenses que “a palavra de Cristo habitasse neles ricamente em toda a sabedoria” (Col 3.16). Isto é, eles poderiam abundar no conhecimento da mente de Cristo,

sem o que nós seremos impróprios para este dever.

5. Guerrear contra Satanás que, por vários artifícios e lançamento de dardos ígneos, trabalha para nos desviar destes deveres continuamente. Firmeza na resistência a Satanás é uma grande parte de nossa guerra espiritual. E nós podemos saber que ele está no trabalho pelas suas sugestões de imaginações vãs, tolas, ou corruptas. Quando elas começam a subir em nossas mentes quando nós nos ocuparmos da meditação espiritual, nós podemos conhecer seguramente de onde é que elas procedem.

6. Cuidado alerta e ininterrupto de que nenhuma raiz de amargura nos domine, e que nenhuma cobiça ou corrupção sejam predominantes em nós.

7. Mortificação para o mundo em nossos afetos e desejos, com moderação em nossos empenhos para obtenção das coisas que nos são necessárias.

Alguns, podem dizer que se todas estas coisas são requeridas, tomarão a vida inteira de um homem para que ele seja espiritual. Eles esperam que eles podem atingir isto de uma maneira mais fácil, e eu respondo, que se a parte principal de nosso tempo não for gasta com estas coisas, nós não temos nem vida nem paz realmente. Os primeiros frutos de tudo deveriam ser oferecidos a Deus; e para os sacrifícios ele requeria o melhor do rebanho. Se o melhor não for dele, ele não terá nada. Isto se aplica também ao nosso tempo. Você



pensa que você entrou neste mundo para gastar seu tempo inteiro e força em seus empregos, seus comércios, seus prazeres, para a satisfação da "vontade da carne e da mente?". Que pode reservar somente tempo para comer, beber, dormir, falar, para se associar em todos os tipos de ajuntamentos desnecessários, mas pode não ter tempo bastante para viver para Deus praticando os deveres necessários e essenciais em que esta vida para Deus consiste? Você entrou no mundo debaixo desta lei: "E assim como aos homens está ordenado morrerem uma só vez, vindo, depois disto, o juízo," (Hb 9.27) e a finalidade para a qual a sua vida foi concedida aqui a você é para que você possa estar preparado para aquele julgamento. Se isto é negligenciado, se a parte principal de seu tempo não é melhorada com respeito a este fim, você cairá debaixo da pregação disto pela eternidade.

Mas os homens são hábeis para se equivocarem neste assunto. Eles podem pensar que estas coisas tendem a fazer com que desconsiderem todas as ocasiões e oportunidades da vida. Os homens podem se defender e satisfazer as consciências deles contra qualquer persuasão ao contrário dos seus desejos aprovados, mas ainda há uma época que nos obriga a que nos separemos de tudo o que nós temos, e estar disponível completamente para seguir a Cristo em todas as coisas (Mt 19:21); e se nós negligenciamos ou recusamos isto naquela época, se o Senhor assim nos chamar, é uma evidência que nós somos hipócritas. E houve um tempo quando a superstição teve poder nas

mentes dos homens, foram persuadidas multidões para abandonarem, e renderem, todo seu interesse em relação a bens e posses, para realizarem peregrinações tediosas, sim, serviços duros na guerra, obedecer àquela superstição. Mas não é a isto que nos referimos. Não estamos incitando os homens a abandonarem as suas oportunidades terrenas legais, mas sim a trazerem afetos e pensamentos espirituais em tudo o que fizerem.

Considere a chamada do ministério: O trabalho e dever disto chamam aqueles que são empregados nisto para terem as suas mentes e pensamentos familiarizados com coisas espirituais e divinas. Eles devem estudar sobre eles, meditar neles, retê-los na memória e coração, e falar deles a outros, além de outros deveres espirituais. Será dito: "Certamente tais homens devem ser espirituais". Requer muita vigilância, muito cuidado, mais humildade, para um ministro ser espiritual no desempenho da sua chamada. E ele terá pequeno benefício no seu ministério se não empreender em primeiro lugar uma experiência no seu próprio coração do poder das verdades que ele ensina a outros.

Pensamentos espirituais sobre o próprio Deus - A oposição a eles e a negligencia deles, com as causas deles e o modo de prevalência deles. As corrupções predominantes que expulsam os pensamentos devidos sobre Deus, como são descobertas, etc.

Nos pensamentos de quem é verdadeiramente espiritual, o fundamento absoluto e fonte de todas as coisas espirituais é o próprio Deus. Ele é a fonte de onde todas estas coisas procedem, e o oceano em que eles vivem; ele é o centro delas, em que todos eles começam, são encontrados, e terminam. Assim o apóstolo afirma em Rom 11.36: "Porque dele, e por meio dele, e para ele são todas as coisas."

Todas as coisas surgem do poder dele, e estão dispostas pela sabedoria dele numa tendência para a Sua glória. É somente debaixo desta consideração de Rom 11.36, que elas são os objetos de nossa meditação espiritual, isto é, como elas vêm dele e tendem a ele. Todas as outras coisas são finitas e limitadas, mas elas começam e terminam dentro daquilo que é imenso e infinito. Assim Cristo é tudo em todos. Ele é então, ou deveria ser, o único objeto supremo, absoluto de nossos pensamentos e desejos; outras coisas são somente dele e para ele. Nosso dinheiro é dele. Nossas coisas são dele. Nossos filhos são dele. Nossa própria vida pertence a Ele, porque dele, e por meio dele, e para ele são todas as coisas. Se nossos pensamentos não começam nele e não terminam nele, eles não são espirituais.

"por meio dele, tendes fé em Deus, o qual o ressuscitou dentre os mortos e lhe deu glória, de sorte que a vossa fé e esperança estejam em Deus." (I Pe 1.21).

Assim, nem de longe, devemos pensar continuamente, como crentes que somos, do mesmo modo que os incrédulos costumam pensar acerca de Deus, estando endurecidos pelo orgulho e por outras formas de manifestação do pecado.

Lemos no Salmo 10.4: O perverso, na sua soberba, não investiga; que não há Deus são todas as suas cogitações.". Quando os crentes permanecem carnis, eles negam de certa forma a existência de Deus por não investigarem sobre Ele em seus corações, por não colocarem nele os seus afetos.

A palavra diz que todas as coisas são puras para os puros, mas que para os impuros e descrentes, nada é puro, porque tanto a mente como a consciência deles estão corrompidas, e no tocante a Deus professam conhecê-lo; entretanto, o negam por suas obras; é por isso que são abomináveis; desobedientes e reprovados para toda boa obra." (Tito 1.15,15. O texto, na sua parte final se refere a incrédulos e não a crentes, mas quando estes imitam os incrédulos em suas obras, ainda que haja esperança para eles por terem a Cristo, e ainda que não venham a experimentar a condenação futura, certamente Deus é negado pelo modelo de suas vidas, e é enganoso o sentimento que eles abrigam de que o estão agradando e vivendo de modo digno pelo fato de terem sido justificados e regenerados pela fé em Cristo. Eles se esquecem que a santificação é um dever. Que aqueles que foram justificados devem agora viver para Deus entregando os seus

membros para a prática da justiça, abundando em boas obras. Assim, aquilo que se diz dos ímpios em sentido absoluto, pode ser dito dos crentes carnais, em certo sentido, a saber, que “eles professam conhecer a Deus; entretanto, o negam por suas obras”.

Crentes carnais olham as coisas espirituais com desconfiança e desprezo porque os seus afetos estão ligados a pecados e àquilo que é do mundo, tal como isto está nos incrédulos. Em sua negligência, é impossível que eles possam pensar em Deus como deveriam; porque o amor de Deus e o amor do mundo em graus prevaletentes são incompatíveis entre si (porque se o amor do homem é por este mundo, como pode permanecer nele o amor de Deus?). E estas convicções carnais podem ser reforçadas se no ensino e pregação da igreja não são as coisas espirituais, divinas e eternas que são abordadas, mas pensamentos vãos, coisas e objetivos terrenos como prosperidade material e tudo o mais que enfatize o que é deste mundo e não aquilo que é do alto. Os crentes poderão ser reconduzidos ao modo correto de viver para Deus, sendo espirituais, porque Deus é espírito e importa que os seus adoradores o adorem em espírito e em verdade, quando o ensino e a pregação são consistentes com a Palavra de Deus.

A conversação comum dos homens quando gira em torno de pensamentos mundanos, o amor e o desejo deles pelas coisas terrenas, faz com que o prazer deles por aquilo que é do mundo aumente,

e que em contrapartida o vigor dos espíritos deles diminua. A Palavra do Senhor é espírito e vida. Jesus é verdadeira comida e bebida para o espírito humano. Não há outro alimento com o qual ele possa ser fortalecido e permanecer saudável. Enganam-se portanto aqueles que julgam estarem sendo muito abençoados por Deus se têm prosperado muito em coisas terrenas e não nas que são espirituais. Se assim fora os ímpios que são ricos segundo o mundo, seriam as pessoas mais abençoadas por Deus. O valor da vida de alguém não consiste na quantidade de bens que ela possui. Aqueles que são verdadeiramente ricos, são os que são ricos para com Deus, ainda que eles sejam pobres neste mundo quanto a bens materiais.

Nunca é demais lembrar que até aquelas obras que aparentam serem obras feitas no amor de Deus, como as de caridade, poderão não ter qualquer valor eterno se não são feitas de fato para a glória do Senhor, e pelo mover do seu Espírito em nós.

Onde as pessoas apreciam cobiças predominantes secretas nos seus corações e vidas, Deus não está nos pensamentos delas como deveria estar. Ele pode até estar, como é muito freqüente, nas palavras de tais pessoas, mas nos seus pensamentos e corações ele não está, e nem mesmo pode estar, de uma maneira devida, quando nossos afetos estão predominantemente ligados a coisas que sejam nascidas da cobiça de nossa natureza terrena.

Assim, bem faremos em atender a ordenança do Espírito Santo em Hb 3.13: “exortai-vos mutuamente cada dia, durante o tempo que se chama Hoje, a fim de que nenhum de vós seja endurecido pelo engano do pecado.”, e em Hb 12.13-17: “fazei caminhos retos para os pés, para que não se extravie o que é manco; antes, seja curado. Segui a paz com todos e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor, atentando; diligentemente, por que ninguém seja faltoso, separando-se da graça de Deus; nem haja alguma raiz de amargura que, brotando, vos perturbe, e, por meio dela, muitos sejam contaminados; nem haja algum impuro ou profano, como foi Esaú; o qual por um repasto, vendeu o seu direito de primogenitura. Pois sabeis também que, posteriormente, querendo herdar a bênção, foi rejeitado, pois não achou lugar de arrependimento, embora, com lágrimas, o tivesse buscado.”.

Assim quanto erram os pastores que não apascentam o rebanho com o único pão vivo que descendo do céu dá vida eterna ao que dele se alimenta. Quando por vergonha de assumirem inteiramente o ensino do evangelho e o exemplo de Cristo e dos apóstolos, contextualizam o seu ensino carnal, e conformam suas vidas e de suas ovelhas por meio deste, para não decepcionarem aqueles que eles julgam serem grandes, só que são para o mundo, mas não para Deus.

Nós temos que distinguir entre um tempo de tentação em alguns e o estado ordinário de mente

e afetos em outros. Pode haver uma época em que Deus, na ordenação santa, sábia dele de todas as coisas para nós, e para a própria glória dele, com fins santos, pode permitir que uma cobiça ou corrupção possa assaltar o coração de alguém que estará sob provação, de maneira que possa ser corrigido, disciplinado, humilhado, para por fim ser exaltado e preparado para obras maiores e melhores. Mas ninguém pode dizer que está sendo tentado por Deus, porque Ele a ninguém tenta. O que estava em prova foi atraído por sua própria cobiça. Ele teve oportunidade de conhecer melhor toda a malignidade da sua natureza terrena, e todo o poder e bênção que há em Cristo para livrá-lo da tentação e para prover força na fraqueza. Mas mesmo sob tentações, sempre nos é ordenado olhar para Cristo em busca de socorro e alívio, para permanecermos firmes na fé, porque este será sempre o propósito de Deus para os Seus filhos. Eles são provados para serem aprovados, e não para justificarem suas fraquezas e pecados.

O Senhor quer nos ensinar a ter paciência nas tribulações e a vencermos todas as tentações. Ele quer que nos disponhamos a mortificar a nossa natureza terrena e a nos revestirmos continuamente de Cristo. O ato de despojar-se das obras da carne é um dever para todos os dias de nossas vidas.

Uma alma orgulhosa será humilhada, uma alma descuidada será despertada, uma alma insensata será reprovada, uma alma apóstata será



recuperada, uma alma egoísta será quebrantada. Deus pode permitir isto por um período para a correção dolorida de uma corrupção prevalecente; a qual, produzirá depois fruto pacífico de justiça naqueles em que é exercitada, contribuindo para que sejam efetivamente participantes da santidade de Deus, não se enganando mais com falsos pensamentos e discursos.

Quando nossa meditação está concentrada no próprio Deus e quando fazemos isto de coração, ela se lhe torna agradável e o seu Espírito gera alegria em nossa alma. Como diz o salmista: "Seja-lhe agradável a minha meditação; eu me alegrarei no Senhor." (Sl 104.34). Assim é isto o que se dá com aqueles que são verdadeiramente espirituais. Eles não somente pensam muito em Deus, como eles têm prazer e alegria nestes pensamentos, eles são doces a eles. E isto não é para ser feito ocasionalmente, mas todos os dias, como diz o salmista no verso anterior ao Salmo citado anteriormente: "Cantarei ao Senhor enquanto eu viver; cantarei louvores ao meu Deus durante a minha vida." (Sl 104.33).

Somente a mente espiritual pode reconciliar essas coisas que são prescritas a nós como nosso dever para Deus. De nos encantarmos e sempre nos alegrarmos nele, triunfar em todas as circunstâncias sejam boas ou más, tendo voltado para Ele os nossos primeiros pensamentos seja para buscar alívio nEle, seja por motivo de gratidão. Temendo e tremendo diante dEle com

santo temor, como lemos em Hb 12.28: “Por isso, recebendo nós um reino inabalável, retenhamos a graça, pela qual sirvamos a Deus de modo agradável, com reverência e santo temor;”.

Se nos falta este temor e esta reverência santa que são os meios de trazer virtude santificadora às nossas almas, não poderemos ser espirituais. Mas, quando fazemos isto, nós santificamos o nome de Deus em nosso acesso até ele; e ele santificará e purificará nossos corações por esses mesmos pensamentos pelos quais nós nos aproximamos dele.

Nós podemos ter muitos pensamentos súbitos, ocasionais, passageiros de Deus que não são introduzidos em nossas mentes por um temor reverente; e se eles não deixam aquele temor em nossos corações, eles são de nenhum valor, e vão nos tornar acostumados à insensibilidade e a considerar as coisas santas como coisas comuns, e esta atitude de espírito é desprezada por Deus.

Dá-se o mesmo caso com pensamentos pecaminosos, que podem surgir em nossas mentes como restos de nossa natureza corrompida, ou seja ocasionado pelas tentações e sugestões da carne e de Satanás. Se estes são rejeitados imediatamente e expulsos de nós, a alma não é mais prejudicada, mas se eles fazem morada freqüente nas mentes dos homens, ou se dominam os seus afetos, eles sujam grandemente a mente e a consciência, enquanto afastam a pessoa da presença de Deus. Assim, se nossos pensamentos ocasionais sobre Deus nos deixam

imediatamente, e desaparecem sem muito afetar nossas mentes, nós teremos pequeno ou nenhum benefício por eles; mas se, pelas visitas freqüentes deles e tendo alguma continuação conosco, eles dispõem nossas almas a uma reverência santa e temente a Deus, e eles são meios santificados para promover nossa santificação.

Não há dever mais importante para moldar as consciências dos homens do que manter uma reverência santa e um temor constante de Deus em tudo o que eles têm a ver com ele, tanto em privado quanto em público, quer nos pensamentos interiores, quer na comunicação externa deles. Há tanta formalidade prevalecendo na religião, que sempre encontramos uma pequena ou mesmo nenhuma reverência a Deus nos deveres mais solenes da adoração que lhe é devida.

Mas nisto consiste a vida mesma de toda a verdadeira religião. O temor de Deus é, no Velho Testamento, a expressão habitual de todo o respeito devido de nossas almas a ele, e que porque onde isso não está em exercício, nada é aceito por ele. E conseqüentemente é dito que o todo de nossa sabedoria consiste nisso; e se não está num exercício prevalecente em tudo, nós temos que ver imediatamente com ele, todos nossos deveres estão totalmente perdidos, assim como aquilo que poderia ser para a Sua glória, e também a vantagem espiritual de nossas próprias almas.

O exercício de nossos pensamentos sobre coisas futuras, invisíveis, e eternas; sobre o próprio Deus; com as dificuldades e oposições a isto, e o modo de removê-las. Noções corretas sobre a glória futura.

Muitos têm uma visão das coisas eternas e futuras, sem qualquer fundamento real e seguro, mas com base em suas imaginações. Portanto quando o apóstolo nos concita a buscar e a concentrar nossos pensamentos nas coisas do alto (Col 3.1,2) ele está dizendo que devemos ter apreensões das coisas divinas, especialmente da presença de Cristo e da exaltação dele em glória.

O céu está prometido como "descanso" para as cansadas e sofrimentos dos crentes neste mundo (II Tes 1.7; Apo 7.17). E seria vantajoso para nós se acostumássemos mais nossas mentes a pensarem neste tipo de alívio que nós teremos - se, no meio de medos, perigos, tristezas, nós faríamos bem se nos retirássemos mais prontamente aos pensamentos relativos àquele estado em que nós seremos livrados de tudo isto.

O céu é um estado de libertação do pecado, de todos os pecados, em todas as causas, circunstâncias e seus efeitos. E eu não entendo como um homem pode ser um crente sincero e o pecado não ser para ele o maior fardo e tristeza. Assim, muito da alegria do céu, tem a ver com este estado de libertação total das causas, circunstâncias e efeitos do pecado.

Aquele que verdadeiramente odeia e detesta o pecado, tem o desejo principal na vida de ser livrado dele.

Pensamentos freqüentes e meditações sobre o céu debaixo desta noção prova que um homem é espiritual; porque isto é uma evidência convincente que o pecado é um fardo para ele, e para ele que deseja ser livrado disto e todas suas conseqüências, nenhum pensamento tem maior acolhida do que os relativos àquele estado em que o pecado não mais existirá.

Estas coisas pertencem àquela ordenação de Paulo de pensarmos nas coisas que são do alto.

Não é suficiente ter uma idéia generalizada sobre a vida futura no céu, em termos de saber apenas que ela será grandiosa e gloriosa. É preciso saber, para nosso conforto e fortalecimento da fé, conhecer as particularidades deste estado futuro, conforme são reveladas na Bíblia. Esta glória não deve ser fruto da nossa imaginação, das invenções da nossa mente para traduzi-la, porque isto não nos trará nenhum prazer verdadeiro, e poderemos entrar em muitos enganos, tal como costuma ocorrer com as noções errôneas que as pessoas têm do ensino que recebem das falsas religiões.

Embora nenhum homem vivente possa ver por antecipação as riquezas infinitas deste estado de glória eterna, contudo é dever de todos se familiarizarem com a natureza disto em geral, para que possam ter pensamentos fixados nisto, e

amar e desejar a manifestação desta glória em suas vidas.

Uma grande parte da humanidade, como os muçulmanos, têm uma concepção geral da glória do céu como um estado para a satisfação completa das cobiças sensuais e prazeres deles. Isto é uma evidência de que a religião que eles professam não tem nenhum poder ou eficácia nas mentes deles, para tirar deles o amor ao pecado, por colocar a felicidade deles no cumprimento dos desejos da carne.

Alguns dos filósofos antigos delinearão a idéia de céu como a simples contemplação intelectual das beatitudes de Deus. Eles adornaram com discursos racionais aquelas coisas sobre as quais os crentes estão melhor esclarecidos pela sua fé e mediante a luz da Bíblia. Ainda que haja algumas verdades no que eles afirmaram, e tenham feito algumas elegantes ilustrações disto, entretanto, elas não atingem a compreensão comum da maioria dos crentes, e na verdade elas não servem para torná-los úteis no serviço de Deus, nem para aumentar as suas graças e fé, e a Bíblia é o veículo seguro e adequado para nos dar uma noção correta do céu e um verdadeiro e útil senso destas coisas às nossas mentes.

"Nós caminhamos por fé, e não através de visão", disse o apóstolo (II Cor 5:7). Portanto, esta é a diferença entre nosso estado presente e nosso estado futuro, aquela visão do futuro proverá o sentido da fé (I Jo 3:2); e se a visão entrar no lugar da fé, então o objeto daquela visão deve estar de

acordo com o objeto presente da nossa fé. Assim o apóstolo nos diz em I Cor 13:9,10,12: "Porque, em parte, conhecemos e, em parte, profetizamos. Quando, porém, vier o que é perfeito, então, o que é em parte será aniquilado. Porque, agora, vemos como em espelho, obscuramente, então, veremos face a face. Agora, conheço em parte, então, conhecerei como também sou conhecido."

Essas coisas que nós vemos agora obscuramente, como por um espelho, nós teremos então uma visão imediata e uma compreensão completa delas; porque o que é perfeito virá e aniquilará o que é em parte. Qual é então o principal objeto presente da fé evangélica ? Não é a manifestação da glória da sabedoria infinita, graça, amor, bondade, e poder de Deus em Cristo ? A revelação das deliberações eternas da Sua vontade e os modos da realização delas, na salvação eterna da igreja, nele e por ele, com a exaltação gloriosa do próprio Cristo? Nós as vemos obscuramente agora, como num espelho, isso é o máximo que podemos atingir pela fé; mas no céu elas serão abertas e completamente exibidas. Mas é a fé quem nos dá a convicção de que teremos a plenitude daquilo que agora é em parte.

Alguns estarão talvez prontos para dizer, que se este é o céu, eles não podem ver nenhuma grande glória nisto, nenhuma beleza para ser desejada. Mas nós não procuramos nenhum outro céu, senão aquele em que nós seremos conduzidos e preparados por meio da luz do evangelho; àquilo

que aperfeiçoará todos os começos da graça de Deus em nós.

É verdade que há várias outras coisas em particular que pertencem àquele estado de glória futuro, mas o que nós mencionamos é a fonte de todas elas.. Nós não podemos experimentar qualquer glória verdadeira, se a pessoa do próprio Deus não estiver junto. As comunicações de Deus a nós e nosso prazer nele estarão e serão manifestações da glória dele em Cristo.

Pode ser indagado, o que é a glória subjetiva, ou qual é a mudança a ser forjada em nós mesmos para que nós possamos desfrutar esta glória? Isso consiste na perfeição de toda a graça que é inicialmente forjada e que reside subjetivamente em nós neste mundo. A graça que nós temos aqui não será lançada fora em sua essência e natureza, entretanto um pouco disto cessará como também a maneira de sua operação. Como a alma poderia pensar com alegria de ir para o céu, se com isso tivesse que perder toda sua luz presente, fé, e amor de Deus ? Entretanto deve ser falado que receberemos muito mais disto, num grau muito mais excelente. Quando os santos entrarem no descanso, as boas obras deles os seguem; e como eles poderiam ter isto, se a graça deles não os acompanhasse, pois não é dela que as boas obras procedem? A perfeição de nossas graças presentes que estão aqui fracas e que às vezes são suspensas nas suas operações é uma das partes principais do estado de glória. A fé será transformada em visão, como foi provado antes;



embora isto não destrua sua natureza, mas fará com que cesse a sua maneira de operação para coisas invisíveis. Se um homem tem uma fé fraca, pequena nesta vida, com pequena evidência e nenhuma garantia, de forma que ele duvida de todas as coisas, e não tem nenhum conforto no que ele crê; se posteriormente, por operações da graça, ele tem uma evidência sumamente prevaiente das coisas em que crê, e fica cheio com conforto e garantia; isto não é por causa de uma fé ou graça de outro tipo do que ele tinha antes, mas pela mesma fé elevada a um grau mais alto de perfeição. Quando nosso Salvador curou o cego (Mc 8.24) e lhe restaurou a visão, ele viu no princípio todas as coisas obscura e imperfeitamente, ele viu os homens como árvores caminhando, mas numa outra aplicação de virtude nele, ele passou a enxergar perfeitamente (verso 25). Não porque recebeu uma visão de outro tipo da que ele havia recebido antes, a imperfeição não estava na operação da graça, mas nele mesmo, porque a graça que lhe foi aplicada depois, foi a mesma graça aplicada no princípio. Assim nem a visão perfeita que passaremos a ter das coisas do alto será absolutamente uma graça de outro tipo da luz de fé que nós desfrutamos aqui neste mundo; o que está imperfeito nisto será aniquilado, e então passaremos a ver perfeitamente, não como que por espelho. O amor também será aperfeiçoado, mas haverá pouca alteração na sua maneira de operação porque a mesma paixão que temos em trabalhar para Deus e Cristo, permanecerá por toda a eternidade, e isto será o mesmo em sua

natureza e em todas as suas operações, só que o amor no estado de glória será absolutamente perfeito. A alma vai por isto ser habilitada a amar a Deus de maneira imutável, com prazer, satisfação e desvanecimento eternos. A esperança será perfeita quanto ao prazer e tudo que por meio dela esperamos receber de Deus. Não haverá qualquer sombra de dúvida. A esperança será certa e perfeita. A convicção interior do atendimento e suprimento de nossas necessidades por sua providência, habitando-nos para o nosso serviço dia e noite ao Cordeiro, será uma certeza inabalável por toda a eternidade. E assim será com todas as demais graças.

Esta perfeição subjetiva de nossa natureza, especialmente de todas as faculdades, poderes, e afetos de nossas almas, e de todas as suas operações, pertence à nossa bem-aventurança, nem nós podemos ser abençoados sem isto. Toda a glória objetiva no céu não existiria se nossas próprias naturezas não fossem feitas perfeitas, livradas de toda a desordem, movimentos irregulares, e operações fracas e imperfeitas. O que é, então, que tem que dar para nossas naturezas esta perfeição subjetiva? É somente aquela graça da qual nós fomos feitos participantes aqui no começo; porque é nisso que consiste a renovação da imagem de Deus em nós, e a comunicação perfeita daquela imagem a nós é a perfeição absoluta de nossas naturezas. E isto nos leva à última coisa a ser indagada; isto é, quais meios em nós mesmos cumprimos eternamente naquele estado; e isto se dará pela união

inalterável de nossas almas inteiramente a Deus, em amor perfeito e alegria. É por meio disto que a alma alcançará a essência de Deus, e o infinito e as perfeições incompreensíveis da natureza dele.

“Amados, agora, somos filhos de Deus, e ainda não se manifestou o que haveremos de ser. Sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele; porque haveremos de vê-lo como ele é.” (I Jo 3.2).

Esta é a noção do céu com a qual aqueles que são espirituais deveriam estar familiarizados; e o verdadeiro conhecimento disto por fé é um dos caracteres distintivos de crentes. Homens ignorantes podem jogar fora as pedras brutas de diamantes por desconhecerem a glória que elas podem ter depois de lapidadas e polidas. De igual modo, muitos não conseguem enxergar a glória que há na graça que agora opera nos crentes depois que ela manifestar completamente neles o seu trabalho de lapidação. Eles não sabem que brilho e beleza a mão divina dará a isto, depois que o tiver lapidado e polido.

Por isso não podemos reduzir e limitar o objetivo do evangelho ao simples provimento de necessidades materiais das pessoas aqui em baixo. Jesus disse que os pobres, sempre os teremos conosco, quando os apóstolos tentaram dissuadir a oferta de amor que aquela mulher estava prestes a fazer derramando o perfume do vaso de alabastro sobre a Sua cabeça divina. O primeiro e grande mandamento da lei é amar a Deus acima de todas as coisas. Era exatamente

isto o que aquela mulher estava fazendo dirigida pelo Espírito. O evangelho aponta para a morte de Jesus e para a glória que há de se seguir naqueles que estão identificados com esta morte, participando dos seus benefícios espirituais e eternos. E como o simples provimento de coisas materiais pode conduzir alguém à participação disto?

Os pobres podem e devem ser assistidos pela igreja, mas sem que isto venha em primeiro lugar. O nosso empenho de busca não deve ser colocado no pão material que perece, mas no alimento que subsiste para a vida eterna e que somente o Filho do homem pode nos dar (Jo 6.27).

Não é o fato de estarmos sendo providos materialmente que nos estimula à santidade, mas a esperança da glória futura. Como diz o apóstolo João na seqüência ao texto de I Jo 3.2 que destacamos anteriormente de que teremos a exata imagem e semelhança com o Senhor quando Ele se manifestar e que o veremos assim como ele é. Ele diz na seqüência que todo o que tem nele esta esperança se purifica a si mesmo, assim como o Senhor é puro (I Jo 3.3). É portanto enganoso e no mínimo ingênuo o pensamento de muitos líderes de que ensinar o significado das coisas do alto ao povo de Deus é perda de tempo, porque, segundo eles, o que importa mesmo é atender às necessidades presentes e objetivas das pessoas aqui neste mundo. Como já dissemos estas coisas têm o seu lugar e são necessárias,

mas não podem de modo nenhum ocupar o lugar devido àquelas que são espirituais e eternas.

Tendo fixado noções e apreensões corretas sobre as coisas divinas em nossas mentes, é nosso dever pensar nelas grandemente e contemplá-las. Sem isto todas as nossas especulações relativas à natureza das coisas eternas serão inúteis a nós. Aqui repousa a grande prova se nós somos espirituais ou não, em virtude desta regra: "Se nós ressuscitamos juntamente com Cristo, nós prestaremos atenção às coisas do alto Col 3:1).

Aqui repousam os grandes meios por meio dos quais nós podemos atingir maiores graus em nossa santificação, se já se encontra formada em nós, em virtude desta regra: "E todos nós com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito." (II Cor 3.18).

Aqui repousa a grande evidência se nós temos um real interesse ou não nas coisas do alto, se nós colocamos nossa porção e bem-aventurança nelas, em virtude desta regra: "Onde estiver o nosso tesouro, aí estará o nosso coração". Elas são nosso tesouro, nossa porção, nossa recompensa, em comparação com todas as demais coisas que consideramos "perda ou esterco". Se nós não temos nenhum prazer nestas coisas é porque não somos crentes espirituais, mas carnais, porque é o pendor do Espírito quem nos dá este gosto quando andamos nEle, e se temos de fato ocupado o nosso pensamento com as coisas do alto. Mas se

o nosso coração e afetos estão ligados às coisas terrenas, não será provável. Eu estou plenamente certo que não teremos nenhum prazer nisso, porque somos carnis e andamos segundo o homem (I Cor 3.3). Como podemos pensar que alguém que se ocupe o dia inteiro somente com os seus interesses e negócios terrenos, e não tenha o seu pensamento voltado para Deus e as coisas eternas, seja espiritual pelo simples fato de vez em quando ir à igreja ? Quem age desta forma está se iludindo quando pensa que está vivendo a vida de Deus ou de modo agradável a Ele, porque isto somente pode ser experimentado seguindo o pendor do Espírito, isto é, sendo verdadeiramente espiritual, por ter um trabalho contínuo da graça em seu coração.

Poucos homens se preocupam em pensar muito sobre inferno e os seus tormentos perpétuos. Eles puseram bem longe deles o dia mau, e supõem que com o pacto deles com a morte e o inferno estarão seguros. Alguns procuram se convencer que não há nenhum inferno, porque é o interesse deles e desejo que não devesse haver nenhum. Como não têm o Espírito, eles não podem ser convencidos da realidade disto. Alguns pensam que a idéia de existência do inferno seria inconsistente com a bondade de Cristo por deixar qualquer homem naquela condição. Mas como a maioria dos crentes são carnis, como Paulo se refere aos crentes de Corinto, e por conseguinte não espirituais, eles próprios não têm idéias corretas sobre a existência do inferno e não dão o devido valor ao livramento dos tormentos eternos

de que foram livrados por causa de Cristo. É um dever necessário considerar isto, que nós éramos, por natureza, filhos da ira como os demais, e que por isso estávamos sujeitos aos tormentos eternos do inferno, como salário de nossos pecados pessoais.